UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

RONNY NATHAN COHEN

Investigando a Sincronicidade: em direção ao fenômeno do

Sagrado

São Paulo

2013

RONNY NATHAN COHEN

Investigando a Sicronicidade: em direção ao fenômeno do Sagrado
(Versão original)

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Mestre
em Psicologia Clínica

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Safrá

São Paulo

2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Cohen, Ronny Nathan.

Investigando a sincronicidade: em direção ao fenômeno do sagrado / Ronny Nathan Cohen; orientador Gilberto Safra. -- São Paulo, 2013.

??? f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Sincronicidade 2. Sagrado 3. Religiosidade 4. Paradigma I. Título.

BF698

Nome: COHEN, Ronny Nathan

Título: Investigando a Sincronicidade: em direção ao fenômeno do Sagrado

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Mestre
em Psicologia Clínica

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Ao meu pai, Isacco Cohen

AGRADECIMENTOS

A D'us, que sempre sabe mais.. e que dá mesmo quando já não parecemos merecer .. e que tira quando pensamos ser o mais justo receber.. mas que também sabe quando precisamos e quando não.

A meu pai, Isacco, mestre não acadêmico em Sincronicidade muito antes do que eu.. exemplo de força, coragem, disciplina.. e fé.

Ao Prof. Dr. Gilberto Safra, orientador deste trabalho, por ter percebido em mim o que a mim mesmo escaparia.. e por sua *simplicidades*.. assim mesmo no plural, porque composta de dois estágios: o primeiro, sempre desconcertante, e o segundo, imediatamente reconstrutor.. assim ele levou este trabalho: calmamente.

À Prof. Dra. Laura Villares de Freitas, pelas diversas forças e oportunidades que me deu.. sempre com o coração aberto.

Ao Prof. Dr. Andres Eduardo Aguirre Antunez pela ajuda e disposição em participar de minha Banca.

Ao Prof. Dr. Wellington Zangari por dispor-se a compor minha Banca de Qualificação.

A Marcel Proust, irmão intelectual que não conheci, mas que conheceu a intimidade do meu pensamento como ninguém.

A Fredy Cyrulin, interlocutor do dia-a-dia, entusiasta fervoroso e crítico tenaz - mas necessário - deste trabalho, iniciador na construção deste caminho.

A Arie Hamoui, pelas inúmeras salvaçãoes que me proporcionou.. sem você, certamente não teria conseguido.

A Michel Hamoui, pelo interesse, preocupação e bondade.

A Denis Canal Mendes, interlocutor visionário desta construção.

A Marcia Regina Gasparro, irmã de longa data, sempre presente.

A meus entrevistados e os que os apresentaram, sem os quais nada teria sido feito.

A minha mãe, Rachelle, pela torcida e fé e pelo impressionante exemplo de bondade.

E a você, cujo nome não tenho como pronunciar.

May God forgive me for attempting to describe him, and for doing it so poorly...it is at best only an expression of a creature about the Creator. As such, it is limited, inadequate, and ridiculously anthropocentric. God is still beyond our human imagination, understanding, and expression. Here then is only one scene of man's groping after his Creator, the voice of a stammering child calling unto the Parent¹.

(John Mbiti)

¹*Queira D'us perdoar-me por tentar descrevê-lo, e por fazê-lo tão precariamente... é, na melhor das hipóteses, apenas a expressão de uma criatura a respeito de seu Criador. Enquanto tal, é limitada, inadequada e ridiculamente antropocêntrica. D'us continua além da nossa humana imaginação, compreensão e expressão. Eis, portanto, apenas a imagem de um homem tateando por seu Criador, a voz gaguejante de uma criança em direção ao Pai. (MBITI, J., 1970, Tradução nossa)*

RESUMO

O fenômeno de Sincronicidade apresenta-se como um tipo de raciocínio que considera os eventos como elementos significativamente correspondentes inseridos em campos, e não tão somente a partir da ligação causal existente entre eles. A Sincronicidade pode oferecer respostas muitas vezes até mais eficazes do que o raciocínio causal e mostra-se passível de categorização. É hipótese desse trabalho que esse tipo de apreensão da realidade apresente-se mais desenvolvido em indivíduos pertencentes a uma esfera mais religiosa. Para investigar a ocorrência e sua percepção do modo sincronístico de apreensão da realidade em indivíduos de diferentes tipos de religiosidade, foram conduzidas entrevistas semi-dirigidas com representantes de diferentes cultos religiosos e indivíduos supostamente de raciocínio mais cartesiano ou incrédulos, para posterior análise fenomenológica. Trazemos aqui as análises das entrevistas de, por um lado, um indivíduo supostamente mais afetado pelo fenômeno sincronístico - uma praticante sufi - e, por outro, entre os supostamente menos afetados, de um ateu. Notou-se claramente um desenvolvimento maior de uma apreensão sincronística da realidade entre os indivíduos supostamente mais afetados pelo fenômeno e, na medida do possível, conceitou-se particularidades do fenômeno de Sincronicidade, assinalando-se a possibilidade de caracterizá-lo como evento sagrado, em conformidade às concepções apresentadas do fenômeno sacral.

Palavras-chave: Sincronicidade, Sagrado, Religiosidade, Paradigma

ABSTRACT

Synchronicity presents itself as a kind of reasoning that considers the events as significantly corresponding elements inserted into fields, and not solely from the causal link between them. Synchronicity can offer answers often more effective than causal reasoning and shows itself liable to categorization. Working hypothesis here is that this kind of apprehension of reality presents itself more developed in individuals belonging to a sphere more religious. To investigate the occurrence and perception of synchronistic way of apprehending reality in individuals of different types of religiosity were conducted semi-structured interviews with representatives of different religious cults and individuals supposed more Cartesian or unbelievers, for further phenomenological analysis. We bring here the analysis of interviews, on the one hand, an individual supposedly most affected by the phenomenon synchronistic - a Sufi practitioner - and, secondly, between the supposedly less affected, an atheist. It was noted clearly further development of a seizure synchronistic reality between individuals allegedly most affected by the phenomenon, and to the extent possible, it is thought particularities of the phenomenon of synchronicity, indicating the possibility to characterize it as a sacred event, according to the conceptions of the phenomenon presented sacral.

Keywords: Synchronicity, Sacred, Religiosity, Paradigm

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	11
1.1 A história de um Mestrado	12
1.2 Situação social e paradigmática	19
 CAPÍTULO 2 - OS EIXOS TEMÁTICOS	 23
2.1. A Sincronicidade de Carl G. Jung	25
2.1.1 Instinto, Psíquico e Espírito segundo Jung	33
2.2. O sagrado	36
2.3 A Sincronicidade de Marie-Louise Von Franz	43
 CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	 51
3.1 A perspectiva fenomenológica	52
3.2. O percurso metodológico	55
3.2.1. A análise fenomenológica das entrevistas	57
3.3 Os entrevistados	59
3.4 Discussão dos dados obtidos	65
3.4.1. As categorias da Sincronicidade	66

CAPÍTULO 4 – AS ENTREVISTAS	77
4.1. A entrevista da psicóloga sufi – Sabrina	78
4.1.1. Interpretação e discussão da entrevista	88
4.2. A entrevista do ateu – Alexandre	103
4.2.1. Interpretação e discussão da entrevista	106
 CAPÍTULO 5 - A SINCRONICIDADE DISCUTIDA	
A PARTIR DAS ENTREVISTAS	116
5.1. O procedimento	117
5.2. Os pontos divergentes entre as entrevistas	118
5.2.1. A percepção da sincronicidade	118
5.2.2. A sacralidade da Sincronicidade	122
5.2.3. Sincronicidade: princípio natural ou sacralidade?	124
5.3. As semelhanças entre as entrevistas	126
 CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
6.1. Do significado e dificuldades para a realização do trabalho	130
6.2. Do desenvolvimento posterior do trabalho	133
 REFERÊNCIAS.....	135

ANEXOS	140
Transcrição da entrevista da Psicóloga Sufi	141
Transcrição da entrevista do Ateu	205
TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido	231
Parecer Substanciado do Comitê de ética em Pesquisa	237

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

1.1. A História de um Mestrado

O meu interesse no tema surgiu há quase trinta anos, quando estava no início da faculdade de Psicologia. Estava no carro de um amigo – esse não estudava Psicologia – quando ele me pediu para mudar a estação do rádio. Obedeci e ele deu um grito: “Eu tava pensando nessa música agora mesmo...” e logo: “Me explica isso” e eu: “Não sei” e ele: “Sabe sim, você é psicólogo, você tem que saber”.

A verdade é que eu me interessava por essas coincidências sim, mas nunca saberia explicá-las do alto de meu primeiro, segundo ou terceiro ano de faculdade. Ainda hoje tento entendê-las... O fato é que parece que não fui eu quem escolheu o tema que me seria tão caro ao longo de toda a vida até aqui – e nada indica que vá ser diferente daqui para a frente. Falando bem junguianamente – hoje sei – fui escolhido por ele. Em busca de explicações para minha mais nova responsabilidade – e sincronisticamente – não me lembro bem como, me deparei com aquela famosa música da banda de rock *The Police* chamada *Synchronicity* e cheguei à definição que naquela época me satisfez: Sincronicidade quer dizer que coincidências não existem, tudo não passa de manobras do inconsciente. Então se acontecia uma coincidência era porque o inconsciente assim queria e quem era eu, estudante de Psicologia, para lutar contra ele? Mas a partir de então, já pela frequência, entendia que se ocorria uma coincidência ela queria me dizer algo – e eu lhe era reverente.

Ao meu ver, meus estudos pessoais e empíricos das sincronicidades acabavam sendo mais eficientes do que diversos conselhos que recebia ou as abordagens cartesianas que qualquer sensatez indicaria. Com o tempo, o guiar-me pelas Sincronicidades foi tomando conta de todos os aspectos de minha vida e abandonei por completo a preponderância do raciocínio cartesiano. Entregando-me quase que

totalmente, ou, pelo menos, de modo desproporcionalmente mais preponderantemente sincronístico a todas as questões da vida, pude inferir leis subjacentes a essa abordagem, pelo menos quanto à minha experiência puramente empírica desse tipo de fenômeno. Diante das recorrentes falhas do cartesianismo e da acachapante eficiência das sincronicidades, me perguntava se não seria, então, mais útil dedicar-me a estudar as leis que, de fato, regiam essa realidade, pelo menos do modo como a mim se apresentava.

Alguns autores falam desse tipo de apreensão da realidade como de um retorno ao infantil (ROBBINS, 2011) e também à mente arcaica, o que faz totalmente sentido do ponto de vista da regressão psíquica diante de dificuldades. Também há os que defendem que em períodos de transição ou que envolvem muita emoção, as sincronicidades aparecem com maior frequência (HOPCKE, 2007). É o *abaissement du niveau mental* de que fala o próprio Jung:

A aplicação de leis estatísticas a processos da ordem de grandeza do átomo na Física tem uma correspondência notável na Psicologia, na medida em que esta investiga as fases da consciência, isto é, na medida em que acompanha os processos conscientes até o ponto em que eles se desvanecem na obscuridade e na incompreensibilidade e onde não se enxergam senão os feitos que têm influência organizadora sobre os conteúdos da consciência...A Física determina quantidades e suas mútuas relações; a Psicologia determina qualidades sem ser capaz de medir qualquer quantidade que seja. Apesar disto, essas duas ciências chegam a conceitos que se aproximam significativamente uns dos outros... Embora os dados psicológicos obtidos sejam essencialmente qualitativos, contudo, eles possuem uma espécie de energia “física” latente, pois os fenômenos psíquicos apresentam um certo aspecto quantitativo. Se estas quantidades pudessem ser medidas, a psique nos apareceria como algo que se localiza e se movimenta no espaço, como alguma coisa à qual se poderia aplicar a fórmula da energia. Por isto, como a massa e a energia são da mesma natureza, a massa e a velocidade deveriam ser conceitos adequados à psique, porque esta produz efeitos observáveis no espaço, ou, em outras palavras: ela deveria possuir um aspecto sob o qual aparecesse como uma massa em movimento... (JUNG, C.G., 1971, pág. 168-169, 171, 173)

Essa associação energética é também amplamente defendida na filosofia chinesa aqui revisitada através do I Ching:

O objetivo do texto é explicar que a matéria é produto da energia. O luminoso e o obscuro são energias. Da interação dessas forças nasce a matéria... A matéria constitui a forma, a vida de todos os seres no céu e na terra, mas é sempre a energia que a mantém em movimento. (WILHELM, R., 1988, pág. 261.)

e mesmo na Antropologia Sinérgica de Sergey Horujy:

A concepção energética e não essencialista do ser humano implica que o homem está sempre em constituição e esse processo acontece de modo contínuo...o processo de arrependimento, por exemplo, move a pessoa a um novo mundo: novos padrões de comportamento...Há um paralelo com a Física onde se observa que a energia externa agindo sobre um sistema de energia instável promove a transformação desse sistema. A energia externa é o divino...(HORUJY, 2011)

Esta dissertação é a tentativa de formalização acadêmica desses estudos, a dialógica com autores que, surpreendentemente para mim, perceberam facetas comuns às que experimentei empiricamente e buscarei fazê-las dialogar com diversas áreas do conhecimento humano ao longo da história. Neste processo de aprofundamento, ou da tentativa de passagem de um saber puramente empírico e pessoal a um conhecimento, porém, me parece, pelo menos até onde pude averiguar, que os conhecimentos sobre Sincronicidade poucas vezes ultrapassaram os questionamentos sobre a transcendência ou a ontologia do fenômeno e, quando o fizeram, caíram, apenas, no relato de

experiências, sem dúvida interessantes, ou num achatamento do fenômeno em uma tecnologia fria, quase artificial.

De meu lado, vejo o universo da apreensão sincronística como de uma riqueza infindável, mais ligada, porém, à ressacralização, à validação da sabedoria ao lado do conhecimento, aos processos psicológicos pessoais, espirituais quando falam de uma religiosidade que vai além do conjunto de regras institucionalizadas, a camisa-de-força em que se transformam muitas religiões, sufocando o sentimento que lhes deu origem (ARCURI, 2007), ao diálogo com a transcendência. Enfim, ao aspecto mais originário do ser humano, em contraposição ao cientificismo desenraizante. Paradoxalmente, a Sincronicidade, para mim, guarda também a luz da tecnologia mais adiantada, um conhecimento ainda não alcançado e apenas alcançável a partir da mais absoluta transformação dos parâmetros de nosso tempo, sentimento esse cada vez renovado a cada edição inovadora do fenômeno. O que me faz de imediato pensar, por um lado, que, por mais que evolua, o homem não conseguirá livrar-se de sua condição originária ou que, por outro, o sentimento da hiper-tecnologia lhe tenha sempre sido constituinte, configurando, por fim, um arquétipo. Assim como o novo passo tecnológico nos anos 60 foi ter alcançado a Lua, num passado distante a conquista do fogo também deve ter aparecido como um salto tecnológico. A falta de percepção racional não anula a percepção imediata, instintiva. Não hesitaria em dizer que a Sincronicidade deve ter contribuído nesse salto. O descolamento científico, como característica psíquica, é que constitui a novidade, relativamente recente, no comportamento humano, e não o fato do mérito de suas conquistas. Portanto, não há motivos para pensar que nos livramos completamente do primitivismo. E continuamos perplexos diante das novas conquistas tecnológicas.

Nesse trabalho, procurei articular essas observações com as contribuições dos pensadores das diversas áreas citadas mais acima, procurando aproximá-las de uma validação ao menos pré-científica ou, ao menos, de uma abordagem complementar. Wolfgang Pauli² é ainda mais radical e situa o método científico dentro mesmo da apreensão sincronística, apenas como caso particular. Longe de constituir um conhecimento científico estabelecido dentro das normas vigentes, esse estudo, no entanto, aproxima uma observação empírica - neste ponto já substantiada pela dialógica oriunda de uma pesquisa fenomenológica – de uma tradição de conhecimento onde diversas abordagens se encontram. O resultado, se não atinge a replicação científica, alcança a possibilidade de uma linguagem comum, dentro da qual o questionamento dos parâmetros científicos é ponto pacífico.

Mais do que uma leve variação das idéias de Jung sobre Sincronicidade, que foi o que mais encontrei na pesquisa da literatura, esse estudo procura ir além, focar-se nos aspectos da realidade empírica do fenômeno, aprofundar e abstrair suas particularidades e seu alcance, entrar mesmo no mérito da questão. É preciso, entretanto, ser humilde, em um assunto tão difícil, qualquer avanço já me parece compensador. Apenas reconhecer algumas dessas particularidades extraídas da minha

² Wolfgang Pauli (1900 – 1958), físico austríaco, ganhou o Premio Nobel de Física em 1945 por sua descoberta de um novo princípio da natureza, o Princípio de exclusão de Pauli. Pauli foi um grande colaborador para o desenvolvimento do conceito de Sincronicidade de Jung. Grande parte das discussões entre os dois sobre o assunto estão nas cartas que trocavam, publicadas atualmente como “Atom and Archetype”. Na citação seguinte fica clara a ideia que fazia da relação entre os fenômenos acausais e o pensamento científico: “... *la possibilité des lois de la nature m’a toujours paru fondée sur la coïncidence archétypique de nos attentions (psychique) avec un phénomène naturel extérieur (physique). Pour l’organisateur abstrait, la distinction “physique-psychique” n’existe justement pas. Sur ce point il me semblerait que la “pensée scientifique” serait seulement un cas particulier parmi des possibilités plus générales*”. “... a possibilidade das leis da natureza sempre me pareceu fundamentada na coincidência arquetípica de nossas expectativas (psíquica) com um fenômeno exterior (físico). Para o organizador abstrato, a distinção “físico-psíquico” justamente *não* existe. Sobre este ponto, me pareceria que “o pensamento científico” seria apenas um caso particular entre possibilidades mais gerais”(PRIMÁS, H., 1996, - Tradução nossa).

experiência empírica na obra de outros autores, ainda que disfarçadamente, com apenas alguns pontos de contato, me pareceu amplamente alentador. Portanto, se a Sincronicidade foi caracterizada como uma relativização do tempo e do espaço pelo próprio Jung, por exemplo, em quais condições e em que medida se dá essa relativização? Em que as novas conceituações sobre o tempo alteram o conceito de Sincronicidade? Se é um fator de regulação psíquica, quando e em que condições aparece? Há graduações? Quais são elas? Se é capaz de influir o processo de constituição psíquica, existem formas de otimizar essa influência? Quais? Essas e outras perguntas devem ser respondidas para que haja uma efetiva transformação dos paradigmas de análise da realidade e a inclusão da Sincronicidade neste processo, como elemento complementar, objetivo preconizado pelo próprio Jung. Esse estudo é um esforço nessa direção. Se não pretende respondê-las, também não se contenta apenas em repetir as palavras do mestre ou manter-se na periferia do assunto. Para retirar a Sincronicidade do posto de curiosidade ou de desconfiança a que sempre foi relegada, de um misticismo duvidoso e inconseqüente, é preciso penetrar em seus recantos obscuros ao nível empírico. As discussões sobre sua transcendência são, sem dúvida, importantes, mas em um momento primário, conceitual. Há todo um universo mais próximo à técnica a ser clarificado e explorado. E se foge dos parâmetros científicos, mas aparece como fundamental na vida dos mais diversos seres humanos, é preciso encontrar o seu lugar devido e validá-lo. Talvez nem tudo seja científico, mas nem por isso inválido. O cientificismo se apodera de tudo que é eficaz. Na verdade tudo que é eficaz subsiste e o que deixa de ser, desaparece. E isso, como dissemos, não é uma novidade de que se apoderou a ciência moderna, é imemorial. Pois então o que fazer com a alta eficácia de alguns processos sincronísticos? Estudá-la! É a isso que vamos agora.

No tocante à estrutura do trabalho, primeiramente vamos situar o estudo dentro da situação social e paradigmática atual, à luz dos estudos de autores junguianos como Giacomo Giaccardi (2008) e David Tacey (2008).

Em seguida, faremos um apanhado do conceito de Sincronicidade assim como desenvolvido por seu criador, C. G. Jung. Para isso, dialogamos com Murray Stein, que localiza o conceito dentro da obra total de Jung, possibilitando tanto sua fidedignidade como sua inter-relação e historicidade.

Logo depois, passamos à caracterização do sagrado, como que deixando o campo arado e preparado para a sua relação com o conceito de Sincronicidade. Para isso baseamo-nos, sobretudo, nas conceituações de Rudolf Otto e Mircea Eliade a respeito da sacralidade e suas adjacências.

A seguir destacamos a Fenomenologia como abordagem metodológica privilegiada para o trabalho com os processos sincronísticos. Dulce Mára Critelli e Ângela Ales Bello fornecem os subsídios teóricos para essa fundamentação e Anne Flood ensina a prática. Nessa seção, incluímos uma categorização dos diversos tipos de sincronicidades que se apresentaram durante o percurso de toda essa vivência com relação à Sincronicidade.

O trabalho dialógico dessa pesquisa se dá por meio de entrevistas de modo a confrontar duas visões, por um lado, aqueles que têm o fenômeno de Sincronicidade em larga conta, e, por outro lado, os que não lhe creditam muito valor. Para tanto, selecionamos para integrar este trabalho, dentre as entrevistas realizadas, de um lado, a de uma praticante sufi, que também é psicóloga clínica junguiana, e, do outro, a de um ateu convicto. O que está sob investigação aqui é um fenômeno complexo – o teor

perceptivo dos eventos sincronísticos e seus efeitos, isto é, como são percebidos os fenômenos sincronísticos por indivíduos com tipos distintos de implicação religiosa.

1.2. Situação Social e Paradigmática

Caberia, antes de mais nada, perguntarmos por que e em qual contexto pode se dar um estudo sobre Sincronicidade.

Atualmente encontra-se presente nas pessoas o sentimento crescente e generalizado de que algo vai mal, algo falta. Paradoxalmente, os mecanismos para uma tentativa de maior racionalização dos processos do cotidiano ganham força. O homem moderno busca avidamente a própria liberdade e, para isso, faz uso indiscriminado de sua racionalidade. O que ocorre, no entanto, é como que um descolamento das duas dimensões. Por um lado, sente-se um desconforto, um vazio e, por outro, a racionalidade, baluarte da salvação da sociedade moderna, nos empurra a uma direção em que, no final, não se encontra o que se busca e aquilo que se encontra não alivia o sofrimento. Ao contrário, só o faz aumentar. Assim, os últimos modelos dos produtos não nos satisfazem, a descartabilidade das relações tampouco nos preenche, e o vazio dos relacionamentos estabelecidos causa sofrimento ainda maior, pois carrega em si a frustração da esperança.

Subrepticiamente, urge a necessidade de entender por que, inúmeras vezes, os produtos da ciência falham quando mais precisamos deles, por que aqueles que deveriam acolher-nos, não o fazem. As explicações místicas e alternativas se elevam

com toda a força para tentar tornar inteligível aquilo que ficou prometido e não aconteceu.

A tendência agora é a de uma tentativa de ratificar o lado obscuro da experiência humana. O deslumbramento positivista apolíneo cede e o retorno a um caldo dionisíaco vem ganhando espaço e apresentando seus produtos, dentre os quais podemos citar o recente fenômeno da globalização, que surge, sintomaticamente, como resposta à configuração de dificuldades que aparecem como intransponíveis.

Dionysos est le dieu qui libère les instincts collectifs et provoque une frénésie débridée. Il représente le moment où les formes individuelles d'existence s'effondrent et poussent les êtres humains à s'immerger dans une expérience d'unité primordiale collective... Nietzsche considère que l'expérience dionysiaque précède l'expérience apollinienne... (GIACCARDI, G. - Cahiers Junguiens, 2008)³

A religiosidade e a espiritualidade retornam num ambiente derrotado. Há o que David Tacey (2008) chama de o “retorno do numinoso” que, segundo ele, significa “comando”, trazendo o aspecto terrificante da vontade divina. Citando Otto, diz que *numinoso*⁴ *é aquilo que toma o comando e substitui sua vontade à nossa*. Tanto mais terrificante é a verificação dessa substituição em tempos do apogeu do cientificismo, do controle da repetibilidade, da causalidade e de sua eficácia. Começamos a olhar em volta a partir do lugar a que fomos levados, questionando o avanço indiscriminado do

³ *Dioniso é o deus que libera os instintos coletivos e provoca um frenesi desenfreado. Ele representa o momento em que as formas individuais de existência entram em colapso e levam os seres humanos a imergir em uma experiência de unidade primordial coletiva... Nietzsche considera que a experiência dionisíaca precede a experiência apolínea... (GIACCARDI, G. - Cahiers Junguiens, 2008 -Tradução nossa)*

⁴ Esse conceito é mais desenvolvido logo abaixo

progresso e buscando resgatar a importância de alguns valores perdidos do passado.

Como bem o notou Thomas Kuhn,

o novo paradigma torna-se razoável, depois aceitável para os espíritos avançados, e, finalmente, irresistível. Chega-se a uma virada e o novo paradigma vem a substituir o anterior que tinha-lhe sido hostil. (KUHN, T. apud TACEY, D., 2008)

É nesse contexto que vem se inserir a psicologia de Jung. Indigesta a boa parte da classe intelectual, suas proposições só podem ser abordadas à luz de uma espiritualidade reconciliada com a cientificidade e com a filosofia, sob forma de uma psicologia das religiões, do alcance da virada epistemológica como a desenvolvida por James Hillman (2010), por exemplo.

Por pressupor a existência de forças superiores, a psicologia de Jung - e o fenômeno de Sincronicidade de modo particular - caracteriza-se como uma psicologia religiosa (TACEY, 2008)⁵ e, portanto, ocupa um lugar de destaque neste novo cenário

⁵ *Le modele de la psyché proposé par Jung et la compréhension qu'il a de la structure de la personnalité et de sa transformation expriment un sens du sacré. Les archétypes sont les "dieux" de l'esprit universel et le processus d'individuation implique une dialectique entre la volonté du moi et la volonté de forces supérieures ou archétypes. Cette forme de psychologie est "religieuse" dans la mesure où l'on ressent qu'il existe des forces supérieures, qu'elles sont réelles, qu'elles sont efficaces et qu'elles influencent la structure de la personnalité et les étapes du développement. (O modelo de psique proposto por Jung e a compreensão que ele tem da estrutura da personalidade e de sua transformação exprimem um sentido do sagrado. Os arquétipos são os "deuses" do espírito universal e o processo de individuação implica uma dialética entre a vontade do eu e a vontade de forças superiores ou arquétipos. Esta forma de psicologia é religiosa na medida em que sentimos que existem forças superiores, que elas são reais, que elas são eficientes e que elas influenciam a estrutura da personalidade e as etapas do desenvolvimento. TACEY, D. Le Sacré em question, in Cahiers Junguiens de Psychanalyse, 2008 - pág. 96 – Tradução nossa)*

Por forças superiores são entendidos, neste ponto, portanto, os conceitos de inconsciente coletivo, arquétipo, alma, si-mesmo ou espírito, assim como fundamentados por Jung, isto é, elementos em relação aos quais a consciência estaria em estado de subordinação, e que, por isso mesmo, podem ser chamados de superiores ou transcendentais a ela. Entretanto, esses se distinguem, por exemplo, do inconsciente freudiano – que, também, poderia, neste sentido, ser entendido como uma força superior, por imposição à consciência – pelo fato que em Jung esses elementos tomariam parte em um horizonte ontológico do ser humano, enquanto que, em Freud, essa ontologia seria, ela mesma, meramente um desenvolvimento da questão edípica. Com efeito, Freud foi um ateu convicto e essa convicção se refletiu plenamente em sua própria obra, de modo que a questão religiosa é vista como produto direto das relações edípicas que se

pós-moderno, inclusivo da espiritualidade. Por sua ótica, no lugar de condutores governantes deveríamos contentar-nos em sermos, mais propriamente, os veículos objetos das idéias e do espírito de cada tempo.

Dionysos appartient à l'époque archaïque... la voix d'accès au numineux requiert de l'individu un type d'attitude différent qui s'attache plus à déconstruire qu'à construire, qui permet l'accès à un chaos créatif et à la capacité de se laisser provisoirement submerger par ce chaos... Le dionysiaque est comparable à l'ivresse qui dissout l'individuel dans les instincts et les contenus collectifs, à un démembrement du moi différencié du monde..La dynamis créatrice, la libido sous sa forme d'instinct, s'empare de l'individu comme d'un objet et l'utilise comme un instrument ou moyen d'expression (JUNG, C.G. Tipos Psicológicos pág. 134-135 apud GIACCARDI, G., 2008)⁶

Esse lugar deveria, como o disse Jung a respeito do inconsciente coletivo, *ser objeto da mesma inspiração com que reverenciamos a lei e a ordem.*

O novo impulso vem das camadas mais simples, jovens e dos artistas. A vitória recente da democracia e a ascensão de nações mais pobres, como a nossa própria, a um lugar de destaque no cenário mundial são produtos desse novo paradigma, bem como a hiper-relativização dos poderes através das mídias eletrônicas. Para tanto, novos sub-paradigmas vêm e devem vir para dar conta dessa nova realidade.

estabelecem na vida do indivíduo (FREIRE, 2012). É preciso esclarecer, também, que em absoluto se entende aqui psicologia religiosa como uma psicologia cujos fundamentos estariam em adequação aos ditames de alguma religião instituída, qualquer que seja ela.

⁶ *Dioniso pertence à época arcaica... a via de acesso ao numinoso requer do indivíduo um tipo de atitude diferente que visa mais desconstruir que construir, que permite o acesso a um caos criativo e à capacidade de se deixar provisoriamente submergir por esse caos... O dionisíaco é comparável à embriaguez que dissolve o individual nos instintos e os conteúdos coletivos, a um desmembramento do eu diferenciado do mundo.. A dinâmica criativa, a libido sob sua forma de instinto, toma conta do indivíduo como de um objeto e o utiliza como um instrumento ou meio de expressão (JUNG, C.G., Tipos Psicológicos pág. 134-135 apud GIACCARDI, G., 2008. Tradução nossa)*

É nesse contexto que pretendemos inserir esse estudo sobre a Sincronicidade. Como tentaremos mostrar, esse fenômeno adere tanto ao sagrado primitivo quanto às mais novas fronteiras científicas. No âmbito das diretivas científicas do mundo moderno, onde, cada vez mais, o tempo vem se tornando a mercadoria suprema, de maior e mais crescente valor, os estudos sobre a Sincronicidade podem representar uma nova fronteira. Parece-nos, pois, indispensável no momento atual, procurar entendê-la melhor as particularidades.

CAPÍTULO 2 - OS EIXOS TEMÁTICOS

Parece, de fato, que no cotidiano da vida, entremeiam-se, de modo nem sempre distinguível, dois tipos de apreensão da realidade: uma mais racional e uma mais irracional, intuitiva. Essa última se aproxima muitas vezes de uma apreensão sincronística. Por vezes, dirigimo-nos à experiência – e ela a nós - de um modo causal, racional, controlador e, por outras, de um modo eminentemente diferente, aparentemente intuitivo, irracional, reativo. Aí, incluem-se nossos atos supersticiosos, nossas crenças irracionais, aquelas coisas que fazemos porque acreditamos que dão certo por si-mesmas, sem explicação causal como, por exemplo, compras por impulso ao deparar-nos com produtos nos quais tínhamos pensado dias antes, compromissos que são desmarcados por coincidências inusitadas, etc. É quando os fatos como que se nos escapam. Nossa hipótese é, então, de que se possa incluir os fenômenos de sincronicidade, em suas várias facetas, na categoria do sagrado. É quando a categoria do sagrado, do *numinoso*, se nos impõe. Quando a vida parece nos impor seus planos para além nós mesmos. Rudolf Otto, que foi quem cunhou o termo, esclarece:

Falo de uma categoria numinosa como de uma categoria especial de interpretação e de avaliação e, da mesma maneira, de um estado de alma numinosa que se manifesta quando esta categoria se aplica, isto é, sempre que um objecto se concebe como numinoso. Esta categoria é absolutamente sui generis; como todo dado originário e fundamental, é objecto não de definição no sentido estrito da palavra, mas somente do exame. Só se pode tentar fazer compreender o que é procurando que a atenção do ouvinte se dirija para ela e fazendo que este encontre, na sua vida íntima, o ponto onde aquela vai aparecer e jorrar, se bem que venha a tomar necessariamente consciência dela. Podemos juntar a esse processo o de indicar as suas relações ou oposição característica com os fenômenos que se apresentam noutros domínios melhor conhecidos da vida espiritual. Acrescentamos então: “O nosso X não é idêntico a este, mas aproxima-se dele; opõe-se-lhe. Não tens já por ti próprio a idéia dele?” Por outras palavras, o nosso X não pode ser objecto do ensino propriamente dito; só pode ser excitado, despertado, como tudo que procede do espírito (OTTO, R., 1997, pág. 15)

Essas categorias se entremeando-se, muitas vezes, de modo indistinguível, enganamo-nos ao pensar que lidamos com nossa religiosidade e espiritualidade de modo isolado, quando, por exemplo, nos dirigimos aos nossos templos ou igrejas para orar. Não, o numinoso, o sagrado, irrompe constantemente em nossas vidas sem pedir licença mas, também, é verdade, permite-nos acessá-lo quando, por qualquer motivo, nos ligamos a ele de modo intencional.

Neste trabalho, procuraremos avaliar em que medida é possível caracterizar a Sincronicidade como um tipo de evento pertencente a essa categoria, como evento sagrado. Para isso trataremos, antes de mais nada, de explorar esses ambientes, o da Sincronicidade e o da sacralidade. Assim, estaremos procurando verificar sempre que possível o sentido dessa correlação.

2.1. A Sincronicidade de Carl G. Jung

Em busca da fundamentação de seu conceito de Sincronicidade, Jung constata que as descobertas da Física moderna demonstraram a validade apenas estatística e a verdade apenas relativa do princípio da causalidade na explicação dos processos naturais, e, portanto, que a ligação entre os acontecimentos pode, em determinadas condições, ser de natureza diferente da ligação causal e exigir outro princípio de explicação.

O recorte, no mundo do acaso, dos fenômenos tidos como supostamente acausais fornecem o universo de seu interesse, sobretudo quando formam séries de eventos cuja frequência excede os limites da probabilidade, ou seja, quando há entre

eles uma conexão cruzada significativa ou coincidência significativa ou, ainda, sincronicidade. As coincidências significativas são combinações singulares de acasos unidas entre si pelo sentido comum de suas partes e resultando em um todo inconfundível. São, segundo Jung, acontecimentos casuais tão improváveis que é preciso admitir que se baseiam em algum princípio ou alguma propriedade do objeto empírico. Jung chamou esse princípio de Sincronicidade.

O caráter aperiódico, mas ainda assim irrefutavelmente impressionante das coincidências significativas intrigou pensadores de todas as épocas e suscitou as mais diferentes interpretações desde a determinista *maravilhosíssima harmonia praestabilita* (harmonia pré-estabelecida) de Schopenhauer até as recentes experimentações científicas de Rhine que comprovaram ser possível admitir a elasticidade psíquica do tempo e do espaço, como produto do inconsciente – e mais especificamente do inconsciente coletivo e seus representantes, os arquétipos. Esses experimentos demonstraram também o papel positivo desempenhado por disposições afetivas tais como o otimismo e a fé na ocorrência de fenômenos sincronísticos do tipo ESP (Extra-Sensory Perception - Percepção Extra-Sensorial) e forneceram a base empírica que Jung necessitava para fundamentar seu conceito de Sincronicidade.

Assim, Jung define Sincronicidade como a simultaneidade de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos que aparecem como paralelos significativos de um estado subjetivo do momento e, em certas circunstâncias, também vice-versa. Neste, sentido, o estrito, um conteúdo inesperado que está ligado a um acontecimento objetivo exterior coincide com o estado psíquico ordinário, não importando que sua objetividade apareça separada de minha consciência no espaço e no tempo. Se, por um lado a causalidade pressupõe um continuo tempo-e-espaço, essas grandezas são relativizadas pelos fenômenos de Sincronicidade e, portanto, a conexão entre fatores

significativamente coincidentes deve ser necessariamente concebida como acausal. É o caso de imagens psíquicas que se encontram em uma relação significativa, análoga ou equivalente com acontecimentos objetivos que não têm com elas nenhuma relação causal reconhecível ou mesmo imaginável.

De modo esquemático pode-se dizer:

1. Uma imagem inconsciente alcança a consciência de maneira direta (literalmente) ou indireta (simbolizada ou sugerida) sob forma de sonho, associação ou premonição.
2. Uma situação objetiva coincide com esse conteúdo.

Uma vez que não se pode explicar a coincidência de modo causal, resta-nos admitir uma equivalência de sentidos.

A partir disso, é possível supor no inconsciente a existência de uma espécie de conhecimento ou presença a priori dos acontecimentos sem qualquer base causal. Isso, por sua vez, leva a crer numa unidade entre a psique e o mundo, o *unus mundo*. Mas, se sabemos mais do que pensamos que sabemos, há um conhecedor desconhecido que transcende o tempo e o espaço e que está aqui e ali: o si-mesmo. Seria o caso, por exemplo, daquelas verdades pressentidas, como quando a pessoa já parece saber o que íamos contar. No inconsciente haveria um conhecimento absoluto do mundo, o *olho de Deus*. Ora, isso aproxima o conceito de Sincronicidade da religião. Jung pretendeu a partir de seu conceito de Sincronicidade, aplicar o método racional e científico a fenômenos cuja natureza religiosa e quase mágica comumente os excluiu da discussão científica, tentando forjar uma ligação entre os dois principais focos culturais dominantes do Ocidente, ciência e religião.

Jung cita o aparecimento de coincidências significativas em situações de total impossibilidade de se lidar com determinada situação por parte do consciente. Ou seja, em determinadas situações, quando o consciente se vê bloqueado por impossibilidades, irrompe o inconsciente por meio de coincidências significativas, fornecendo, muitas vezes, a saída. Houve o famoso exemplo de sua paciente cujo processo analítico não avançava e que tinha sonhado com um escaravelho dourado. Durante sua sessão analítica com Jung, discutiam esse sonho quando repentinamente Jung escuta um barulho de algo batendo na janela. Abrindo-a, percebe um inseto debatendo-se contra a vidraça. Apanhando-o em pleno vôo, Jung vê que se trata de um besouro-rosa, a versão mais próxima que se poderia encontrar ali de um escaravelho e mostra-o a sua paciente. A partir desse fato, assiste ao desabrochar de seu processo analítico.

Como um dos fatores de bloqueio da consciência, Jung reconheceu a importância dos afetos. Cita Alberto Magno (1193 ou 1206 a 1280): *Habita na alma humana certo poder de mudar a natureza das coisas, de subordinar a ela outras coisas, particularmente quando ela se acha arrebatada num grande excesso de amor ou de ódio*. Essa colocação diz de uma natureza energética, isto é, quantitativa, envolvendo os assuntos psíquicos, ponto que se mostrará importante mais adiante neste trabalho. Assim, os fenômenos sincronísticos, segundo Jung, manifestam-se mais frequentemente quando a psique está funcionando num nível menos consciente, aquilo que ele chamava de *abaissement du niveau mental*, sob um influxo maior dos conteúdos inconscientes, como acontece nos devaneios. Quando o funcionamento cognitivo recobra o controle das operações, fecha-se a porta para os fenômenos sincronísticos.

Estabelecidas essas caracterizações, Jung resgata a vocação abrangente de seu conceito confrontando-o com a parcialidade representada pela investigação científica no sentido de uma limitação da expressão da Natureza e situando-o ao lado de abordagens

globalizantes como a da filosofia chinesa do I Ching ou da Astrologia, em que esta expressão natural é captada como um todo, isto é, sem restrições ao processo natural. É essa, ainda hoje, a crítica corrente ao método científico, seja a de um recorte artificial da realidade empírica.

Não obstante, na busca por uma fundamentação científica de dados para o conceito de Sincronicidade, Jung enxerga a fragilidade da filosofia chinesa do I Ching como base para uma avaliação exata e parte para um experimento servindo-se da Astrologia. Com isso, pretende conseguir a manifestação do processo natural sem restrições e garantir a legitimidade conceitual uma vez que a Sincronicidade representa a base do pensamento astrológico, já que, desde os tempos mais remotos, os planetas, casas astrológicas, signos zodiacais e aspectos astrológicos vêm sendo utilizados para a interpretação de determinada situação com base na coincidência significativa entre a estrutura horoscópica e o caráter, postulada pela Astrologia.

Para seu experimento, Jung seleciona um aspecto que elimina a incerteza referente aos traços de caráter, substituindo esse aspecto da pesquisa astrológica por um resultado certo e indubitável: a união matrimonial de duas pessoas. Empreende, então, uma pesquisa para a verificação da ocorrência, na realidade do matrimônio, dos aspectos favoráveis postulados pela técnica astrológica para tal fenômeno. Essa pesquisa acaba por mostrar, segundo ele, uma combinação casual, não só prática como teoricamente improvável, que coincide com as expectativas astrológicas tradicionais, descortinando uma conexão sincronística para o próprio experimentador, no caso, o próprio Jung. Ainda assim, esse experimento termina por mostrar-se bastante obscuro sem, contudo, invalidar o autoevidente poder do conceito de Sincronicidade.

A partir da relativização do tempo e do espaço que ocorre com os fenômenos sincronísticos, Jung chega a uma re-conceitualização da própria psique. Para ele, esses fenômenos mostram que ela não está limitada, em absoluto, às fronteiras da mente humana. Ao contrário, a psique é objetiva no sentido de o inconsciente ser um domínio de objetos – complexos e imagens arquetípicas – assim como o mundo é feito de coisas e pessoas. Esses objetos afetam o ego tanto quanto a realidade externa e ele tem que relacionar-se com ambos. O que poderia parecer paradoxal é que à medida que se entra mais em contato com os conteúdos da psique objetiva, que se penetra mais fundo no intimamente subjetivo, o que se encontra é o universalmente verdadeiro. O inconsciente é, de fato, regular, previsível e coletivo⁷.

Esses padrões recorrentes configuram os arquétipos. Entretanto, Jung desconfia da natureza puramente psíquica desses arquétipos. Psicóides, eles promoveriam, através da identidade relativa ou parcial entre a psique e o contínuo físico, a transposição do aparentemente incomensurável abismo entre o mundo físico e o psíquico, processo que Jung chamou de *transgressividade*. Em outras palavras, Jung enxerga vastas áreas de identidade entre as mais profundas configurações da psique, isto é, imagens arquetípicas, e os processos e padrões evidentes no mundo físico. Assim, ironicamente, a *participation mystique* não teria desaparecido por completo. Segue-se daí,

⁷ É importante, no âmbito de um trabalho sobre Sincronicidade, tornar mais claras as noções junguianas de subjetividade e objetividade. A subjetividade está ligada ao complexo egóico, no qual se aloca a consciência, mas que não o esgota. Conteúdos inconscientes pessoais também tomam parte no complexo egóico, formando a subjetividade. O complexo do ego, está, no entanto, sujeito às influências dos arquétipos que compõem o inconsciente coletivo, este situado em um nível mais profundo com relação ao inconsciente pessoal. Assim, pensamentos ou intuições podem chegar ao ego mas não necessariamente provindos da subjetividade. Vindos dessas camadas mais profundas do inconsciente coletivo, estes pensamentos ou intuições não estariam ligados à subjetividade, mas, seriam, pelo contrário, objetivos, no sentido de pertencer ao arcabouço humano como um todo. Quanto mais descemos da consciência em direção aos conteúdos inconscientes, portanto, mais objetivos nos tornamos, pois lidamos com elementos universais, comuns a todos os homens, coletivos, enfim. Nesse ponto a psique se torna objetiva, composta por objetos comuns à toda humanidade, passíveis de aflorar e relacionar-se com toda consciência, e, por isso, distante de toda subjetividade. Decorre daí a típica concepção junguiana segundo a qual a psique não pode ser limitada nem identificada com a mente humana.

primeiramente, que os arquétipos não são exclusivamente psíquicos, situando-se no contínuo com o mundo físico e, inversamente, que o mundo físico, em suas profundidades, assim como exploradas pela Física Moderna, é tão misterioso e espiritual quanto a psique. Ambos, psique e mundo físico dissolvem-se em pura energia e podem ser unidos por equações matemáticas e postulados empiricamente deduzidos – os arquétipos. Não derivam um do outro. Antes, são duas realidades paralelas que estão sincronicamente relacionadas e coordenadas e os fenômenos sincronísticos permitem evidenciar a contraparte dos arquétipos no mundo físico.

Uma vez que não se pode explicar a coincidência de modo causal, resta-nos admitir uma equivalência de sentidos entre seus termos, ainda que sejam estes um estado psíquico por um lado e, por outro, um acontecimento externo e independente. Ainda que não possamos provar a existência de um sentido objetivo, um organizador abstrato, é preciso admiti-lo pois há o perigo de cair na tentação de uma causalidade com relação ao arquétipo, esquecendo que se trata de uma contingência, ou da causalidade mágica entre os termos. Se, todavia, um fenômeno não se encaixa no nosso rol de explicações, é preciso procurar aumentá-lo e não ignorar essas questões. Disso depende a maior compreensão do funcionamento do inconsciente, para além das implicações filosóficas. O princípio da Sincronicidade baseia-se em fatos e observações empíricas.

Jung traça, então, um inventário dos precursores da Sincronicidade, ou seja, as filosofias que admitem outras abordagens que não a causalidade. Cita o conceito chinês do Tao – o sentido comum a todas as coisas, sentido esse que tornaria possível a sincronicidade. Na teoria medieval da Correspondência, a ênfase está na união de todas as coisas ao Criador. A ciência moderna, por sua vez, recortou os acontecimentos e conferiu-lhes um significado em si, independente da razão humana. Esse conhecimento

inato, ainda que inconsciente, permeia o conceito de Sincronicidade uma vez que esta pressupõe, no final das contas, uma pré-cognição de alguma espécie, uma percepção que consiste em imagens desprovidas de sujeito (Leibniz). A idéia de um espírito comum a todas as coisas fundamentaria outra, a saber, que aquelas coisas nas quais este espírito é particularmente poderoso tem uma tendência a gerar outras semelhantes a si. Isso tende a produzir coincidências significativas (Agrippa 1486 - 1535). E também inclui a idéia de uma hierarquia de arquétipos, passível de comprovação empírica. Keppler (1571-1630) e Leibniz (1646-1716), cada um ao seu modo, também relatam uma sincronicidade entre mundos superiores e inferiores, ou entre o interior e o exterior.

Jung, nesse estágio, considera a Sincronicidade um fenômeno raro que não pode ser submetido a leis principalmente por não possuir dados empíricos para provar sua frequência e regularidade. Não obstante, desconfia que seja muito mais comum do que imagina e deixa em aberto a possibilidade de comprovar essa frequência e regularidade, aceitando, de início, apenas a idéia da existência de um princípio subjacente capaz de explicar todos esses acontecimentos.

A concepção arcaica, bem como a clássica, postulam a existência de tal princípio ao lado da causalidade. Esta se transforma em princípio exclusivo das ciências naturais durante o século XVIII. Com a ascensão das ciências físicas no século XIX, a Teoria da Correspondência desaparece por completo. E o mundo mágico antigo parece sepultado para sempre.

Para a mente arcaica a magia estava na base de todos os acontecimentos. Assim a Sincronicidade seria explicada por si-mesma. Não havia acidente, doença e morte casuais ou atribuíveis a causas naturais. Tudo era devido a uma ação mágica. A Sincronicidade não era uma idéia mas uma causalidade mágica, um fato em si. É a

forma antiga do nosso conceito clássico de causalidade, enquanto a filosofia chinesa, partindo da conotação do mágico produziu o conceito do Tao, da coincidência significativa, mas não uma ciência baseada na causalidade. Platão também fala de algo parecido quando admite a existência de imagens ou modelos transcendentais das quais as coisas seriam cópias.

A idéia de uma Sincronicidade e de um significado subsistente por si mesmo, base do pensamento chinês e da concepção ingênua da idade média, nos parece arcaica. Contudo, o Ocidente não conseguiu se livrar por completo dessa hipótese. A Psicologia moderna prova que a causalidade não esgota a explicação de uma determinada classe de acontecimentos e que um fator formal, isto é, a Sincronicidade, é uma via de um outro princípio de explicação.

A ordem também é um aspecto subjacente e inexpugnável aos fenômenos sincronísticos. Esse ordenamento levou Jung a ampliar o conceito de Sincronicidade. A mente humana não pensa em causa e efeito por influência do método científico. Este, sim, é preponderante porque pensamos de modo a atribuir uma causalidade aos eventos entre si. Veremos adiante, contudo, que essa verdade não é absoluta. Os números também obedecem a um ordenamento. Esses ordenamentos são como que presentificações do arquétipo da ordem que aumentam a consciência a respeito do princípio ordenador do universo. O paradigma científico estabelece esse princípio através da tríade espaço-tempo-causalidade. Jung propõe que se inclua, aí, como quarto elemento – a exemplo da Física Moderna - o lugar do observador, o aspecto da significação. Assim, se obteria um panorama mais completo da realidade.

Os fatos possuem um significado coletivo, para além da aparente. As histórias pessoais e coletivas estão a serviço do arquétipo da ordem e são portadores de

fragmentos de consciência que os tempos necessitam para ampliar o conhecimento dos motivos subjacentes que se desenrolam na História. A Sincronicidade é necessária para se entender o pleno significado de um evento. A transgressividade revela, por um lado, o significado objetivo subjacente nas coincidências que ocorrem na psique e no mundo e, por outro, o significado onde intuitivamente não o enxergamos. Em ambos os casos esse tipo de significado transgride a cadeia da causalidade linear. Nos termos da Psicologia, isso significa que o desenvolvimento da personalidade tem lugar por momentos de significativa coincidência assim como por uma sequência epigenética pré-ordenada de etapas, subentendendo que os grupos de instintos e arquétipos se uniram e foram ativados de modo tanto causal como sincronístico.

Assim é que impõe-se aquela definição mais ampla do conceito de Sincronicidade, a de uma organização acausal do mundo que não tem origem na psique humana. Nossa experiência humana de organização acausal através do fator psicóide e da transgressividade do arquétipo constitui apenas um caso especial de um ordenamento muito mais amplo do universo que constitui um princípio subjacente na ordem cósmica, incluindo até mesmo fenômenos constantes e experimentalmente reproduzíveis. As equivalências arquetípicas são, portanto, contingentes à determinação causal, isto é, entre elas e os processos causais não há relações conformes a leis. Por isso, parecem representar um exemplo especial de acidentalidade, acaso ou estado aleatório que atravessa o tempo. Um estado inicial não determinado por alguma lei mecânica. Uma modalidade que tem o significado funcional de um fator constitutivo do mundo, incluindo todos os atos de criação e até mesmo as antigas superstições ou a eficácia da prática da oração, como veremos adiante e, inclusive, a si mesmo como caso especial.

A Sincronicidade não é mais enigmática nem mais misteriosa do que as descontinuidades da Física. É apenas nossa convicção arraigada do poder absoluto da causalidade que cria as dificuldades ao nosso entendimento e nos faz parecer que não existem nem podem existir acontecimentos acausais. Mas, se existem, devemos considerá-los como atos de criação no sentido de uma criação contínua (criação contínua) de um modelo que se repete esporadicamente desde toda a eternidade, e não pode ser deduzidos a antecedentes conhecidos. Devemos, naturalmente, precaver-nos de imaginar qualquer acontecimento cuja causa seja desconhecida como não tendo causa. Isto – como já insisti – só é permitido naqueles casos em que é impensável uma causa. mas o conceito de verossimilhança é daqueles que exigem a mais severa crítica. Se o átomo, p. ex., tivesse correspondido à noção que a Filosofia tinha a seu respeito, sua divisibilidade seria impensável. As coincidências significativas são pensáveis como puro acaso. Mas, quanto mais elas se multiplicam, maior e mais exata é sua concordância tanto mais diminui sua probabilidade e mais aumenta sua impensabilidade, quer dizer, não se pode mais considerá-las como meros acasos, mas, por não terem explicação causal, devem ser vistas como simples arranjos que têm sentido. Sua “inexplicabilidade”, como já frisei, não é devida meramente à ignorância de sua causa, mas ao fato de que nosso intelecto é incapaz de pensá-las com os meios de que dispõe atualmente. Isto acontece necessariamente quando o espaço e o tempo perdem seu significado, isto é, quando se tornam relativos, porque, em tais circunstâncias, a causalidade, que pressupõe o espaço e o tempo, torna-se quase impossível de ser determinada ou é simplesmente impensável (JUNG, C.G., 1971, Sincronicidade pág. 82 – 83, 1952)

A relativização do tempo e do espaço característica da Sincronicidade coloca, portanto, em xeque a causalidade. E as diferenças características especiais da Sincronicidade, a saber, por um lado, o postulado de sua existência desde todo o sempre, como fator constitutivo do mundo e, de outro, a soma de inumeráveis atos individuais de criação que acontecem no tempo a legitimam a ocupar seu lugar ao lado da tríade espaço-tempo-causalidade, na explicação dos fenômenos naturais.

Esse apanhado da obra de Jung tem a finalidade maior de presentificar o conceito, proporcionar a ambientação para o que virá a seguir, expô-lo conforme concebido por seu criador e a intenção não é apenas prestar-lhe o devido tributo e

respeito, mas apresentá-lo em todas suas potencialidades, sem dúvida exploradas por tantos autores durante as últimas décadas, autores esses que, cada um, o enxergou à sua maneira e procurou desenvolvê-lo na direção que lhe pareceu mais importante. Por nossa parte, também ocuparemos-nos de fazer nosso recorte e fazê-lo enveredar pelos caminhos que nos parecer mais procedentes dentro do universo de suas possibilidades.

Para tanto iremos, desde já, delimitar as facetas do fenômeno da Sincronicidade que serão abordadas no decorrer deste trabalho. A função desta delimitação é pura e simplesmente de concentrar o foco, de modo a tentar aprofundar o mais possível as facetas selecionadas e procurar abstrair do fenômeno novas particularidades e significados. Portanto, muito sucintamente, diremos que, no presente trabalho, o fenômeno de Sincronicidade será abordado, sobretudo, no tocante aos seguintes de seus aspectos:

- . regularidade
- . relação com a sacralidade
- . relação com a cientificidade
- . particularidades

Ainda assim, não serão esses os tópicos formais da estrutura do trabalho. Serão, antes, as diretivas que poderão ser identificadas apesar de entremeadas no corpo do texto como um todo.

2.1.1 Instinto, Psíquico e Espírito segundo Jung

Vamos ainda aproveitar, neste ponto, o fato de estar tratando mais acerbadamente da abordagem junguiana para introduzir as noções de instinto, psíquico e espírito, assim como abordadas por ele. Esse esclarecimento se mostrará importante mais adiante, na elaboração de conclusões sobre os dados colhidos no trabalho de pesquisa.

Em primeiro lugar, partindo da teoria sobre os instintos, traz ele a noção de parte superior e parte inferior de uma função. Assim, os instintos teriam um aspecto fisiológico e um aspecto psicológico. Com isso, como é sabido, a vida psíquica deriva em parte dos instintos. Porém, apenas em parte.

A base instintiva governa a partie inférieure da função, ao passo que a componente predominantemente “psíquica” corresponde à partie supérieure. A partie inférieure⁸ surge como componente relativamente inalterável e automática da função, e a partie supérieure⁹ como a componente alterável e voluntária (JUNG, C.G., 1971, pág. 121).

A parte inferior da função psíquica seria puramente fisiológica e atua *integralmente ou não atua de modo algum, o que é específico da compulsão*. Já a parte superior dessa função psíquica pode

ser submetida ao controle da vontade e ser inclusive utilizada em uma forma contrária ao instinto original. De conformidade com estas reflexões, o psíquico parece como uma emancipação da função com respeito à forma instintiva e seu caráter compulsório que, como única determinante da função, pode transformá-la em um mecanismo frio. A condição ou qualidade psíquica começa quando a função se desliga de seu determinismo exterior e interior e se torna capaz de aplicação mais ampla e mais livre, isto é, quando começa a se mostrar acessível

⁸ Parte inferior (Tradução nossa)

⁹ Parte superior (idem)

à vontade motivada a partir de outras fontes (JUNG, C.G., 1971, pág. 121, 122)

Jung chega à esfera espiritual do psiquismo:

se isolarmos o psíquico da esfera fisiológica dos instintos, por assim dizer na parte inferior, igual isolamento ou delimitação se impõe na parte superior. Com a libertação crescente em relação ao meramente instintivo, a partie supérieure atinge por fim um nível em que a energia intrínseca à função eventualmente não está mais orientada pelo instinto, no sentido original, mas alcançou uma forma dita espiritual. Isto não implica uma alteração substancial da energia instintiva mas apenas uma mudança em suas formas de aplicação (JUNG, C.G., 1971, pág. 122).

E refina a abordagem no tocante ao espírito, enquanto parte superior da função psíquica:

Mas no limite “superior” ... da psique, onde a função se desliga ... de seu objetivo original, os instintos perdem sua influência como motivadores da vontade. Com a alteração de sua forma, a função é posta a serviço de outras determinantes ou motivações que aparentemente não têm mais nada a ver com os instintos. O que estou pretendendo explicar é o fato notável de que a vontade não pode transgredir os limites da esfera psíquica: ela não pode coagir o instinto nem tem poder sobre o espírito, pois por espírito entendemos muito mais do que apenas o intelectuo. O espírito e o instinto são autônomos, cada um segundo sua natureza, e os dois limitam em igual medida o campo de aplicação da vontade (JUNG, 1971, C.G. pág. 123)

Os arquétipos segundo ele estariam estreitamente ligados ao espírito:

...os arquétipos, quando surgem, têm um caráter pronunciadamente numinoso, que poderíamos definir como “espiritual” para não dizer “mágico”...Este aspecto merece a denominação de “espiritual” por excelência (JUNG, C.G., 1971, pág. 145).

Finalmente, chegamos à clarificação da relação entre instinto, espírito e psiquismo:

O arquétipo e o instinto constituem os opostos da mais extrema polaridade, como é fácil verificar, se compararmos um homem que está sob o domínio dos instintos com outro que é governado pelo espírito. Mas, da mesma maneira como entre todos os opostos há uma relação tão estreita que não se pode fazer uma colocação ou mesmo pensar nela, sem a correspondente negação, assim também no presente caso se aplica o princípio de que les extrêmes se touchent [os extremos se tocam]. Um pressupõe o outro como fatores correspondentes; isto, porém, não implica que um possa derivar do outro, mas antes que ambos subsistem lado a lado...esta polaridade em si não tem significado moral, porque o instinto em si não é mau, como o espírito em si não é necessariamente bom. Os opostos verdadeiros nunca são incomensuráveis porque, se o fossem, nunca poderiam unir-se. Apesar de sua polaridade, eles mostram uma tendência permanente a se unirem, e Nicolau de Cusa definiu o próprio Deus como uma complexio oppositorum [união dos opostos]... (JUNG, C.G., 1971, pág. 146, 147)

A psique consiste em processos cuja energia pode se originar do equilíbrio entre os mais diversos tipos de opostos. A antítese espírito-instinto representa apenas uma das formulações mais comuns que têm a vantagem de reduzir o maior número possível dos processos psíquicos a um denominador comum. Considerados sob este ângulo, os processos psíquicos parecem ser equilíbrios energéticos entre o espírito e o instinto, embora a questão de saber se um processo pode ser descrito como espiritual ou instintivo permaneça totalmente envolta em obscuridade. Esta avaliação ou interpretação depende inteiramente do ponto de vista ou do estado da consciência...os processos psíquicos, portanto, se comportam como uma escala ao longo da qual “desliza” a consciência. Às vezes a consciência se acha na proximidade dos processos instintivos, e cai sob sua influência; outras vezes ela se aproxima do outro extremo onde o espírito predomina e até mesmo assimila os processos instintivos opostos a ele (JUNG, C.G., 1971, pág. 147).

Haveria, portanto, uma escala cuja base seria o instinto e o topo, o espírito, estando a consciência em constante trânsito entre essas polaridades. Poderíamos dizer que a saúde psíquica estaria representada pelo trânsito livre na escala enquanto que uma das possibilidades do adoecimento psíquico se traduziria pela fixação extremo de baixo, ou seja, portanto, pelo tamponamento da parte superior do eixo.

2.2 O Sagrado

Tendo em vista a pergunta fundamental deste trabalho, a saber, a possibilidade de caracterização do fenômeno de Sincronicidade enquanto evento sagrado, cabe, necessariamente, empreender uma caracterização da sacralidade. Para tanto, iremos basear-nos em Rudolf Otto, que oferece uma abordagem bastante satisfatória do assunto, além de perfeitamente consoante ao fenômeno de Sincronicidade, quando observado pela perspectiva aqui proposta.

Como começamos a ver anteriormente, Otto define o sagrado através do termo *numinoso*, ao que quer referir, primeiramente, o fato de tratar-se de uma categoria que se apresenta totalmente distinta daquilo que é humano. É o que ele chama de *totalmente outro*. Face a este numinoso, ainda, o homem é tomado pelo *sentimento do estado de criatura* (OTTO, 1997), isto é, uma condição que é a de não poder, de passividade e impotência. Porém mesmo essas categorias não podem referi-lo senão enquanto analogias, a partir de situações da vida que nos as despertam. Otto explica sobre o termo *numinoso* que:

o elemento decisivo não é simplesmente aquele que o novo nome pode exprimir, o apagamento e o aniquilamento da criatura perante um poder soberano enquanto tal, mas perante um poder soberano como é aquele. Dizer o que aqui exprime a expressão “como é aquele”, definir esta qualidade do objecto é precisamente impossível. Só se pode indicar através do tom e do conteúdo particular da reacção do sentimento que provoca o seu aparecimento na consciência e que é necessário experimentar em nós próprios (OTTO, R., 1997, pág. 19).

Isto é, a inefabilidade é parte do próprio sentimento despertado pelo numinoso. Entretanto, outros elementos também integram o sentimento provocado por ele. Mircea

Eliade escreve, seguramente baseado em Otto, que o sagrado apresenta-se como algo numinoso, não se assemelhando a nada de humano ou cósmico, frente a o que o homem

encontra o sentimento de pavor, diante desse mysterium tremendum , desta majestas que exala uma superioridade esmagadora de poder; encontra o tremor religioso diante do mysterium fascinans, onde se expande a perfeita plenitude do ser ... e em relação ao qual tem o sentimento de sua profunda nulidade, o sentimento de 'não ser mais do que uma criatura' (ELIADE, M., 1996, pág. 24).

De fato, Otto caracteriza o fenômeno do sagrado por cinco elementos básicos: *tremendum, majestas, mysterium, fascinans e sanctus.*

O *tremendum* refere o terror do homem diante de tal superioridade de poder. Esse terror não pode ser reduzido a um medo comum e nem a um terror, enquanto gradação mais elevada do primeiro. *É completamente independente de todo grau de intensidade... Tem seus graus próprios, mas não é um grau de outro sentimento. Nenhum temor natural se transforma em terror místico por simples gradação (OTTO, 1997).* Otto o aproxima do sentimento do “sinistro”.

Majestas traduz a esmagadora superioridade de poder de que fala Eliade. Dela depreendem-se o eu em seu aniquilamento e, assim, o fato de que não possui a *realidade plena e completa*. Mas, também daí, deriva a percepção da própria transcendência do numen. Pois, mediante termos ontológicos, a plenitude de poder passa à plenitude de ser (OTTO, 1997). O que é, portanto, é o sagrado, o numen. E o homem, diante dele, é nada, e este, tudo. E, assim, o homem relativiza-se em sua singularidade perante ele.

Como *totalmente outro*, também, este poder distingue-se, apresentando-se misterioso. Esse elemento é segundo Otto o de maior importância na caracterização do sagrado.

O objeto realmente misterioso não é inacessível e inconcebível apenas porque o meu conhecimento relativo a este objecto tem limites determinados e inultrapassáveis, mas porque me debato com algo “totalmente outro”, com uma realidade que, por sua natureza e essência, é incomensurável e perante a qual recuo, tomado de estupefacção.¹⁰ (OTTO, R., 1997, pág. 40 – 41)

O numinoso, portanto, não revela sua origem, apenas impõe-se.

É facilmente dedutível, então, que este poder se mostre atraente e exerça fascínio sobre o homem, apesar de, paradoxalmente, colocá-lo em terror.

A criatura que, perante ele treme, se humilha e perde a coragem, experimenta, ao mesmo tempo, o impulso de se voltar para ele e até de dele se apropriar de qualquer maneira. O mistério não é para ela só o espantoso, é também o maravilhoso (OTTO, R., 1997, pág. 50).

Finalmente, este poder evidencia, através de uma valoração própria, auto-evidente e superior, o aspecto *sanctus*, da santidade. Tanto quanto essa valoração numinosa da santidade daquilo que se apresenta como absolutamente superior e, portanto, insuperável, inultrapassável, corresponde, pela perspectiva da criatura, uma não-valorização que também é numinosa (OTTO, 1997). Diante do sagrado, o o homem se sente impuro.

¹⁰ Otto acrescenta em nota de rodapé uma interessante análise etimológica da palavra *mysterium*. Segundo esta, a origem *mus* teria o significado de *agir às escondidas, secretamente, em segredo e pode, por conseguinte, adquirir o sentido de enganar e de roubar. Esta raiz encontra-se, sem dúvida, também na palavra alemã muscheln: fazer algo sem chamar a atenção, fazer alguma coisa que não deve ser notada...*(OTTO, nota de rodapé (3), 1997, pág. 39). Essa peculiaridade se mostrará oportuna quando da caracterização das sincronicidades, mais adiante, particularmente no item das correções das flutuações aleatórias de Pauli.

Esta caracterização do sagrado nos será útil mais adiante, quando procuraremos verificar mais claramente, a partir da análise do material de pesquisa, se pode ser aplicada a correlação entre os eventos sincronísticos, assim como vivenciados pelos entrevistados, e as noções sobre sacralidade traçadas aqui.

2.3. A Sincronicidade de Marie-Louise Von Franz

Marie-Louise Von Franz¹¹ foi uma importante continuadora do trabalho de Jung, especialmente no que nos diz respeito aqui, isto é, a Sincronicidade. Sua colaboração, a meu ver, capta o fenômeno de Sincronicidade a partir de um ângulo distinto, mais técnico, e menos conceitual. Se as discussões sobre Sincronicidade muitas vezes procuram discutir aspectos ontológicos, Von Franz, já partidária, mergulha mais a fundo em características próprias ao fenômeno. Mais que isso, destaca-o, singularizando-o enquanto apreensão da realidade dentro de uma pluralidade de possibilidades disponíveis para o homem.

Assim, o raciocínio causal coloca os elementos nos termos de A causa B que causa C que causa D e assim por diante. O raciocínio sincronístico, diferentemente, observa os eventos em termos de um campo onde ocorrem simultaneamente, isto é, onde coincidem, co-incidem, incidem conjuntamente:

...a diferença entre pensamento causal e pensamento sincronístico. O primeiro é, por assim dizer, linear. Existe uma sequência de eventos, A, B, C, D, e nós pensamos de trás para diante, perguntando-

¹¹ Marie-Louise Von Franz (Munique, 4 de Janeiro de 1915 – Küsnacht, 17 de Fevereiro de 1998), foi uma psicoterapeuta analítica, pesquisadora e escritora alemã mas ativa na Suíça, importante continuadora do trabalho de Carl G. Jung (Wikipédia)

nos por que razão D aparece em consequência de C, C em consequência de B e B em consequência de A, à semelhança de alguma espécie de evento interno ou externo. Tentamos reconstruir em nossa mente, em retrospecto, os motivos pelos quais esses efeitos coordenados funcionaram... O pensamento sincronístico... é um pensamento em campos, por assim dizer...assim, a questão não consiste em saber por que tal coisa ocorre ou que fator causou tal efeito, mas o que acontece conjuntamente, de modo significativo, no mesmo momento... Assim, ... o centro do conceito de campo seria um instante de tempo em que estão aglomerados os eventos A, B, C, D, e assim por diante (VON FRANZ, M.L., 1980, pág. 8)

E mais adiante, completando a diferenciação entre os dois tipos de pensamento e ilustrando o quadro:

Em nosso pensamento causal, efetuamos uma grande separação entre eventos psíquicos e eventos físicos, e nos limitamos apenas a observar como os eventos físicos se produzem uns aos outros, ou têm um efeito causal recíproco bem como sobre os eventos psicológicos... Entretanto, o modo sincronístico é completamente diferente. Trata-se de uma diferenciação do pensamento primitivo em que nenhuma distinção jamais foi feita entre fatos psicológicos e físicos. Em sua indagação sobre o que é provável que ocorra junto, podem ser reunidos fatos internos e externos... é até essencial observar ambas as áreas da realidade, a física e a psíquica, e assinalar que no momento em que tivemos tais e tais pensamentos... – que seriam os eventos psicológicos – aconteceram tais e tais eventos físicos exteriores; ou seja, havia um complexo de eventos físicos e psicológicos. Embora o pensamento causal também postule o problema do tempo sob alguma forma, por causa do antes e do depois, o problema do tempo, contudo, é muito mais central no modo sincronístico de pensar, porque existe o momento crítico – certo momento no tempo – que constitui o fato unificador, o ponto focal para a observação desse complexo de eventos (VON FRANZ, M. L., 1980, pág. 8, 9, 10).

Essa diferenciação, até certo ponto bastante simples, tem, no entanto, consequências importantes. Neste contexto, sentimentos e pensamentos também podem passar a ser incluídos, em nível, ao lado dos outros eventos do campo sincronístico. Por essa

perspectiva, sentimentos também são uma fonte de informação a respeito da realidade. Não se trata apenas de dar-se conta dos sentimentos no sentido psicológico da compreensão, mas, sim, de incluir aí um certo modo reflexo, instrumentalizá-los, percebendo-os como elementos do campo sincronístico que compõem uma imagem ao lado dos outros elementos desse campo, inclusive os físicos ou externos ao indivíduo. Um modo de pensar a realidade que inclui pensamentos, sentimentos, sensações e a intuição é o que é hoje chamada a cognição estética (CONNOLLY, 2012). Nessa apreensão, todos esses elementos psíquicos se reduziram ao registro imagético. Uma vez que justamente trata-se de um registro onde não há a diferenciação espaço-temporal, esses elementos adquirem um mesmo peso informativo, e podem ser relacionadas em nível, configurando certa horizontalidade. Gilberto Safrá (2012) refere-se a esse registro pré-representacional como *pororoca imagética*. Claro, se existe um pensamento, é porque, de certo modo, já nos encontramos dentro de um registro representacional e não puramente imagético. Porém, uma das características da apreensão sincronística é justamente a de retirar, em parte pelo caráter de intemporalidade, certas particularidades dos elementos constituintes do campo e reduzi-las tão somente a certa horizontalidade, a seu aspecto mais imagético propriamente dito.

Com essa noção de campo, abrem-se possibilidades enormes para uma análise totalmente diferenciada dos eventos. Esses campos são, então, passíveis de particularidades que permitem novas possibilidades. Von Franz traz algumas delas. Por exemplo, a noção de predomínio. O predomínio de uma presença em determinado campo, já através de uma simples repetição, pode comumente ser interpretado como a ativação de certo arquétipo. Ou seja, pela presença ou repetição de uma imagem ou, de modo geral, por uma sincronicidade, tanto mais recorrente, infere-se que tal ou qual arquétipo esteja constelado. Assinala ela:

Os motivos duplos referem-se, de modo geral, a algo que está chegando ao limiar da consciência. Se uma pessoa sonha com dois cães idênticos ou pessoas idênticas, isso significa que esse conteúdo está subindo do inconsciente e acercando-se do limiar da consciência; ao atingir o limiar, divide-se em dois (VON FRANZ, M.L., 1980, pág. 127).

Von Franz, no entanto, frisa que essa espécie de expectativa ou previsão dos acontecimentos permanece na esfera das probabilidades - ainda que deixe claro que todo o modelo científico também esteja baseado numa predictibilidade estatística. Interessante apenas notar, neste ambiente propício, o que se diz na porção Miketz do Antigo Testamento a respeito do duplo sonho do Faraó: *o sonho é duplo porque aquele processo específico já foi colocado em andamento por D'us¹² e D'us está interessado em acelerá-lo* (Miketz, pág. 294).

Outro aspecto importante, relativo à Sincronicidade e, também, de prolongamento técnico a essa abordagem baseada em campos, é a idéia da existência do tempo linear, onde desenvolve-se a consciência, e de uma medida intemporal, onde a fronteira temporal entre os eventos não existe. Nesse domínio, todos os fatos já estariam pré-configurados, haveria um espécie de conhecimento absoluto por parte do inconsciente.

¹² O autor deste trabalho, de origem judaica, segue o costume vigente em sua comunidade religiosa de não escrever o nome divino por inteiro. Encontramos em Rudolf Otto uma explicitação para o que pode estar por detrás desse costume, em uma citação que faz de Goethe: *As pessoas tratam o nome divino como se o Ser supremo, incompreensível e absolutamente inimaginável, fosse igual a elas. Caso contrário, não diriam 'O Bom Deus'. Se estivessem penetradas de sua grandeza, deixar-se-iam de palavras e, com veneração, não ousariam sequer pronunciar seu nome* (OTTO, R. 1997, pág 26).

Essa idéia de um ser 'absolutamente inimaginável' encontra paralelo também em outro ditame do ideário judaico segundo o qual a idéia de D'us não pode ser concebida pelo homem. Caso se chegue a alguma idéia a respeito daquilo que é D'us, a única certeza que se pode ter é a de que está equivocada, pois a mente humana é incapaz de encampar essa noção. Ou, ainda, nas palavras de Tersteegen: *Um Deus compreendido não é Deus* (OTTO, R. 1997, pág. 37).

Esse é o mundo dos arquétipos. A ordem intemporal, a serviço do inconsciente – e abriremos aqui um lugar especial ao inconsciente coletivo –, irrompe no tempo linear.

De fato, nossa consciência percebe os eventos como dispostos em uma linearidade. Esta, além de ser o domínio da nossa consciência, ou talvez por isso mesmo, apresenta um aspecto fundamental que a define, a idéia da irreversibilidade. As idéias de passado, presente e futuro estão diretamente ligadas à nossa consciência. Por sua vez, na ordem acausal intemporal, essas noções aparecem sem distinções muito claras. Nossa consciência se depara com a realidade e a capta nesse contínuo irreversível:

a irreversibilidade de todos os eventos reais observáveis na consciência favorece o fato de o tempo ser linear, de haver um curso de eventos que é, digamos, irreversível (VON FRANZ, M. L., 1980, pág. 123)

Isso se daria através da entropia, que traduziria uma perda de energia em todo e qualquer processo, à medida em que os eventos avançam. Porém, como o traz a própria Von Franz, logo após: ... *Não existirá, também, outra área da realidade em que o aspecto contrário é verdadeiro?*...

Existiria, então, com base no princípio da simetria, um lugar, um *alhures*, onde a energia é, ao contrário, acumulada e, conforme o físico francês Costa de Beauregard,

...esse alhures é algo psíquico, algo inconsciente e algo onde se estruturam representações. Beauregard o chama também de informação, mas define informação como representação mental. Esse mundo estruturado é complementar do mundo físico ... e possui sistemas de cargas de energia superiores aos do nosso mundo físico... isso possibilita ao homem – que participa desse *ailleurs* psicológico, esse mundo de representações –, mediante atos de volição, interromper

ele próprio o curso da natureza e voltar a construir sistemas de ordem superior (VON FRANZ, M. L., 1980, pág. 123).

Von Franz defende a incompatibilidade desses dois sistemas temporais, de especificidades diferentes, mas, também, sua complementaridade. A constelação de certo aspecto arquetípico indica, segundo ela, um aumento de probabilidade para a ocorrência de algo correspondente a esse arquétipo. Se no tempo linear os eventos aparecem como irreversíveis, na medida intemporal, as coisas não se apresentam desse modo. Se determinado aspecto está constelado – e, portanto, aumenta a possibilidade de se darem fatos correspondentes a ele – seria em tese possível reverter a ocorrência desses fatos em nível arquetípico, isto é, antes mesmo da instalação desses fatos. É nesse sentido que se fala aqui em reversibilidade. A função da Sincronicidade é, assim, informativa, quanto aos aspectos constelados mas ainda não instalados de fato. Poder-se-ia dizer que a Sincronicidade revela o que já está potencial. É preciso lembrar que essa correspondência entre os eventos não se instaura dentro de uma lógica formal, mas, sim, fundamentada em aspectos sincronísticos entre eles.

Existiria, com isso, um ponto de unificação desses sistemas temporais, onde, segundo o filósofo chinês Mo Dsi:

Só um homem devotado à suprema sinceridade pode desenvolver completamente a sua própria natureza e, através disso, pode revelar os poderes transformadores e alimentadores do céu e da terra. Só um homem dedicado à completa sinceridade interior pode conhecer o futuro. Essa virtude é realmente uma qualidade da natureza e, assim, (quer dizer, se um homem pode conhecer o futuro e está possuído da máxima sinceridade) pode ocorrer uma união do exterior com o interior e os modos do céu e da terra podem ser explicados numa frase. Esses modos não têm qualquer duplicação e, assim, produzem coisas de um modo insondável ... no ponto central não há duplicação; ela existe em todos os lugares, mas nesse ponto há unicidade. Esse lugar de unicidade é o ponto onde o céu e a terra se unem e, também,

onde ocorre a criação. Desse orifício sai a criação, desse nada provém tudo que é criado de novo (VON FRANZ, M. L., 1980, pág. 132).

Para a filosofia chinesa, importante fonte para a elaboração do conceito de Sincronicidade por parte de Jung, o homem pode realmente participar da *creatio continua* através da suprema sinceridade. Esta seria a via de acesso ao centro de onde emana a criação de onde *podiam sustentar o céu e a terra e estar com a criação do universo* (Von Franz, pág. 132). Para Jung, os eventos sincronísticos são, justamente, atos de criação. Hoje, é consenso a idéia de aspectos sincronísticos na gênese da matéria em nível quântico. Alterações em determinadas partículas são concomitantes a alterações em partículas correspondentes sem que haja um fator causal excipiente. Neste nível de análise, deriva-se um fator sincronístico, mesmo que não totalmente explicitado, todavia.

O fato de tanto aspectos psicológicos como físicos serem considerados como pertencentes ao mesmo campo, os reduz a certa horizontalidade informativa. Essa horizontalidade é um aspecto fundamental na análise dos eventos sincronísticos e se distancia da verticalidade da causalidade.

Outra das características desses campos é algo que os aproxima do processo onírico da condensação. Assim, tal como símbolos oníricos aparecem condensando em sonhos diversos significados, nos campos, tomados como ambiente sincronístico, forma-se uma linguagem que, não raras vezes, condensa elementos. Uma sincronicidade pode fazer alusão a parcelas de situações vividas, pensamentos, sensações, etc. reunindo-os de um modo justamente surpreendente e criativo. É aí que se verifica como que um sobrevôo através do tempo de nossa história que ignora fronteiras, reduzindo esses elementos a essa horizontalidade e que, além disso, produz uma ressignificação. Reencontramos

nessas ocasiões o que está dito no I Ching: *O futuro se expande, o passado se contrai*. Essa similaridade com a linguagem onírica aproxima a Sincronicidade dos sonhos, e, assim, a válida, também por essa via, como expressão arquetípica. A Sincronicidade representaria, portanto, como que um insight a céu aberto, pois presentifica-se a abertura ontológica.

A abordagem por campos permite também enfocar algumas questões ligadas à religião por um outro ângulo. Questões como o sacrifício, a recompensa, o pagamento de promessas e mesmo o pecado, a culpa e o castigo quando abordados através dessa ótica dos campos, ganham nova significação. Senão, vejamos. Uma vez que geralmente não se pode – e esse nos parece um dos baluartes da religião como um todo, não apenas de uma delas, mas de todas – estabelecer a causalidade entre o sacrifício e a recompensa, por exemplo, ou entre pecado e o castigo, enfim, entre essas modalidades religiosas e suas contrapartes, os campos sincronísticos se apresentam como esclarecedores. Com efeito, se não há causalidade excipiente, pode-se dizer que, apesar do cidadão que paga uma promessa adiantadamente com vistas a atingir determinado objetivo acreditar na existência de tal causalidade, o que há de fato é a expectativa de passar de um campo de eventos a outro através do depósito de uma fé. Essa se traduz pelo pagamento da promessa. Sem a causalidade, o que temos é uma expectativa que passa a ser sincronística com relação ao objetivo pretendido. Uma vez que o que se espera é a criação de novo campo de eventos, a passagem de um campo tido como desfavorável a um outro cuja favorabilidade é esperada, qualificamos como aceleradora essa tentativa de depósito de fé – e o correspondente sacrifício ou pagamento de promessa. Inversamente, o pecado seria refreador. Teríamos, assim, a noção de que o sacrifício, por exemplo, é um acelerador sincronístico e o pecado, também como exemplo, um refreador. Essas noções parecem estar presentes, de modo comum, em todas as

doutrinas religiosas citadas, alcançadas pela pesquisa bibliográfica que acompanha este trabalho. Como arremate sincronístico – e surpreendente -, perfeitamente imbuído do método fenomenológico dentro do qual se insere esta pesquisa, verificamos a aparição dessa noção de modo puramente empírico durante o trabalho de pesquisa propriamente dito, mais adiante. Desde já, no entanto, Dulce Mára Critelli sustenta fenomenologicamente essa aparição, do lado do investigador:

O que se manifesta através do investigador acaba sendo aquilo mesmo em busca de que ele se põe a caminho. Através de si mesmo, o que ele vem a saber se autentica...Porque o interrogador faz parte daquilo que é interrogado e porque o que é em manifestação se manifesta de diversas maneiras, tudo o que toca o interrogador, o que aparece a ele, mesmo que sejam lembranças, sensações, e que pareça ser irrelevante deve ser levado em conta. Através de qualquer coisa, do que quer que seja, o sentido procurado pode se revelar. (CRITELLI, D. M., 2007, pág. 135)

Outros elementos vêm a caracterizar esses campos. Limitaremos a esses, no entanto, o alcance da pesquisa empreendida aqui.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

3.1. A Perspectiva Fenomenológica

A perspectiva fenomenológica difere da tradicional e vigente perspectiva metafísica, berço do cientificismo moderno, pelo fato de não prever que algo seja, independente de quem olha. Ao contrário, na fenomenologia aquele que olha e investiga toma parte formativa naquilo que investiga. Aquilo que se investiga não é aquilo que é por si só. É aquilo que é para quem olha e, mais que isso, aquilo que vai sendo. Isto é, aquilo que se manifesta, aparece. Aquilo que se real-iza, se vai tornando real (CRITELLI, 2007).

Nesse movimento de realização, o aparecer vai se dando em uma direção e não em outra, por exemplo. Nesse sentido, objetiva-se. Objetivar-se aqui é obter certa estabilidade, uma mesmidade, uma permanência. Diferente da metafísica, onde a objetividade refere-se ao método, o que, como frisamos acima, não é nosso foco aqui. Isso porque procuramos obter aqui, do conjunto de nosso material, isto é, as entrevistas, justamente as características do fenômeno de Sincronicidade que aparecem, que se objetivam, enfim, que se real-izam.

Critelli descreve cinco momentos nesse movimento de realização. No **desvelamento**, algo é retirado de seu ocultamento. Aquilo que não foi retirado de seu ocultamento, simplesmente não se tornou real. Pertencem ao reino do nada. Para que se tornem reais – ou se real-izem - devem ser trazidas à luz, caso contrário, existem como possibilidade apenas, como não percebido. Não é que não existam, mas, sim, que não foram tiradas de seu ocultamento. Dar-se conta das coisas, desvelar seu significado é, portanto, torná-las reais, trazê-las à luz. No entanto, as coisas podem voltar ao ocultamento através do esquecimento, do des-entendimento, da perda de sentido, por exemplo. Mas isso não significa que deixem de existir. Apenas algumas de suas facetas, enquanto possibilidades de existência, retiram-se para o ocultamento. Assim, a vida é um jogo

constante de desvelamento e ocultamento, pois *a coisa sai de seu ocultamento não no total de suas possibilidades, mas, totalmente, em uma de suas possibilidades*. Por determinado período de tempo.

O que aparece por determinado período de tempo pode receber um nome, passar para o âmbito da linguagem. É assim que algo vem à existência. *A linguagem é a conservação do aparecer*. E a possibilidade da comunicação. Esse é o momento da **revelação**. Para que algo exista de fato, não pode existir para apenas um homem. Tudo aquilo que existe deve ser **testemunhado**. A coexistência é condição ontológica do ser humano. E, assim, aquilo que é testemunhado constitui o próprio homem que testemunha. O homem é aquilo que testemunha e como é testemunhado pelo outro. A cada testemunho, o homem morre e renasce. Assim, a vida é transformação ininterrupta. Entretanto, cada homem é singular. É ele próprio e não qualquer outro. A singularidade também é ontológica. Cada homem testemunha e se transforma de modo único. Ao mesmo tempo em que testemunha e se transforma, é testemunhado e transformado pelo outro. Essa rede de relações justamente se forma através desse conjunto de testemunhos e transformações individuais e coletivos em comum.

Sem testemunho, o desvelado e o desvelamento, o revelado e a revelação esvanecem-se, dissolvem-se. É como se nunca tivessem aparecido. Sem o testemunho não há manifestação. Por isso, diz Arendt que o principal atributo do mundo é o fato de ele ser percebido em comum por todos nós...o olhar de cada um é sempre, prévia, ontológica e onticamente, um olhar plural (CRITELLI, D. M., 2007, pág. 78, 84).

Disso nasce, naturalmente, um jogo de **veracização**, fundamentado, em diversos casos, nos jogos de poder, pois que, dentro de uma pluralidade de possibilidades e testemunhos para a realização, para que algo seja tido como verdadeiro, depende de um acolhimento público, de uma relevância pública, em oposição aos movimentos contrários, de irrelevância. Nesses se incluem a vergonha ou a desonra. Assim, por exemplo, numa sociedade dominada pela Razão, a loucura é banida, como irrelevante, vergonhosa ou desonrosa. Procura-se ocultá-la. Nesta mesma sociedade, de consumo de massa, o dinheiro é central. Um último desenvolvimento desta tendência, observável hoje, é que, não apenas o dinheiro, mas sua hiper-extensão, a riqueza, vem ocupando o centro. Assim, a pobreza é escamoteada por todos os meios possíveis e a riqueza sobrevalorizada. A violência e a corrupção, ainda que negativas, são veracizadas, são aceitas, não do ponto de vista moral, mas, sim, do ponto de vista existencial. Transformam-se em algo comum a todos, algo vivenciado, testemunhado por todos.

O momento final desse movimento de realização é o de **autenticação**. Esse representa a faceta individual, subjetiva do movimento de realização. Tudo aquilo que é, só pode ser se for para o indivíduo. Aqui, a perspectiva fenomenológica se distancia decididamente da metafísica. Se, para esta última, o sentido maior se dá quando da impessoalidade, da superação da individualidade, da obtenção da máxima objetividade conceitual da representação, desprovida das sensações e sentimentos, para a fenomenologia, o sentido é indissociável da experiência individual. Tudo aquilo que é, é para alguém, e não em si. Nessa relação e a partir dela é que subjazem os significados e os sentidos de tudo aquilo que há.

3.2. O Percurso Metodológico

Como foi descrito na Introdução este trabalho, desde a juventude do tempo da graduação a Sincronicidade veio ocupando um lugar cada vez mais importante em minha vida, até chegar ao nível atual, seja o da pesquisa formal. Antes de enveredar pelo caminho acadêmico propriamente dito, no entanto, foi possível enriquecer o ambiente interno com diversas análises e considerações advindas da vivência empírica, portadoras, portanto, de observações e verificações que procurei empreender dentro da maior seriedade conceitual e metodológica, - limitada, por certo, - disponível até então.

Foi assim que, já dentro do ambiente acadêmico, vários caminhos possíveis encontravam-se disponíveis para a pesquisa. Havia a opção da tentativa de uma verificação científica e objetiva da eficácia de uma apreensão sincronística da realidade, isto é, elaborar, por exemplo, testes que permitissem verificar o deixar-se guiar pelas sincronicidades na vida do dia-a-dia, abandonando uma postura tão somente racionalista, e verificar os resultados. Optei por uma investigação fenomenológica na qual a perspectiva dialógica pudesse acontecer. A pergunta que me dirigia era: qual o lugar da sincronicidade na vida de outras pessoas? Busquei a tentativa de formalização e desenvolvimento das conceituações adquiridas de inúmeras experiências empíricas advindas ao longo dos anos. No entanto, o procedimento dialógico proporcionado pelas entrevistas também mostrou-se um ambiente favorável para o aparecimento de novas e de antigas conceituações oriundas das minhas apreensões sincronísticas da realidade, agora em uma perspectiva fenomenológica.

A perspectiva fenomenológica cria um ambiente em que pesquisador e sujeito tecem uma trama na qual se abre espaço para que o fenômeno pesquisado se mostre e se desdobre em suas nuances, isto é, para que se realize, se torne real.

Nesse percurso, confirmaram-se algumas das antigas suspeitas, bem como surgiram novas e insuspeitadas nuances a respeito das características internas ao fenômeno de Sincronicidade.

Definido o caminho e tendo em vista que a temática da Sincronicidade se mostrou hipotética e inicialmente mais fecunda em meios religiosos, busquei conduzir entrevistas com representantes de diferentes implicações religiosas e indivíduos céticos. O objetivo de comparar as duas modalidades de entrevistados, entretanto, não se esgotava em si. O que buscávamos conhecer, também, era se realmente, ou até que ponto, a apreensão sincronística da realidade desapareceria por completo na vida de alguns sujeitos pesquisados. Chamava-me a atenção conhecer o quanto uma visão de mundo poderia ser desprovida de uma apreensão da realidade dessa natureza.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. A temática da Sincronicidade foi brevemente apresentada e, então, o entrevistado era questionado sobre aspectos da ocorrência de eventos sincronísticos em sua vida. Quando tratou-se de entrevistados representantes de tradições religiosas específicas, como rabinos, praticantes sufis ou espíritas, procurou-se organizar a pesquisa em duas vias: a saber, primeiro, qual seria a visão da religião em questão sobre o fenômeno de Sincronicidade e sua importância dentro de tal contexto religioso. Em segundo lugar, a pesquisa focalizou o lugar dos eventos sincronísticos na vida pessoal do entrevistado. Com isso era possível, de certo modo, tentar situar o entrevistado dentro de seu universo religioso, com relação à Sincronicidade.

Esse passo permitiu não apenas avaliar as sincronicidades tomadas como elementos isolados, mas, sobretudo, chegar a uma observação sobre a apreensão sincronística da realidade na vida do entrevistado, isto é, apurar o teor sincronístico

presente na visão de mundo do entrevistado dentro do contexto religioso em que se encontrava inserido.

3.2.1. A análise fenomenológica das entrevistas

Após a transcrição, as entrevistas foram submetidas a uma análise fenomenológica seguindo o padrão proposto por Giorgi (1975). A entrevista é lida e relida procurando atingir o estado de suspensão, isto é, *evitando fazer julgamentos ou possuir idéias preconcebidas* (GIORGI, 1975 apud FLOOD, A., 2010). Assim, procura-se fazer com que o fenômeno pesquisado apareça em sua essência através do relato do entrevistado. No caso especificado aqui, era possível avaliar tanto o teor sincronístico citado acima quanto as eventuais particularidades do fenômeno que se apresentassem. Para tanto, procurou-se identificar unidades de sentido no fluxo transcrito que traduziam a experiência do entrevistado, sempre com relação à temática sob investigação. Cada idéia nova, cada desdobramento ou nuance com relação à temática aqui investigada, foram pontuados e integrados ao conjunto a ser analisado. Giorgi ressalta a necessidade da *máxima abertura neste estágio para permitir ao pesquisador identificar o tema dominante em cada unidade de sentido*. É aqui que o fenômeno se mostra. A própria idéia de um teor, obtido a partir de entrevistas, evidencia o aspecto interpretativo, tradição em que se inscreve a pesquisa fenomenológica. Sua obtenção a nível intelectual a partir da “vista aérea” proporcionada pela repetição da leitura das transcrições corresponde ao que Ann Flood descreve como *epifania* ou *abraço intuitivo*:

Two types of meaning are offered: cognitive and non-cognitive. Cognitive meaning is concerned with the designative, informational, conceptual and expository aspects of the text – the semantic and linguistic meaning that makes social understanding possible (van Manen 1997). Combined with the non-cognitive meanings of the text, such as the evocative, the expressive, the transcendent and the poetic elements, the resulting phenomenological information enriches our understanding of everyday life (van Manen 1997) (FLOOD, A., 2010, pág. 1).

This mutual recognition of the meanings aspects of the text may be experienced as an epiphany or transformative effect where ones experiences an intuitive grasp of what is written (van Manen 1997). (FLOOD, A., 2010, pág. 2)¹³

Num estágio posterior, as unidades de sentido são agrupadas em grupos temáticos mais abrangentes, e estes, relacionados com a literatura correspondente, procurando-se obter uma compreensão mais profunda do próprio material coletado e, na outra direção da via, buscar sedimentar novos aspectos para a temática sob investigação justamente através da análise empreendida. A pesquisa tem, assim, o poder de dar passagem ao fenômeno, inaugurando, ao mesmo tempo, um novo ambiente através dele.

A avaliação de um teor contempla a idéia de que o meio em que o sujeito está inserido difere daquele dos outros sujeitos, respeitando as vicissitudes de cada meio e levando em consideração, também, a influência dos diferentes meios sobre cada sujeito

¹³ São oferecidas duas categorias de sentido: cognitiva e não cognitiva. O sentido cognitivo diz respeito aos aspectos designativo, informativo, conceitual e expositivo do texto – o sentido semântico e lingüístico que torna possível a compreensão social (van Manen 1997). Combinada aos sentidos não cognitivos do texto, tais como os elementos evocativos, expressivos, transcendentais e poéticos, a informação fenomenológica resultante enriquece nossa compreensão da vida cotidiana (van Manen 1997).

Essa reconhecimento mútua dos aspectos de sentido do texto pode ser vivenciada como epifania ou efeito transformador pelo que se experiencia um abraço intuitivo daquilo que está escrito (van Manen 1997). (FLOOD, A., 2010, pág. 2. Tradução nossa)

correspondente e a relação deste sujeito com seu meio. Fica delineada, com isso, a atitude de suspensão requerida para o trabalho fenomenológico:

Husserl's (1970) philosophical ideas gave rise to the descriptive phenomenological approach to enquiry. Husserl believed that subjective information should be important to scientists seeking to understand human motivation because human actions are influenced by what they perceive to be real. Thus, to bring out the essential components of lived experiences specific to a group of people, a scientific approach is needed. This requires researchers shed all prior personal knowledge (bracketing) to prevent their biases and preconceptions influencing the study (Drew 1999), and to ensure scientific rigour (LeVasseur 2003). (FLOOD, A., 2010, pág.3)¹⁴

3.3. Os entrevistados

Esse procedimento foi aplicado a todas as entrevistas realizadas aqui. Por um lado, foram entrevistados indivíduos supostamente mais afetados pelo fenômeno, ou seja, os que apresentavam um forte comprometimento com alguma tradição religiosa, psicólogos da linha analítica e um físico quântico, já que a Sincronicidade foi sempre associada a essa disciplina, desde o próprio Jung. Por outro, participaram indivíduos supostamente menos afetados pelo fenômeno: uma engenheira civil, um ateu e um cirurgião cardíaco. Decidiu-se limitar o âmbito deste trabalho a apenas duas dessas entrevistas, a saber, a da praticante sufi que é também psicóloga clínica e a do rapaz

¹⁴ As idéias filosóficas de Husserl (1970) conduziram à abordagem fenomenológica descritiva da investigação. Husserl acreditava que informação subjetiva era importante para os cientistas que buscavam compreender as motivações humanas uma vez que as ações humanas são influenciadas por aquilo que é percebido como real. Assim, para trazer à tona os componentes essenciais das vivências específicas de um grupo de pessoas, é necessária uma abordagem científica. Isso requer que o pesquisador se desvincile de todo seu conhecimento pessoal a priori (suspensão) de modo a prevenir vieses e preconceitos que possam influenciar o estudo (Drew 1999) e assegurar rigor científico (LeVasseur 2003). (FLOOD, A., 2010, pág.3, tradução nossa)

ateu, pois os depoimentos oferecidos por ambos pareceram significativos para iniciar a discussão apresentada neste trabalho. O material coletado, reunido à análise empreendida, soma uma quantidade de páginas que ultrapassa os limites apropriados a esta dissertação. No entanto, ainda que não publicados aqui, tomam parte neste trabalho tanto pela prática de pesquisa que possibilitaram quanto pelas reflexões que suscitaram, sobretudo do ponto de vista fenomenológico. E, não obstante, permanecem como valioso capital para eventual e futura publicação.

A minha própria origem judaica favorece o contato com judeus praticantes, ortodoxos ou liberais. Observada de fora, minha postura sempre foi a da média: não sou ortodoxo, tampouco deixo de praticar regularmente alguns ritos tidos como obrigatórios pela prática religiosa estabelecida dentro do judaísmo. Evidentemente, no interior do meio religioso apareço como muito religioso para os não praticantes, bem como significativamente afastado da religião para os mais observantes. A Psicologia não é de todo bem vista pelo lado mais praticante. Ali, existe apenas uma única verdade possível, que é a da religião. Qualquer outra é vista com certa dose de desconfiança, e os aspectos geracionais por vezes têm peso nesse julgamento.

Para mim, no entanto, é nítido o teor sincronístico dentro do judaísmo, sob diversos aspectos, desde o conteúdo do texto sagrado, passando pela própria prática religiosa, a constituição psíquica do homem judeu e, finalmente, a sabedoria oriunda do misticismo judaico, representado pela Cabala. Envolvido em um estudo dessa natureza, busquei estar o mais próximo possível à fonte do conhecimento. Procurei, assim, entrevistar um rabino. Assistindo a uma das palestras - corriqueiramente ministradas no meio judaico - da esposa de um rabino amigo, ouvi-a dizer que tudo que ouvimos em nossa vida é significativo, nada é ouvido por pura coincidência, há sempre uma significância e intencionalidade no discurso que se nos apresenta. Essa nada mais é do

que a definição, mais depurada abaixo, do **discurso sincronístico** a que tinha chegado eu naquelas minhas pesquisas empíricas de tempos anteriores.

Parti para conseguir a entrevista com a amiga – seria uma primeira e importante depoente para meu trabalho - porém, com o tempo, depois de tudo combinado, a coisa não aconteceu, seja talvez por receio (a esposa de um rabino não pode ficar em um recinto fechado com um outro homem), desconfiança, desprezo (em um dos encontros regulares que tenho com essa amiga, ela me disse “Vamos fazer a entrevista agora, em 5 minutos resolvemos” – mas não era esse o espírito de que necessitava) , enfim, não foi possível levar a cabo essa importante entrevista. Surgiu uma nova oportunidade, representada, dessa vez pelo rabino-chefe da congregação que frequento. Homem de um profundo conhecimento sobre a religião judaica, o rabino, em conversas informais e palestras corriqueiras, já me tinha dado provas de que traria subsídios importantíssimos inclusive para o entendimento das particularidades do fenômeno sincronístico. Mais uma vez, tudo quase combinado, mas a coisa voltou a desvanecer. É opinião desse rabino que não se deve estudar os fundamentos da religião com um interesse científico, mas sim como uma obrigação religiosa.

Talvez por isso – ou por uma antipatia nascida a partir do próprio trabalho – também não foi possível realizar essa entrevista. Foi-me indicado, então, outro rabino, doutor em Filosofia, que se prontificou a fazer a entrevista, realizada no seu escritório em uma escola exclusivamente destinada a jovens judeus. O rabino, provavelmente por acumular uma formação acadêmica ao percurso religioso, mostrou uma atitude de abertura tanto em relação à própria entrevista quanto à temática.

Busquei realizar a segunda entrevista com um psicólogo junguiano. Nesse caso era de se esperar que a Sincronicidade ocupasse um lugar central na visão de mundo do

entrevistado. Consegui o contato de alguém que, além de psicólogo clínico, era também praticante sufi, o que ia perfeitamente ao encontro de minhas expectativas, pois, após entrevistar um rabino, seria quase que natural procurar entrevistar um representante da prática ligada ao islamismo. Com isso, portanto, conseguiria explorar, a um só tempo, duas vias de abordagens significativas para o estudo, a Psicologia Analítica Junguiana e o Sufismo. A entrevistada, uma psicóloga clínica junguiana experiente se mostrou, em todo momento, sempre aberta à entrevista, colaboradora e plenamente consciente dos meandros tratados, sabendo discriminar o que era oriundo da prática islâmica e o que constituía o território da abordagem junguiana. O resultado foi extremamente fecundo, possibilitando esclarecer aspectos diversos tanto relativos a essas duas abordagens quanto às antigas conceituações que procurava desenvolver e representando um largo passo em direção à questão central desse trabalho, isto é a ligação entre sacralidade e Sincronicidade.

Nesse ponto, com essa ligação, a meu ver, já em estágios avançados de sedimentação em função das duas entrevistas anteriores que lhe conferiam uma boa base de sustentação, me voltei, então, para a prova ao contrário, ou seja, a exploração de um ambiente onde, supostamente, a Sincronicidade seria encontrada em graus menores de desenvolvimento, entre indivíduos supostamente menos afetados pelo fenômeno. Para tanto, procurei entrevistar um profissional da área tecnológica, onde o racionalismo fosse preponderante, onde o lugar da coincidência significativa não pudesse ser central. Encontrei uma engenheira civil, católica, que se mostrou disposta a colaborar.

O fato de pertencer ao sexo feminino trouxe um atrativo a mais, pois, consideramos de perto, neste trabalho, sempre que passível de apresentar-se, uma provável significância arquetípica das crenças populares mais difundidas, tais como, nesse caso, a maior capacidade intuitiva feminina. Mais uma vez, a entrevista devia

contemplar tanto a vida profissional como a vida pessoal do sujeito de pesquisa, acareação esta capaz de fornecer dados suplementares que poderiam mascarar-se em um procedimento unilateral. Um clima de desconfiança jocosa me parceria tomar conta do contato com a entrevistada. Essa desconfiança se manifestava através de uma surpresa com o fato de atender às prerrogativas para tornar-se sujeito de pesquisa mas também, pareceu-me, pelo distanciamento da temática, com relação ao modo de vida da entrevistada. Pude sentir esse clima durante todo o processo da entrevista, que chegou, no entanto, a despertar, a meu ver, um certo questionamento e uma ampliação da consciência da entrevistada com relação à sua atitude com relação aos processos sincronísticos.

Praticamente imperceptível em tal ambiente, se comparado aos anteriores, o fenômeno de Sincronicidade dava, entretanto, sinais de resiliência, o que suscitou nova dúvida: atingiria ele a nulidade, desaparecendo por completo? Poder-se-ia ter um ambiente de pesquisa, uma racionalidade tal que a significância das coincidências não fosse sequer notada, em que a ligação destas com a presença da sacralidade, do divino não fosse sequer suspeitada, em que o acaso fosse tão somente desprovido de qualquer sentido? Por um lado, para equilibrar o número de entrevistados do lado dos supostamente não afetados pelo fenômeno, já que naquele momento contava com duas entrevistas com representantes religiosos e apenas uma do lado dos supostamente não afetados, a engenheira, e, por outro, para seguir dentro do espectro religioso, o próximo passo natural foi buscar entrevistar um ateu.

Ao mesmo tempo, tendo, pelo meu ponto de vista, alcançado um maior nível de solidez para a ligação entre a Sacralidade e a Sincronicidade, e sempre em busca de um maior conhecimento a respeito das características internas do universo sincronístico, tinha um grande interesse por uma entrevista com um físico quântico. Por um lado, a

Sincronicidade é nascida com um pé nesse ambiente, estando intimamente ligada a esse ramo da Física desde seus primórdios com o próprio Jung. Além disso, por sua própria origem e natureza conceituais, supõe uma realidade unitária entre os processos físicos e psíquicos, o que me gabaritava, penso, a explorar as similaridades entre essas polaridades. Mas, o grande motor era, realmente, o fato de, nas primeiras pesquisas empíricas da fase, por assim dizer, não formal, ter encontrado essas similaridades de modo estreito e abundante. A entrevista com o físico quântico representaria para mim a possibilidade de conhecer com maior profundidade as leis de um mundo onde esperava encontrar um reservatório de leis potenciais correspondentes para os eventos sincronísticos.

Primeiro surgiu o Físico, docente desta própria Universidade, que me recebeu em sua sala. Pouco depois de chegar, soube que, além de Físico, é também espírita. Novamente, houve essa espécie de ganho duplo inesperado, onde duas abordagens, a Física e o Espiritismo, se conjugavam em um mesmo ambiente de pesquisa. Conhecedor da temática por meio da Física, mostrou, inclusive, conhecê-la melhor do que eu, em determinados aspectos. Sugeriu-me literatura a respeito, desconfiou de sua aplicabilidade aos processos psíquicos. De fato, essa entrevista foca sobretudo as características dos fenômenos quânticos na busca de processos que sejam, ao menos de modo similar, reconhecíveis no âmbito psíquico, porém, sempre dentro da temática e da perspectiva da Sincronicidade. Ainda assim, houve um ganho, provindo da abordagem espírita do professor, configurando a exploração de uma terceira via religiosa.

Finalmente, surgiu a oportunidade de entrevistar um ateu. Indicado por um amigo observante do Judaísmo, dispôs-se prontamente a participar do trabalho. Nesse ambiente, também, a Sincronicidade mostrou-se incipiente. Paradoxalmente, mostrou

sua força através da confirmação da idéia de resiliência. O jovem ateu recebeu-me significativamente de pijamas, abrindo uma via, como se verá na análise de sua entrevista, para a alocação do teor sincronístico, como terceiro elemento, ao lado do mal-estar psíquico e do tamponamento espiritual, como dado para a avaliação e interpretação da saúde psíquica.

3.4. Discussão dos dados obtidos

A Sincronicidade é um fenômeno complexo. Parte se dá no interior do sujeito, e ao mesmo tempo é vivido como, também, provindo de fora. Do ponto de vista metodológico, esse fato tem consequências importantes, pois, se, por um lado, o que está em jogo são justamente os pensamentos, sensações e sentimentos do sujeito de pesquisa, isto é sua subjetividade, por outro, pode-se esboçar uma categorização – certamente incompleta - para as modalidades do fenômeno. Apresentamos a seguir um apanhado sobre essa categorização dos tipos de sincronicidades, sua origem, exemplos e algumas das características de cada um. Essa categorização é importante porque a abordagem metodológica pode variar segundo a tipologia do fenômeno que se apresenta. É preciso sempre acrescentar que este trabalho não pretende, em absoluto, nem esgotar as possíveis tipologias, nem tampouco contemplar obrigatoriamente o estudo de todas as, aqui, apresentadas.

3.4.1. As Categorias da Sincronicidade

Ao longo dos anos, pude observar em minha própria experiência, e na situação clínica diferentes fenômenos de sincronicidade, que considerei útil classificar para

proceder às minhas investigações. Nessa perspectiva, é possível entrar em contato com a hipótese traçada por Ales Bello, de uma linha de desenvolvimento a partir do sagrado arcaico, passando pelo religioso, pela filosofia, chegando, assim, até a ciência:

Mesmo assim, é possível descobrir um fio condutor que liga o sagrado e o religioso, em virtude do qual o religioso, por sua vez, pode ser considerado um sagrado “complexo” (ALES BELLO, A., 1998, pág. 127).

Neste ponto se abre a questão da relação entre a especulação filosófica e a dimensão religiosa no pensamento ocidental em particular. Se examinarmos essa questão numa perspectiva histórica, em relação ao nascimento da filosofia, podemos afirmar que a abertura para o poder, para o estranho de que fala Van der Leeuw, permanece um momento fundamental também na virada cultural operada pela especulação racional. Muda, porém, a modalidade da abordagem: é o sujeito humano que em lugar de confiar e reconhecer tal poder, tenta configurá-lo com seu próprio pensamento, achando-se capaz de apossar-se dele com seu raciocínio e poder agarrar o significado de todas as coisas que estão em relação mais ou menos estreita com aquele poder. A partir do encontro com algo que “supera” e que é reconhecido como tal, passa-se à exigência de tomar a iniciativa de refletir e de compreender com os próprios meios.

Se o terreno em que se move tanto a experiência religiosa quanto a especulação racional, visto de longe parece ser o mesmo, a diferença de enfoque é evidente. Tentamos reconstruir racionalmente aquilo que vivemos num encontro não planejado e nem procurado, mas que acontece espontaneamente, no qual nos encontramos mergulhados existencialmente, apesar de termos dele, em todo caso, uma certa consciência. Não quero afirmar que todo o pensamento ocidental mantenha esta abertura fundamental, mas com certeza tal abertura estava presente em seus inícios e se apresenta de novo como uma constante mais ou menos evidentemente detectável... (ALES BELLO, A., 1998, pág. 136, 137).

...No último parágrafo do capítulo anterior foi levantada a hipótese, ligada por enquanto à cultura ocidental, segundo a qual a investigação filosófica nasceu a partir de uma matriz religiosa (ALES BELLO, A., 1998, pág. 141).

Se, em um dos sentidos da via, a Sincronicidade e sua ligação com a sacralidade pervadem essa linha do desenvolvimento, formada a partir das culturas arcaicas e chegando até a filosofia e, portanto, à ciência, engendrando, como é suposto nesse trabalho, sua universalidade, no outro sentido a Sincronicidade pode, ela mesma, também ser objeto da cientificidade e prestar-se à sua metodologia. Seguindo a tradição kantiana de análise dos fenômenos nos dois vértices, inteligível e sensível, vamos propor aqui o esboço de uma rápida classificação dos tipos de sincronicidade, pelo menos as mais imediatamente reconhecíveis. Essa categorização é oriunda de minha própria experiência com os eventos sincronísticos. Não se deve interpretar a utilidade dessa categorização como um contrabalanço negativo para tudo que viemos procurando construir até aqui. Ela não tem um cunho capaz de comprometer as características relativizantes da Sincronicidade quanto ao poder do próprio cientificismo. É, entretanto, inútil negar seus benefícios no sentido de um esclarecimento e, a partir disso, até mesmo de um ganho de conhecimento a respeito da própria Sincronicidade. O que se dá é mesmo uma reconciliação e a complementaridade entre duas apreensões cuja improbabilidade de convivência provém do próprio cientificismo. Assim, não há incoerência em proceder a esse esboço de categorização.

Segundo a tradição kantiana de análise dos fenômenos, estes podem ser divididos em suas características sensíveis e inteligíveis. Das sensíveis, que se referem ao tempo e ao espaço, viemos nos ocupando e continuaremos fazendo-o por toda a extensão desse trabalho. Neste momento, nos ocuparemos apenas das segundas das características inteligíveis, que dizem respeito à qualidade. Portanto, falando aqui das qualidades do fenômeno sincronístico, podemos encontrar basicamente **7 (sete)** tipos: os espelhamentos, as sincronicidades de encadeamento, chamadas na literatura de *guidances*, as sincronicidades premonitórias, as sincronicidades constitutivas, as

sincronicidades compensatórias – também chamadas de *correções das flutuações aleatórias* por Wolfgang Pauli, as sincronicidades confirmatórias e, finalmente, as sincronicidades avaliativas. Esclarecemos que essas categorizações podem muitas vezes mesclar-se entre si. As sincronicidades podem atingir níveis de complexidade muito elevados, ser dificilmente expressáveis e ter a duração de um mero instante, desvanecendo-se no esquecimento. Neste sentido, o lugar de pesquisa é, por vezes, tão pantanoso, como o é, sempre, a pesquisa psicológica e, por extensão, a das ciências humanas. São estes os 7 tipos:

a) Os **espelhamentos** são aqueles eventos, até bastante comuns, como aqueles em que, por exemplo, estamos para comprar determinado carro e passamos a encontrá-lo seguidamente por onde passamos. Ou então, ao acordarmos certa melodia nos vem à cabeça e logo que ligamos o rádio, lá está ela sendo executada. Mulheres recentemente grávidas também passam a deparar-se com um número bem maior de grávidas do que normalmente, para além da atenção seletiva. Esse, por exemplo, é um caso que poderia ser perfeitamente submetido a uma clássica avaliação científica quantitativa, bastando fazer uma contagem objetiva dos encontros. Pode ser considerado apenas uma atualização do sentimento de criatura, citado por Rudolf Otto.

b) As **sincronicidades de sinal** ou **encadeamento** ou ainda *guidances* são o tipo de evento que nos levam, por exemplo, a aceitar a contragosto o conselho de um amigo para ir a uma festa, num momento de nossa vida em que procuramos emprego. De início, nos preparamos internamente para recusar o convite porém, logo depois, ligamos a televisão e a primeira palavra que ouvimos é o nome do amigo que nos convidou. Por algum motivo, aquilo mexe conosco e reavaliamos a recusa interna até,

finalmente, decidir por aceitar o convite. Nesse momento, toca o telefone e é nosso amigo perguntando o que decidimos. Chegando ali, encontramos alguém que sabe de uma vaga cujas prerrogativas combinam justamente com nossas qualificações.

c) As **sincronicidades premonitórias** são imagens de eventos aparentemente sem sentido que pouco depois são confirmadas na realidade. Como exemplo desse tipo de sincronicidade, o próprio Jung cita o sonho de Swedenborg com um grande incêndio em Estocolmo, que logo depois se tornou real.

d) As **sincronicidades constitutivas** são, por exemplo, falas de desconhecidos no exato momento em que cruzamos com eles na rua e que fazem um sentido profundo para nós, levando-nos a um maior grau de conhecimento sobre aspectos de nossa personalidade ou sobre uma situação que vivemos, trazendo um ganho de conscientização. Como exemplo, há o caso de uma moça que havia iniciado, finalmente, após um período extremamente longo de solidão, um romance no qual depositara muita esperança, mas que, no final das contas, não durou mais que duas semanas. Totalmente surpreendida pelo rompimento de algo que lhe parecia certo, pelo interesse e identificação que sentira pelo rapaz, ficou sem pé, com uma multiplicidade de raciocínios e sentimentos a que não conseguia dar representação, mas que a mobilizavam intensamente. Em uma das sessões logo após o rompimento, momento em que essa incompreensão atingia seu ápice, ela entrou com a expressão notadamente desanuviada contando: “Agora eu entendi, estava na ante-sala, aguardando, quando li numa revista o título de uma matéria: ‘Don Juan’. É isso, Doutor, ele é como um Don Juan, passa pelas mulheres, mas não fica, deixa apenas o seu rastro”. Através de um simples título de matéria, em uma fração de um segundo, chegou a uma compreensão sobre seus sentimentos, clareou seus pensamentos e apresentou-se, ao mesmo tempo, como se tivesse acabado de fazer uma descoberta que sentia ser muito importante e com o rosto aliviado, como que

renovado. A intensidade da experiência era imediatamente reconhecível e identifiquei, ali, os inconfundíveis efeitos das sincronicidades que já, eu mesmo, experimentara. Jolande Jacobi, falando dos símbolos, torna mais claro o aspecto constitutivo de uma experiência sincronística como essa:

O caráter demonstrativo do símbolo jamais pode se apresentar à compreensão racional, porque já o significado etimológico de symbollo (amontoar) postula como seu conteúdo a idéia de multiplicidade e de disparates. Como unificador de antagonismos, o símbolo é uma inteireza que não pode nunca se dirigir a uma única capacidade do homem, como, por exemplo, ao seu raciocínio ou exclusivamente ao seu intelecto, mas sempre solicita a nossa totalidade, afeta as nossas quatro funções a um só tempo e as leva a ressoar. Como “imagem”, o símbolo tem um caráter de chamariz e estimula todo o ser do homem no sentido de uma reação integral: o seu pensamento e o seu sentimento, os seus sentidos e a sua totalidade participam, e não é, como muitos pensam erroneamente, o caso que uma única das funções seja atualizada (Jacobi, J., 1995, pág. 83).

e) Há também as **sincronicidades compensatórias** ou **regulatórias**, muito frequentes, chamadas por Pauli de correções de rumo: ... *la correction des fluctuations aléatoires à travers des coïncidences significatives ou finales d'événements reliés de façon acausale...*¹⁵ Como exemplo dessas sincronicidades podemos citar a seguinte situação: durante uma briga com nossa esposa, soltamos frases descontroladas, do tipo: “Eu vou embora, pra essa casa não volto mais”. Batemos a porta e entramos no elevador. Mentalmente, repetimos a frase que acabamos de pronunciar quando uma das pessoas que se encontra no elevador diz para a outra, que a acompanha: “Quero ver agora onde ele vai morar”, referindo-se, claro, a uma situação totalmente diversa, que não tem absolutamente nada a ver com a nossa. A partir disso, recuamos amedrontados,

¹⁵ *a correção das flutuações aleatórias através das coincidências significativas ou finais de eventos ligados de modo acausal...* (PAULI, W. apud PRIMÁ, H. in *Synchronicité et Hasard*. Tradução nossa)

reconsiderando nossa decisão. Nesse sentido, verificamos o que Jung chama de função redutora, referindo-se a uma das funções oníricas. De fato, face a um desejo momentâneo provavelmente improcedente, apresenta-se um elemento rebaixador de expectativa. Verificamos, mais uma vez, as analogias entre os fenômenos de Sincronicidade e do sonho. Fica patente, também, a motivação própria inerente ao curso dos eventos, uma correção que se opera de modo subreptício.

f) As **sincronicidades confirmatórias** são aquelas do tipo em que saímos com a intenção de ir ao supermercado e à farmácia. Pensando no que faremos primeiro, deparamo-nos com alguém portando uma sacola do supermercado no exato instante em que formulamos internamente nossa dúvida. Decidimos ir ao supermercado para, pouco depois, saber que a farmácia à qual iríamos, foi assaltada naquela hora. Outro exemplo é a situação de, no início da semana, considerar as opções para o domingo, entre elas ir à piscina, e dois dias depois abrir o armário e, inesperadamente, encontrar o calção de banho, como que caindo em nossas mãos. A eficácia desse tipo de sincronicidade, bem como das sincronicidades do tipo *guidance* podem, de certo modo, também serem submetidas a análises científicas e já encontram-se disponíveis diversos estudos nesse sentido.

g) **sincronicidades avaliativas**, que permitem avaliar uma situação através das sincronicidades discursivas que se apresentam. Um jovem deseja casar-se com uma moça que quer viajar, viver a vida, sem assumir compromissos por enquanto. Em determinado momento, ele se depara com a seguinte sincronicidade discursiva, na televisão, por exemplo: “Pai, ele quer casar, tudo, mas eu ainda tenho muita coisa pra viver”. Pouco tempo depois, dentro da mesma temática, o rapaz depara-se com outra sincronicidade, desta vez: “Filha, ele tem razão, às vezes, para se viver um grande amor, é preciso abdicar de muitas coisas, é assim...”. A transformação das sincronicidades se

refere à transformação em alguma instância, seja nos processos de psiquização do rapaz, seja numa hilética transcendente informativa sobre os estados mentais da moça, ou de alguma outra instância psíquica, mas pode-se dizer que, através das sincronicidades, há um processo que permite uma avaliação, seja ela da situação interna ou da externa, também, em certa medida, passível de experimentação¹⁶.

Vê-se, então, que as diferentes sincronicidades demandam diferentes abordagens metodológicas, prestando-se, algumas, a certos procedimentos metodológicos e outras, não. Essa é a principal razão para tal categorização do fenômeno. Mas, além disso, e esse é um dos aspectos que o diferenciam dentro do horizonte da subjetividade, o fenômeno de Sincronicidade muitas vezes ultrapassa o homem, constituindo-o. De fato, se algumas vezes o fenômeno aparece como um mero espelhamento de um conteúdo interno – o que não anularia a validade do que diremos a seguir -, muitas vezes nos deparamos com situações sincronísticas à nossa subjetividade, mas como que colocadas um passo adiante de nós mesmos. Esse é o caso das sincronicidades que

¹⁶ É preciso, uma vez mais, ressaltar o elemento de passividade que caracteriza a Sincronicidade. Assim, essa categorização não permite, como poderia erroneamente sugerir, que se escolha qual das categorias se deseja produzir até mesmo para fins unicamente de estudo. Eventos de sincronicidade, apresentam-se a nós por si mesmos, independentemente de nossa determinação, incluindo-se em uma dessas categorias – apenas sugeridas e certamente incompletas – unicamente através dos efeitos, interpretados, que venham a ter sobre nós. Para fins de estudo, por exemplo, e mesmo outros, seria preciso, portanto, esperar a ocorrência do fenômeno por si mesmo ou coletá-lo na experiência vivida do sujeito da pesquisa. Essa atitude assemelha-se à utilização do vento como energia eólica, por exemplo, ou de outro fenômeno natural. Apenas pode-se utilizá-lo em benefício próprio, enquanto condição dada, porém não é possível reproduzi-lo.

A questão da possibilidade de produção ativa de sincronicidades refere-se mais propriamente, como já foi citado, a uma atitude existencial, como, por exemplo, a atitude sacrificial, podendo essa ser entendida no contexto de uma redução egóica. Essa associação, no entanto, não foi totalmente estabelecida, sendo apenas aventada. Poder-se-ia nesse caso, argumentar que ao obter este tipo de controle sobre a aparição de eventos sincronísticos, estar-se-ia comprometendo ou deturpando seu caráter de sacralidade. No entanto, caso se chegue efetivamente a provocar um fluxo maior de eventos sincronísticos a partir, por exemplo, de uma atitude sacrificial, ainda assim não é possível determinar-se o mérito do evento, por assim dizer. Permanece a condição de algo que nos é dado, para o qual nos tornamos recipiente, assim como, por mais que se estude a lei da gravidade, não é possível determinar totalmente as características e os efeitos de um impacto. E, no mínimo nessas características e efeitos, continua subjazendo o sagrado, preservado em suas particularidades. Além disso, mesmo no mérito, mantém-se o aspecto sincronístico. A análise de uma atitude que provoque um aumento no fluxo de eventos sincronísticos referir-se-ia, portanto, a uma meta-Sincronicidade.

chamamos de constitutivas aqui. São propostas por um Outro¹⁷ que manifesta-se a partir de fora. Neste sentido, funda aquilo que pode ser chamado de hiper-singularidade, o diálogo com o vir-a-ser, evidenciando, também, como que uma superioridade desse Outro com relação a nós. Esse diálogo se diferencia pelo fato de se dirigir ao sujeito de modo específico, sob medida a ele. Além da aparente falta de regularidade do fenômeno, esse tipo de sincronicidade dificilmente se presta a uma análise científica clássica, demandando uma atitude fenomenológica.

É nossa posição que uma apreensão sincronística da realidade caracteriza o caráter religioso. Este, por sua vez, é o antepassado do científico. A participação mística não nos deixou de modo completo e por isso continua entremeada à nossa pretensa

¹⁷ Limitamos o estudo da questão da alteridade aqui às três abordagens principais que permeiam este trabalho, a saber, a fenomenologia, a sacralidade e a psicologia analítica de Carl G. Jung. O outro proposto aqui poderia ser interpretado como o outro fenomenológico assim como descrito por Lévinas, isto é um grande outro, ou ainda a alteridade absoluta.

Em Otto a alteridade é o numen. Ele o chama o “*totalmente outro*”, *aquilo que nos é estranho e nos desconcerta, o que está absolutamente fora do domínio das coisas habituais, compreendidas, bem conhecidas e, por conseguinte, “familiares”; é o que se opõe a esta ordem de coisas e, por isso, nos enche de espanto que paralisa...o sentimento do “totalmente outro” torna-se mais intenso e clarifica-se. Simultaneamente aparecem as formas superiores do seu desenvolvimento: o objeto numinoso não se opõe só a tudo o que é habitual e muito conhecido, isto é, e em última análise à “natureza” em geral; não passa apenas para o domínio do “sobrenatural”, acaba por se opor ao próprio mundo e eleva-se às alturas do “transcendente”* (OTTO, R., 1997, pág. 39 e 42)

No âmbito da Psicologia analítica de Jung, a esfera da alteridade absoluta estaria representada pela noção de Si-mesmo e, portanto, os limites do sujeito com relação a ela não se apresentariam de modo tão diferenciado. Edinger explica: *A descoberta de caráter mais fundamental e de maior alcance, de Jung, é a do inconsciente coletivo ou psique arquetípica. Graças às pesquisas que ele realizou, sabemos atualmente que a psique individual não é apenas um produto da experiência pessoal. Ela envolve ainda uma dimensão pré-pessoal ou transpessoal, que se manifesta em padrões e imagens universais, tais como os que podem encontrar em todas as mitologias e religiões do mundo. Jung descobriu também que a psique arquetípica conta com um princípio estruturador ou organizador que unifica os vários conteúdos arquetípicos. Esse princípio é o arquétipo central ou arquétipo da unidade, ao qual Jung denominou Si-mesmo. O Si-mesmo é o centro ordenador e unificador da psique total (consciente e inconsciente), assim como o ego é o centro da personalidade consciente. Ou, dito de outra maneira, o ego é a sede da identidade subjetiva, ao passo que o Si-mesmo é a sede da identidade objetiva. O Si-mesmo constitui, por conseguinte, a autoridade psíquica suprema, mantendo o ego submetido ao seu domínio. O Si-mesmo é descrito de forma mais simples como a divindade empírica interna, e equivale à imago Dei* (EDINGER, E.F., 1995, pág 21, 22)

Independente da localização dessa alteridade, se no interior da psique global, ou como elemento externo, o que une essas perspectivas e que é fundamental, no tocante a essas sincronicidades constitutivas aqui analisadas, em que é evidenciado seu aspecto de alteridade, é que, de todo modo, essa alteridade apresenta-se fora do domínio da consciência e, em todos os casos, superior a ela.

cientificidade totalitária. Assim, um indivíduo não apresenta em seu discurso um tom completamente científico ou racional. Uma apreensão sincronística subjaz por todo discurso, no menor grau que seja. Uma das tarefas da análise empreendida aqui, nas entrevistas que seguem, é justamente identificar e avaliar o teor sincronístico das falas dos entrevistados. É assim que a análise fenomenológica apresenta-se como um método privilegiado para essa tentativa. Um sentido delineado por uma apreensão sincronística do mundo difere de uma apreensão puramente racional pela irrupção do inesperado, do confirmatório, do supersticioso em meio ao pensamento racionalista, bem como do intuitivo e do instintivo e, por que não dizer, também do divino e do sagrado. É na tentativa de identificar, nesses relatos, essas nuances de sentido que a análise fenomenológica se configura ideal e foi nesse sentido que procurou-se empreendê-la aqui.

Essas considerações adquirem força ainda maior quando se fala especificamente dos fenômenos sincronísticos, dentro do universo da Psicologia como um todo. Diferentemente, por exemplo, da situação analítica, que termina, desde a mera atitude observacional até o fenômeno transferencial, por sobrepor um dos participantes de uma relação ao outro surgido como objeto de estudo, mas que, não obstante, permanece estabelecida entre dois seres semelhantes, o fenômeno sincronístico apenas sugere internamente a existência de um Outro, observável apenas pelo próprio sujeito e que, além disso, se apresenta subvertendo absolutamente toda similaridade e controle. Com isso, o que caracteriza os fenômenos sincronísticos é o dar-se conta de que não estamos no comando absoluto das situações.

Há um reconhecimento, ainda que não totalmente consciente, de um poder que nos ultrapassa, mas que, em alguma instância, aparece como inteligível e, assim, só pode ser captado através do sentido. Se, por um lado, um dos objetivos primeiros da

ciência é justamente fugir a esta instabilidade, não será através da metodologia científica clássica que encontraremos as melhores caracterizações para os eventos sincronísticos dessa natureza. É preciso lançar mão de uma abordagem mais ampla e aberta para tanto. Poesia do divino, a Sincronicidade inscreve-se no terreno da interpretação e da hiper-singularidade e, afastá-la daí, é descaracterizá-la. Os avanços que se possam ter, senão estritamente científicos para os parâmetros atuais, não deixam de oferecer a possibilidade de um ganho de bem-estar, o que, por si-só, conferem-lhe o grau de eficácia.

De tudo que foi dito e pela própria natureza do fenômeno de sincronicidade da maneira como concebido aqui, isto é, considerando-se que se dá, por assim dizer, nos diversos níveis de observação – celular, molar ou macroscópico – e, portanto, seja um fenômeno natural absolutamente regular, um *modus operandi* da natureza, é importante notar que é possível adotar com relação ao fenômeno uma postura tanto como algo que se dá, que se apresenta em determinado momento como, por assim dizer, proceder a uma suspensão, similar à atitude fenomenológica, tomar os eventos do momento em um campo e observá-los do ponto de vista da Sincronicidade.

Esta atitude é necessária quando se quer observar o fenômeno no nível da aparição nos níveis mais microscópicos, quando, por assim dizer, deve-se sair em sua busca. O fato de que o fenômeno se dê, se apresente, já implica que a observação esteja se dando em um nível macroscópico. Para observá-lo, tanto mais em um nível microscópico, o fenômeno requer uma atitude de suspensão.

CAPÍTULO 4 - AS ENTREVISTAS

As entrevistas encontram-se transcritas integralmente no anexo desse trabalho. Nesse capítulo, será feita a análise fenomenológica interpretativa dos tópicos de sentido que se revelam ao longo de cada entrevista. Em seguida, uma discussão de cada uma das entrevistas.

Optou-se por atribuir a cada entrevistado um nome fictício, para preservar o anonimato. Este inicia-se pela letra correspondente à característica principal do entrevistado focada neste trabalho. Assim, a Psicóloga Sufi recebeu o nome de Sabrina e o Ateu, o de Alexandre, abreviados por S e A, respectivamente. R é sempre o entrevistador e autor deste trabalho.

4.1. A entrevista da Psicóloga Sufi - Sabrina

Iniciamos, portanto, como explanado acima, a análise fenomenológica da primeira entrevista pela identificação das unidades temáticas que possuam alguma relação com as questões sob investigação. Estas unidades temáticas, num segundo momento, são agrupadas em grupos maiores, então interpretados e relacionados com tópicos da literatura, quando pertinente. O mesmo processo foi repetido para a segunda entrevista. A leitura e releitura da entrevista efetivamente proporciona o sobrevôo que permite delinear o percurso do entrevistado durante a investigação, sempre com a temática pesquisada como pano de fundo.

1. Sabrina explica um pouco o Sufismo caracterizando-o como o lado místico do Islamismo. Defende também que seu conhecimento se dê pela via da experimentação, da vivência, e não apenas de modo intelectual.

2. O Sufismo é caracterizado por Sabrina como um caminho pelo qual o indivíduo pode entrar em contato com sua própria realidade e, neste sentido, trata, à semelhança da Sincronicidade, da hiper-singularidade. Outra característica importante é a premissa de que a realidade egóica é apenas parcela de uma realidade maior à qual deve apresentar-se de modo serviente e jamais autoritário.

3. Sabrina explica que o Sufismo é composto por várias ordens que se diferenciam quanto à metodologia utilizada para o autoconhecimento, por vezes mais intelectual, corporal ou por inspiração.

4. Para explicar as conceituações do sufismo, Sabrina se vale da linguagem da Psicologia Analítica. Essa tendência, que irá confirmar-se ao longo de toda a entrevista, mostrará o quanto o sufismo e a Psicologia Analítica encontram-se emaranhadas na visão de mundo da entrevistada. Pouco mais adiante, veremos como a própria entrevistada faz por si mesma a ligação entre a Sincronicidade e a idéia de D'us.

5. Sabrina confirma sua estupefação com os fenômenos sincronísticos. Precisa entender como se passam, denotando que ultrapassam seu entendimento e colocando-os num nível extra-sensorial, isto é, em que não podem ser dominados e cuja própria origem não pode ser determinada.

6. Através do sacrifício, é possível obter algo

7. Uma outra abordagem perceptiva deixou de ser utilizada, essa abordagem que essencialmente inclui a percepção de uma realidade, por assim dizer, unitária, permeada pela existência de um sentido maior, isto é, de uma intencionalidade, supõe uma comunicação constante entre uma ordem superior e o homem. Dentro desse contexto, as conexões, os processos sincronísticos são fundamentais para o estabelecimento dessa

comunicação. Segundo a visão de Sabrina, e a realidade seria um todo de conexões a que nem sempre estamos atentos.

8. Sabrina cita um exemplo real de Sincronicidade ocorrida com uma conhecida sua. Trata-se de uma sincronicidade de sinal, o que supõe, como o defende a própria entrevistada, todo o esforço de uma apreensão perceptiva voltada para essa comunicação com uma realidade unitária, em que o acaso não existe e onde a Sincronicidade ocupa lugar central.

9. Sabrina fala de algumas características do encontro com o místico, a divindade, o sagrado. O encontro é perturbador e até perigoso, distinguindo-se da dissolução psicótica apenas pela permanência da coesão egóica após a experiência. Por isso, pressupõe uma força egóica mínima para fazer face ao encontro e não cair na dissolução psicótica. O encontro, no entanto, quando bem sucedido, produz resultados benéficos.

10. O canal de comunicação com a realidade unitária é próprio de cada um. Para Sabrina, ele se dá através do sonho. Porém, ela sustenta a existência de diversos canais para essa comunicação, como a visão, o olfato, o sentimento ou outros.

11. A experiência de contato com o que a entrevistada chama de realidade unitária, isto é, de uma realidade onde se dão outros tipos de conexões que as usualmente levadas em conta, é, mais uma vez, descrita como sendo muito forte.

12. Sabrina fala de uma mudança de paradigma trazida pelos primórdios da Psicanálise com Freud e a seguir com Jung. Mas também com Gurdjeff, introdutor do sufismo no Ocidente. Essa mudança de paradigma é marcada pela tentativa de diálogo e compreensão das forças invisíveis em contraposição à preponderância do olhar cartesiano. A necessidade passa a ser a do cultivo da espiritualidade no mundo mesmo e não de modo isolacionista.

13. Para essa tentativa de compreensão da realidade unitária e das forças invisíveis vai se mostrar importante o estudo da Mitologia e dos símbolos. Esse parêntese tem função apenas de ponte para a discussão das relações entre Sincronicidade e Simbologia, a seguir.

14. O olhar que cura deve vir de fora.

15. A história contada por Sabrina evidencia a existência de uma realidade superior que dá sentido aos pequenos e sucessivos encadeamentos. Estes passam a fazer parte de uma trama mais ampla. Esses encadeamentos, pelo sentido que adquirem e, ao mesmo tempo, conferem à trama assumem caráter sincronístico. Assim, quando o lenhador volta para sua casa, sua filha está dormindo, o que o obriga a voltar à floresta. Quando cumpre a função de recolher as pedrinhas e volta para casa, sua filha prontamente lhe abre a porta. Após o episódio que lhe revela seu salvador Mushkil Gusha, e lhe atribui a tarefa da reverência à quintas-feiras, ele atinge facilmente seu objetivo primeiro, que era o de conseguir alimentos de maior qualidade para si e sua filha. É a isso que se refere a entrevistada quando, fazendo sua própria interpretação da história, diz que o ego não pode pretender ocupar a posição de liderança e sim a de servidor. Esse tipo sincronicidade pode ser incluída naquilo que aqui chamamos de sincronicidades confirmatórias, denotando que o lenhador atingirá seus objetivos ao adotar a reverência que lhe foi ordenada para as quintas-feiras.

Ora, essa relação poderia ser tida como de causa e efeito, pois teríamos aqui justamente uma alteração de elementos puramente espirituais e psicológicos, a saber, um incremento na devoção, incremento esse permeado por um sentido subjetivo, levando a efeitos de ordem material, a saber, por sua vez, uma melhora na condição material do lenhador. Essa é uma relação que, entretanto, não pode ser considerada

diretamente de causa e efeito, pertencendo mais ao domínio da Sincronicidade, como, aliás, se apresentam, as relações previstas pelas diversas religiões entre o homem e a ordem, por assim dizer, superior. Ainda que se possa colocá-la sob a forma de uma relação causal, faltam os elementos que tornem explicável e replicável esse tipo de relação. Entre esses, podemos inicialmente citar o fato de a devoção ter que ocorrer às quintas-feiras. O simples fato de estar em um dia diferente da quinta-feira anularia a configuração da devoção que é pedida, comprometendo o aspecto causal e favorecendo o sincronístico, uma vez que não se pode entender por que essa devoção – com seus efeitos posteriores - deva dar-se às quintas-feiras e não em outro dia qualquer. Tanto que, mais adiante na história, o abandono do cumprimento da devoção na quinta-feira acaba coincidindo com o advento de malefícios ao lenhador e o retorno ao cumprimento correto da devoção o recoloca em segurança. O mesmo acontece com a pessoa que sincronisticamente – nas palavras da própria entrevistada – joga uma moeda ao lenhador no exato instante em que se lembrava de Mushkil Gusha: após tomar conhecimento da história do salvador, seus problemas são dissipados. Ou seja, há a disseminação do conhecimento da existência de uma ordem superior, representada aqui por Mushkil Gusha, seguida por transformações inequívocas na vida de quem adquire esse conhecimento e se mantém reverente. Ainda que se possa reduzir esse aspecto sincronístico a uma causalidade, como pode ser feito, à primeira vista, com os fenômenos sincronísticos de cunho religioso de modo geral, isto é, dizer que a causa da riqueza é a devoção a de Mushkil Gusha, ou, de modo extensivo a nós, o sucesso é causado pela obediência a D’us, a diferença essencial entre essa “causalidade” sincronística para a causalidade científica é que os processos envolvidos no segundo caso podem submeter-se ao controle humano, seja quanto à própria ocorrência ou no mínimo quanto à sua compreensão. Já os eventos sincronísticos não previstos pelo

determinismo religioso não se encontram em absoluto sob o domínio humano e sua compreensão, quando ocorre, permite deduzir uma intencionalidade subjacente, mas que é sempre superior ao próprio homem. Assim, a “causalidade” sincronística religiosa aparece como tal com base em um sentido que surge, mas não em um controle replicável por parte do homem, diferentemente da causalidade científica. O que define essa “causalidade” sincronística, quando pode ser configurada como tal, é, portanto, um aspecto intransponível de passividade. Assim, a inocência da filha do lenhador, também, é, tão somente, revelada por um espirro. Diga-se de passagem, que dentro de uma possível, por assim dizer, simbologia fisiológica, o espirro poderia até ser alçado à posição de um símbolo maior de passividade, já que é algo sobre o que não temos absolutamente nenhum controle. Podemos notar, ainda com relação a esse episódio, que a princesa percebe, primeiramente, o reflexo de seu colar e só depois o colar em si. Se nos limitarmos à imagem formada de modo seqüencial pelo conto neste ponto, diríamos que a salvação ocorre através da reflexão na água do colar, este sim representando a libertação. Essa libertação, concretamente representada pelo colar, mas revelada casualmente – e, a partir da perspectiva da princesa, de modo sincronístico e passivo - através do espirro que permitiu a visão do colar, acaba por simbolizar a intervenção de uma ordem superior que se revela ao homem de modo reflexo, indireto, evidenciando uma intencionalidade que lhe escapa.

Trata-se, portanto, de um conto de caráter pródigo em seu caráter sincronístico, que a entrevistada repete todas as quintas-feiras no convívio com sua ordem sufi.

16. Sabrina retoma o tema da necessidade do trabalho espiritual entremeado ao mundo e não de modo isolacionista, o que pode ser traduzido em termos de uma ressacralização do mundo.

17. Ela caracteriza a Sincronicidade como a ação do invisível no visível. Esse invisível, contudo, não é algo desprovido de sentido. É o invisível de uma ordenação que o homem não alcança, mas cuja percepção ele pode desenvolver, afinar.

18. Sabrina descreve um modo de vida em que a percepção dos fatos efetivamente busca uma significação dentro de um todo, dentro de uma realidade unitária, isto é, onde os fatos físicos, como a doença de seu marido, se apresentam como tradução de um significado psicológico e, inversamente, a espiritualidade deve atuar no mundo físico, do dia-a-dia. Sua atuação profissional e sua crença espiritual estão intimamente ligadas e formam uma coesão em que as linguagens junguiana e sufi mantêm um diálogo constante. Tudo tem um significado maior, para além. E, falando especificamente em termos da Sincronicidade, tudo é significativo e busca comunicar algo. O diálogo com a transcendência é, para ela, algo regular.

19. Sabrina refere uma sincronicidade premonitória forte configurada apenas anos mais tarde. Aos dezessete anos ela sonha com pedrinhas coloridas, pedrinhas essas que voltariam a apresentar-se a ela já como elementos do conto de Mushkil Gusha, que ela repete todas as semanas no convívio da ordem sufi a que passou a pertencer.

20. Sabrina refere uma dureza do coração decorrente de sua história familiar. O símbolo da pedra assume aqui, em seu sonho, o formato de um coração ou de uma rosa e ela o interpreta como a necessidade de suavizar o caráter. A pedra é reiteradamente na literatura mitológica e de modo geral significada como símbolo de demarcação, ou seja, de sacralidade. Haja vista a profusão de imagens arquetípicas fazendo referência a esse elemento: a pedra fundamental, a pedra filosofal, a pedra preciosa, a pedra no sapato e por aí afora. Feita de terra, assim como o homem, a pedra é um elemento primitivo onde uma concentração do elemento natural, a terra, leva a uma transformação dialética de

natureza, contemplando, contudo, vários aspectos do humano, como traduzem as variações citadas acima. Simples por natureza, fria por característica sensória, a pedra, ainda assim, estando em toda parte, ocupa um lugar diferenciado entre os símbolos humanos e se imbui de sacralidade.

O diálogo com a transcendência citado pela entrevistada no início da entrevista se estabelece através do sonho e lhe indica o trabalho a ser realizado. Nem seria necessário, porém, por ser um trabalho justamente vertendo sobre Sincronicidade, deixemos registrado o fato da sincronicidade onírica entre a pedra em formato de coração e o trabalho de suavização a ser empreendido pela entrevistada, conforme suas próprias palavras. Pedrinhas essas que já haviam aparecido em uma forte sincronicidade premonitória pregressa. Esse conjunto de fatos nos leva a estabelecer a estreita ligação entre as linguagens sincronística e onírica.

21. O discurso de Sabrina é recheado de percepções em sua própria vida que têm analogias com os elementos do conto de Mushkil Gusha. Assim, ela fala que tinha se esquecido de voltar ao caminho espiritual sufi, assim como o lenhador tinha se esquecido de prestar tributo a Mushkil Gusha às quintas-feiras. Significativamente, ela chega a essa configuração a partir da ocorrência de um furacão que a impediria de viajar, como que anunciando uma grande transformação em sua vida. Outra sincronicidade de sinal.

22. Sabrina analisa sua história de vida, particularmente aqui o seu caminho sufi, como de um processo que se sustenta para além de sua intencionalidade, como se houvesse uma ordem superior direcionando-a.

23. As sincronicidades aqui são interpretadas como sinais

24. As mortes são interpretadas como sinais para uma volta ao caminho sufi

25. Sabrina introduz a diferenciação entre Khronos e Kairos

26. O ouvir referido pela entrevistada pode ser entendido como relacionado a uma hilética e o obedecer a uma noética, uma intencionalidade, configurando algo do tipo: o destino tem algo dizer e a nós cabe apenas agir conforme. Dançar (noética) conforme a música (hilética). É quanto à hilética que o discurso que neste trabalho chamamos de discurso sincronístico se diferencia para cada um, tornando-se hiper-singular. Esse é o significado de “ouvir, sentir ou sonhar” a que se refere a entrevistada. A modalidade do discurso é variável, porém sua sacralidade, no sentido de um discurso distinto, destacado dos demais, é ponto comum. O que o distingue é justamente o grau inalcançável de correspondência à singularidade – que paradoxalmente se torna chamativo e, portanto, constitutivo - com que se apresenta a cada um.

27. Sabrina conclui que foi escolhida para manter o caminho sufi vivo e servir como guia para que outros se iniciem nele

28. As sincronicidades permeiam toda a visão de mundo da entrevistada. Até mesmo carreiras que vislumbrou seguir, mas que acabou não o fazendo, ganham uma significação relativamente à sua história. Essa significação apresenta constantemente base sincronística.

29. Sabrina apresenta um leque de nomes utilizados para designar D’us. Dentre eles aparece a denominação “aquele que acelera”

30. Queimar etapas refere-se, de fato, a uma aceleração dos eventos.

31. Sabrina relata que sua experiência de aceleração se dá quando dos grandes encontros com sufistas.

32. Sabrina introduz a idéia da alimentação que vem de cima. O alimento que vem de cima é a comunicação com a ordem superior.

33. Ocorre uma sincronicidade durante a própria entrevista.

34. Os tempos mudam e com eles a necessidade. Aqui, Sabrina refere-se a uma maior ou menor aproximação com a ordem superior.

35. Sabrinarelata mais uma grande e forte sincronicidade de sua vida. O seu primeiro namorado que causou importantes em sua vida e a introduziu no sufismo reaparece no momento em que ela via indícios e finalmente volta ao caminho do sufismo. Isto é, estabelece-se uma ligação sincronística entre o aparecimento desse homem e do sufismo em sua vida. Configuraria assim nova sincronicidade de sinal, porém em um nível mais macroscópico pois os eventos nesse caso inscreveram-se num período de tempo maior. A segunda aparição se dá também pelo encontro com uma amiga que ela não via havia 15 anos e que sugere que ela procure o primeiro namorado. Outros sinais ocorrem encaminhando-a de volta ao sufismo. O encontro, 20 anos depois, chegou a ser previsto por ela, porém sem esperar que realmente acontecesse, o que configura uma sincronicidade retroativa. Esse reencontro permite que ressignifique algumas de suas antigas conclusões a respeito de seu primeiro relacionamento.

A entrevista com a Psicóloga Junguiana, também praticante sufi, é muito extensa. Conseqüentemente, não se pode esperar que sua análise seja sumária, sob pena de restringir a riqueza de detalhes com que aqui se mostram as diversas facetas do fenômeno de Sincronicidade – e também da Sacralidade. De fato, essa entrevista aborda tantos detalhes desses fenômenos que dá a impressão de dar conta, por si só, de tudo quanto nos esforçamos por investigar neste trabalho. Para que se possa tão somente lidar com ele, o material da análise, discriminado nos itens acima, é, a seguir, reunido

sob alguns tópicos principais – de modo, inevitavelmente, um tanto quanto sintético, dada a limitação desse estudo face às possibilidades que representa.

4.1.1 Interpretação e discussão da entrevista

A entrevistada aqui é uma psicóloga clínica junguiana experiente. Além disso, é praticante do Sufismo. Interessante notar, de antemão, que no âmbito de uma Psicologia religiosa como a de Carl Gustav Jung, esperar-se-ia, naturalmente, que o Sufismo, enquanto prática religiosa, fosse amplamente contemplado pelas conceituações dessa abordagem. O que se verá a seguir, no entanto, é uma rara combinação harmoniosa entre uma abordagem psicológica e uma prática religiosa de origens distantes entre si. Essa mesma harmonia não se encontra, por exemplo, nas relações da abordagem junguiana com o Judaísmo. Para isso, o motivo poderia recair, simplesmente, no fato de o Sufismo representar o lado místico do Islamismo e ter sido, como o explica a própria entrevistada, abraçado por ele depois de ter-se constituído de modo independente. Talvez - e provavelmente - encontraríamos uma ligação mais estreita entre a Sincronicidade e a Cabala. A Sincronicidade é um conceito - como fez questão de mostrar Murray Stein - tardio, mas, apesar disto, central e perene em toda a abordagem junguiana e, por isso, pode lhe ser tido como representativo. Entretanto, não é preciso nem chegar até a Cabala para deparar-se com a recorrência da temática da Sincronicidade dentro do Judaísmo, tanto mais dentro do universo cabalístico. Citemos apenas o exemplo de uma história cabalista:

Antes de tornar-se uma figura conhecida, o Bescht, certa vez, ficou sem dinheiro para o jantar de Shabat. Na noite anterior ele fora até a casa de uma pessoa de posses, batera à porta e fora embora. A pessoa

levantou-se da cama, vestiu-se correndo e foi atrás do Bescht. Quando conseguiu alcançá-lo, ao ver suas roupas esfarrapadas, observou: “Se você veio a mim para obter auxílio, por que foi embora?”

O Bescht retrucou: “Quando um ser humano nasce, seu sustento nasce com ele. São as suas imperfeições que fazem que seu sustento seja retido e que não se apresente diante de si, apesar de seu esforço. Já que a imperfeição de cada pessoa é diferente em escala, a quantidade de esforço que deve realizar também é diferente. Acredito que minha vida, longe das coisas mundanas e materiais, me permite assegurar sustento com facilidade, por isto bati à sua porta. Depois de ter feito este esforço, fiquei confiante em que D’us me permitiria sustento, e para mim não faz a menor diferença se este virá de você ou de qualquer outra pessoa”. (BONDER, N., 1999, pág. 220)

O sábio da história cabalista limita-se apenas a buscar seu alimento de um modo limítrofe, espiritualmente fronteiro e totalmente descolado da materialidade. E se vai, crente de que o receberá. Não há sequer traços de uma possível causalidade nessa história. Aqui, a fé, através de uma apreensão puramente sincronística, tem a certeza de obter o que espera.

Assim, talvez possamos encontrar a razão para tal ligação harmônica em outro lugar, seja no peso da transcendência para o Islamismo e o Sufismo. Segundo Gilberto Safra, o Islamismo é, dentre as principais religiões, aquela onde a transcendência tem mais peso. Ali, a estrutura egóica encontra-se mais relativizada e a noção da subserviência a um Outro é determinante. O Judaísmo aparece como uma religião relativamente mais egóica, por assim dizer. Com relação ao Judaísmo, o Islamismo, parece situar-se num degrau acima na escala do sentimento de submissão e passividade frente ao divino e isto não quanto ao aspecto da prática religiosa propriamente dita, mas sim da intensidade e do espalhamento de sua manifestação. Num espectro hipotético, fundamentado em Ales Bello, indo da Sincronicidade à cientificidade, o Judaísmo poderia, assim, ser

qualificado como mais científico e racional se comparado ao Islamismo^{18 19}. Essa descentralização do ego, a interposição de relações com uma divindade cuja atuação é

¹⁸ Reencontramos uma idéia correlata desse menor racionalismo do Islamismo em Otto: *Com efeito, se o sentimento do numinoso, enquanto “sentimento de estado de criatura”, é realmente a verdadeira raiz da predestinação, há que prever que a tendência religiosa, que é determinada exclusivamente e de uma maneira mais completa com os elementos irracionais da idéia de Deus, terá assim mais afinidade com a idéia da predestinação. E é o que aqui manifestamente acontece. Nenhuma religião tem tanta afinidade com esta idéia como o Islão. O que dá ao Islão o seu carácter próprio é o facto de, tanto o lado racional como o lado moral da idéia de Deus, não terem nele podido adquirir um relevo tão acusado como, por exemplo, adquiriram no Judaísmo ou no Cristianismo. Em Alá, é o numinoso que absolutamente prevalece. Critica-se o Islão dizendo que nele a lei moral reveste o carácter de “contingente” e só tem valor devido à vontade contingente da divindade. A crítica é justa, mas aquilo de que aqui se trata não tem nenhuma relação com a “contingência”. Pelo contrário, explica-se pelo facto de, em Alá, o elemento irracional do numinoso o elevar demasiadamente acima do elemento racional e de ainda não estar assaz esquematizado e equilibrado por este, neste caso pelo elemento moral, como no Cristianismo. Também assim se explica o que comumente se chama o carácter “fanático” desta religião. O sentimento do numen, sobre-excitado e “exaltado”, sem os elementos racionais que o equilibram, é exactamente a essência do “fanatismo”.* (OTTO, R., 1997, pág. 122 - 3)

¹⁹ Interessante, rapidamente, relacionar essas diferenciações com a ótica antropológica de Rudolf Steiner, através de um texto de Karl König, que traça um panorama das correlações entre características psicológicas e a ordem de nascimento na constelação familiar.

A constelação familiar molda o comportamento social do homem ...a ordem de nascimento é outro tema de grande influência no destino do homem ...a estrutura de nossas emoções, o curso de nossas reações são significativamente alterados por esses fatos da constelação familiar (KÖNIG, K., 1995, pág. 19, 70).

Existiriam, assim, características próprias a todos os primeiros filhos, diferentes das do filho do meio e, por sua vez, diferentes também das do terceiro filho. Não podemos debruçar-nos demoradamente aqui sobre esse estudo interessantíssimo, mas podemos reter apenas alguns de seus achados, imaginando para as três principais religiões monoteístas o arranjo de uma constelação familiar. Assim, o Judaísmo teria sido o primeiro a surgir – alçando-se à posição de primeiro filho - seguido do Cristianismo e, finalmente, do Islamismo. O filho mais velho guarda a característica de ser, entre todos, o mais esperado e aguardado. Talvez seja essa, também, uma das origens da famosa concepção segundo a qual o povo judeu é o povo escolhido:

Em tempos antigos, o primogênito sobressaía-se em relação a todas as outras crianças, e mesmo hoje em dia o primeiro filho ou filha ainda possui um valor especial para os pais. Nenhuma outra criança é esperada e aguardada com tanta alegria e reverência. Por meses, os jovens pais estão repletos de um especial calor de sentimentos e emoções. Para começar, eles compartilham de um segredo comum. Pouco a pouco, começam a contar a seus parentes e amigos: “Um bebê vem vindo”. Sentem-se como que circundados de glória, e deixam-se envolver pelo brilho da graça recebida. “Uma criança virá para nós.” com alegria, orgulho e cuidado os preparativos são feitos para o grande acontecimento. Esta criança, a primeira a vir, é realmente esperada com ansiedade, e sua entrada é preparada como a entrada de um príncipe ou uma princesa (KÖNIG, K., 1995, pág. 32)

O próprio *thelos* messiânico constituinte do judaísmo pode ser interpretado como uma projeção mesma da condição personalística de sua posição enquanto primeiro filho. Algo totalmente diverso se dá com o terceiro filho:

Aqui nós encontramos duas atitudes fundamentais dos terceiros filhos. Eles sentem-se afastados, algumas vezes até isolados de todas as outras pessoas. Esta separação, no entanto, é diferente daquela encontrada no filho único. O último mostra sempre um certo grau de indiferença. Ele está acima das outras pessoas; um primogênito com todas as suas qualidades. A solidão do terceiro filho tem um sabor diferente. Ele suporta a dor aguda da inferioridade. A criança almeja tomar seu lugar entre os outros, já que vive sob a forte impressão de que os outros não se preocupam com sua existência e não fazem

multifacetada e o objetivo final da busca da verdade própria de cada um fundam uma hiper-singularidade que aproxima o Sufismo da Sincronicidade, permitindo o emaranhamento das duas abordagens na visão de mundo da entrevistada. Essa consideração adquire peso importante para este estudo uma vez que busca-se aqui, justamente, determinar a ligação da Sincronicidade com a sacralidade.

A entrevistada caracteriza o Sufismo como o lado místico do Islamismo cujo conhecimento deve dar-se no registro experiencial. É um caminho que possibilita ao indivíduo conhecer a realidade própria que traz na sua interioridade, distinta das demais. A realidade egóica é, portanto, parte de um todo maior à qual deve apresentar-se como servidora. Neste sentido, entende-se que as diferentes facetas do humano, seja elas a intelectualidade, o sonho ou a dança, sirvam a esse autoconhecimento, eleitas por cada

questão de tomar conhecimento dela. Muitas pessoas sofrem desse sentimento de inferioridade, mas nelas isto vai e vem. Num terceiro filho, é o traço fundamental de seu comportamento social. (KÖNIG, K., 1995, pág. 74)

A respeito disso, König cita um exemplo histórico real:

Outro terceiro filho típico era o Príncipe Coroado da antiga Monarquia Austro-Húngara, o arquiduque Rodolfo de Habsburgo. Duas irmãs precederam o seu nascimento, mais de cem anos atrás, em 1858. Ele teve uma infância infeliz sob as rígidas leis da dinastia de Habsburgo, mas foi uma criança precoce, ávida de agradar...as novas idéias políticas que ele lançou em muitos ensaios e memorandos não foram aceitas e seu isolamento cresceu. A relação com sua esposa falhou e ele terminou cometendo suicídio. (KÖNIG, K., 1995, pág. 75)

E volta a generalizar:

Em muitos terceiros filhos tal quebra brusca em seus destinos pode ocorrer um certo número deles morrem jovem e, algumas vezes súbita e inesperadamente. Não somente solidão e segregação os circundam. Eles mantêm uma relação muito mais próxima à realidade da morte do que um primeiro ou segundo filho. A morte parece estar mais próxima deles do que das outras pessoas (KÖNIG, K., 1995, pág. 76).

Assim, o terceiro filho, por ser rejeitado, esforça-se por agradar, desenvolvendo caráter submisso. O Outro é representado por dois grupos hierárquicos, sendo, o primeiro, formado pelos os pais, e o segundo, pelos irmãos mais velhos, que já formaram uma associação coesa. Esse Outro que o rejeita, impõe sua presença de modo mais marcante ao terceiro filho. Essa abordagem permite um sobrevôo pela história das religiões, suscitando uma interpretação que se torna ontológica, para submissão do Islamismo de que falamos acima. Decorre daí, também, uma explanação para o sempre chocante destemor dos homens-bomba, através da tese da maior proximidade à morte por parte do terceiro filho, descrita por König. Essas características ontológicas explicariam, portanto, como uma maior apreensão sincrônica do mundo torna-se mais evidenciada no Islamismo.

E, de fato, *o primogênito tende a ser mais racional* (CASTELLÓN, 2007) – neste caso, o Judaísmo.

realidade interna como seu modo próprio de acesso e diálogo com o divino e, de um ponto de vista mais organizacional, diretrizes fundadoras das diferentes ordens sufis.

A Sincronicidade, oriunda do registro experiencial e potencialmente presente em todas essas facetas, permeia a todo o modo de vida da entrevistada. É o modo para o estabelecimento de uma comunicação constante com D'us, constituindo a expressão daquilo que é para ela uma realidade unitária. Ao colocá-la acima de seu entendimento, numa origem que não se pode determinar e, ao mesmo tempo, estabelecê-la como meio de comunicação com D'us, a entrevistada coloca a Sincronicidade numa área fronteira e demarca sua sacralidade. Deixa claro, no entanto, que essa comunicação encontra-se como que por trás de um véu de espessura variável e que pode ser afinado, abrindo caminho, com isso, para o desenvolvimento, a partir da Sincronicidade, da função da espiritualidade. Interessante lembrar que Jung reuniu instinto e espírito como, respectivamente, a parte inferior e superior de uma mesma função, a psíquica. A entrevistada significativamente fala de um músculo que deixou de ser exercitado e assim, a Sincronicidade, amplamente difundida como meio de apreensão entre os primitivos, reaparece como parte da função da espiritualidade, mostrando-se, por um lado, um substrato inexorável na evolução do homem e por outro, como um reservatório permanentemente disponível de força de significação.

O encontro com o sagrado, através da experiência sincronística, aparece como perigoso e perturbador pedindo uma força egóica mínima para evitar a dissolução psicótica. Prevista essa coesão egóica, no entanto, o encontro com o sagrado pode ser benéfico, isto é, constitutivo. Essa experiência que pode, efetivamente, ser considerada de um atravessamento, produz uma abertura, um furo no registro representacional, tão bem descrito por Gilberto Safra. De fato, o sagrado é aquilo com que o indivíduo

se encontra e que o transforma. Nesse sentido, é um furo na subjetividade e, portanto, no si-mesmo, no tempo e no cotidiano. Por se tratar de uma experiência, fura também o representacional e é vivido como um atravessamento, uma experiência de alteridade radical.

A perturbação expressa pela entrevistada denota o aspecto numinoso dessa manifestação. Parece traduzir tanto o aspecto *tremendum* quanto o *fascinans* do sagrado, descritos por Otto. Na filosofia chinesa do I Ching, uma experiência desse tipo é descrita no hexagrama 51, o Trovão. Ali se diz que:

A comoção traz sucesso

O choque vem: oh, oh!

Expressões de riso: ha, ha!

A comoção gerada pela manifestação de D'us nas profundezas da terra atemoriza o homem. Porém esse temor diante de D'us é bom, pois júbilo e alegria podem vir em seguida (WILHELM, R., 1988, pág. 159).

A entrevistada sustenta que haja mais de um canal possível para o estabelecimento dessa comunicação com o divino. Fala da visão do olfato, o sentimento, o sonho e, acrescentaríamos, a linguagem. Essa possibilidade de especificidade a partir de qualquer um desses sentidos evidencia uma continuidade de algo que se relaciona de modo singular com o indivíduo, isto é, o diálogo com um Outro. A contraparte do discurso trazida por esse Outro é o que caracterizamos ao longo desse trabalho como discurso

sincronístico. Trata-se do discurso de um Outro que quando nos fala já parece ter falado conosco antes, conhece nossos pensamentos e sensações e, mais ainda, por vezes esclarece-os a nós mesmos, como se nos conhecesse mais que nós mesmos e, assim, como que se pertencêssemos mais a esse Outro que a nós mesmos. Algumas características desse discurso, que, como nos traz a própria entrevistada, dispersa-se por toda a sensorialidade humana, aproximam-no muito da linguagem onírica, como por exemplo, através do processo da compensação psíquica. Porém, aqui, diremos que esse discurso apresenta-se, também, como um discurso atual, do momento vivido, íntimo. Justamente por dirigir-se a nós de modo hiper-singular, pode apresentar-se abreviado, familiar, diríamos até maníaco. Assim, uma única letra, uma simples nota musical, pode formar com nossa interioridade e expectativa uma completude perfeita que, assim, se sacraliza, levando em conta aspectos como nosso gosto, nossa memória ou tão simplesmente um mero ordenamento que nos agrada mais que outro, assim como alguns comem primeiro o miolo do pão e outros, a casca. Por dialogar de modo atual com nossa história, pode-se caracterizar, assim, esse discurso como diacrônico. Por atingir-nos sempre em nossa hiper-singularidade, ele conquista, paradoxalmente, a imutabilidade e a mutabilidade. Recorremos à caracterização do signo lingüístico de Joël Dor para essa nossa qualificação do discurso sincronístico:

A alteração do signo é o resultado da prática social da língua ao longo do tempo. Se é por ser imutável que o signo lingüístico pode perdurar, é também por perdurar no tempo que ele pode alterar-se. Estamos diante de uma relação de reciprocidade contraditória entre imutabilidade e mutabilidade. (DOR, J. 1993, p.33)

Assim, o discurso sincronístico se torna sempre reconhecível. Ao atingir esse nível de sacralidade, o discurso sincronístico revela um arcabouço de leis que aproxima o

universo da Sincronicidade da Mecânica Quântica, pois aí trata do infinitamente pequeno. Mas, ao mesmo tempo, a Sincronicidade se aproxima das peculiaridades da Simbologia. Neste trecho, onde Jung fala da Simbologia, podemos perfeitamente transferir suas idéias para o discurso sincronístico em seu aspecto, por assim dizer, microscópico ou celular:

Não devemos perder de vista que tais máximas ou idéias mestras... não são palavras mágicas cujo poder é absoluto; só adquirem domínio sob certas condições, isto é, quando há dentro de nós algo que lhes corresponde, ou seja, algum afeto que esteja pronto a se apoderar da forma apresentada. Somente através da reação dos sentimentos é que a idéia, o que possa ser o princípio orientador, se torna um complexo dominante. Sem esta reação, a idéia continuaria um conceito submetido ao arbútrio da consciência, uma simples peça de calcular intelectual, sem poder de determinação. A idéia que for um mero conceito intelectual não pode ter influência na vida, porque neste estado ela não passa de uma palavra vazia de sentido; e inversamente, quando a idéia adquire a importância de um complexo autônomo, ela passa a atuar sobre a vida do indivíduo através de suas emoções e sentimentos (JUNG, C.G., 1971, pág. 95).

Por falar-nos com um hiper-conhecimento de nossa interioridade é que esse discurso sincronístico atinge sua sacralidade. E isso pode ser verificado tanto no nível macroscópico de nossas vidas, como fica patente na entrevista da Psicóloga Junguiana Sufi, como no nível microscópico. A entrevistada olha retrospectivamente para sua vida como uma história plena de sentido e nota o posicionamento das grandes sincronicidades que lhe ocorreram como demarcadores nítidos de seu caminho. Nesse ponto, já não podemos nos furtar quanto à sacralidade da Sincronicidade no modo de vida da entrevistada.

A partir disso será possível definir algo que na Grécia antiga aparecia como algo regular: a existência de dois tempos - Khronos e Kairos – e um correlato: a aceleração. Khronos é o tempo linear, cronológico, seqüencial. Kairos é o tempo dos eventos. Dentro da estrutura do tempo dos eventos, Kairos, as conexões entre esses, para além de Khronos, ficam mais claras e a Sincronicidade ganha seu real significado e centralidade.

A entrevistada apresenta um leque de nomes utilizados para designar D'us. Essas designações, de fato, apresentam-se mais como atributos da ordem superior que nos ultrapassa e que age em nossas vidas por meio, justamente, desses atributos. Estes são, por exemplo, o dar a vida, o curar, o eliminar, e por que não dizer, o agir, por vezes, com crueldade, entre outros. Contrapõem-se, assim à imagem popularmente difundida de D'us, que é apresentado apenas como bom. De fato, a entrevistada propõe uma quebra desse paradigma da bondade e sua substituição por uma apresentação de D'us segundo seu *modus operandi*, isto é, os atributos. Mais uma vez, é preciso sublinhar que o modo de apresentação desses atributos tem sempre por base, seja uma sincronicidade pontual ou uma sincronicidade dedutível ao longo do tempo.

Quanto a esses atributos, um deles ocupa lugar interessante no âmbito da Sincronicidade. Abrindo um livro com designações para esses atributos, que substituem o nome de D'us, a entrevistada, sincronisticamente com relação a este trabalho, cai num específico: é o da aceleração, característica do fenômeno sincronístico que nos esforçamos por desenvolver aqui. Fenomenologicamente, diríamos que o fenômeno como que se mostra. O que esta aceleração denota é a irrupção da ordem superior no cotidiano, a irrupção de Kairos em Khronos, o maior ou menor espaçamento entre os eventos significativos e subseqüentes formando a trama de uma vida. Pois em Khronos, o tempo dos homens, a noção de aceleração do tempo não existe. O tempo em Khronos é constante, imutável. O único que pode acelerar-se é o tempo dos eventos e esse é

exclusivamente Kairos, o tempo de D'us. Em Kairos, um dia pode ser como mil anos e mil anos como um único dia. Como disse Einstein: *O tempo só existe para que não aconteça tudo ao mesmo tempo*. Khronos está a serviço de Kairos.

E assim, é possível também reencontrar a noção de aceleradores sincronísticos, como foi aventado anteriormente. Esse é, também, um dos sentidos da relativização do tempo relacionada aos eventos sincronísticos. Conceitos religiosos e bíblicos, tais como sacrifício, culpa e pecado²⁰ e o pagamento de promessas, por exemplo, são claramente baseados no princípio da Sincronicidade, pois as relações estabelecidas entre, por exemplo, sacrifício e recompensa são sincronísticas e não de causa e efeito. Vemos, em alguns escritos do Antigo Testamento, exemplos dessa noção:

“ ‘ Abrahão! Toma, rogo, teu filho, teu único, a quem amas, a Isaac, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali como oferta de elevação, sobre um dos montes que te direi.’ E Abrahão madrugou pela manhã, albardou o seu jumento e tomou seus dois moços com ele, e Isaac, seu filho; e partiu a lenha para a oferta de elevação, e levantou-se e foi ao lugar que D'us lhe dissera. No terceiro dia, Abrahão levantou seus olhos e viu o lugar de longe. E Abrahão disse a seus moços: Ficai aqui com o jumento, e eu e o moço iremos até lá, e adoraremos e voltaremos a vós. E Abrahão tomou a lenha para a oferta de elevação e a pôs sobre Isaac, seu filho; e tomou em sua mão o fogo e a faca, e andaram ambos juntos. E falou Isaac a Abrahão, seu pai, e disse: Meu pai! E falou: Eis-me, meu filho. E disse: Eis o fogo e a lenha, e onde está o cordeiro para a oferta de elevação? E Abrahão disse: D'us proverá para Si o cordeiro para a oferta de elevação, meu filho; e andaram ambos juntos. E chegaram ao lugar que D'us lhe havia dito e Abrahão edificou ali o altar, pôs a lenha em ordem, amarrou Isaac, seu filho, e colocou-o no altar, sobre a lenha. E estendeu Abrahão sua mão e tomou a faca para imolar seu filho. E chamou um

²⁰ Culpa ou pecado são, sem dúvida, noções que envolvem uma outra, a da moralidade. Quando os textos bíblicos prevêm conseqüências positivas - ou negativas -, advindas da assunção de determinadas normas de comportamento - ou de seus desvios, respectivamente -, já fundam, certa moralidade. De nossa parte, referimo-nos aqui ao caráter de culpa ou pecado subjacente nos textos bíblicos, porém sem julgamento quanto ao que possa vir a ser o bem ou mal. Limitamo-nos apenas à análise do caráter sincronístico evidenciado na relação que se estabelece entre os ditames de uma filosofia religiosa qualquer - neste exemplo, o Judaísmo - e as conseqüências positivas ou negativas advindas de sua observação ou não, assim como previsto pelo próprio texto.

anjo do Eterno, dos céus e disse 'Abrahão, Abrahão!' E disse: Eis-me aqui. E disse: 'Não estendas tua mão ao moço e não lhe faças nada; pois agora sei que tu és temente a D'us, e não negaste teu filho, teu único a Mim!' E Abrahão levantou seus olhos e viu, e eis que um carneiro estava embaraçado numa árvore por seus chifres; e Abrahão foi e tomou o carneiro, e o ofereceu em oferta de elevação, em lugar de seu filho. E Abrahão chamou o nome daquele lugar de 'O Eterno verá', sobre o qual dirão futuramente: Neste monte o Eterno (D'us) aparecerá (a seu povo). E chamou um anjo do Eterno a Abrahão, pela segunda vez dos céus, e disse: 'Por mim jurei – disse o Eterno – porquanto fizeste esta coisa e não negaste teu filho, teu único, que te abençoarei e multiplicarei tua semente como as estrelas do céu e como a areia que está a beira-mar, e tua semente herdará a porta dos seus inimigos. E todas as nações da terra serão abençoadas em tua semente porque ouviste a Minha voz.'” Sidur da Semana Tefilat Sinai (pág. 15 - 16)

Em outro trecho, se lê: *O descarado irá para o purgatório e o recatado para o Jardim do Paraíso*

Outro exemplo é a idéia, de que existem três pecados femininos cujo castigo correspondente seria a morte no parto, entre eles, o desrespeito à proibição de manter relações sexuais durante o período menstrual.

O mesmo acontece com o pagamento de promessas. Alguém faz a promessa de subir uma escadaria de joelhos se seu parente for curado. O resultado da fé religiosa será verificado de modo sincronístico com a eventual efetivação da cura. Não há padrões científicos que possam, pelo menos por enquanto, estabelecer a correlação dos fatos. A eventual cura passa a ser, pela sua ocorrência, significativamente coincidente com o sacrifício do fiel, ainda que, da sua ótica, esteja convencido de que tenha se dado por uma simples correlação de causa e efeito.

Esses trechos bíblicos mostram claramente que a ligação entre os fatos não se baseia no princípio científico da causalidade. Assim, Abrahão será recompensado por ter

intencionado sacrificar seu filho, Isaac, com a multiplicação de sua semente, isto é, a abundância de sua descendência é assegurada pela intenção do sacrifício. O cientificismo explicaria esse resultado através de sua fertilidade e a de seus descendentes por exemplo, mas nunca pela intenção de um sacrifício. Sacrifício e recompensa não estão, portanto, unidos aqui por uma explanação que possa ser a da causalidade científica. A única verificação possível é a sincronística. Do mesmo modo, conexões causais entre o pecado das relações sexuais proibidas e o castigo da morte no parto não parecem plausíveis. Tanto uma possível verificação quanto a própria ameaça baseia-se numa conexão sincronística. Assim, a relação entre culpa e castigo, ou entre mérito e recompensa, é mediada por uma sincronicidade inatingível para o homem, o que, em outros termos, significa que a linguagem entre culpa e castigo, mérito e recompensa, é sincronística e à qual o homem não tem acesso a não ser como objeto, ou seja, que a sincronicidade é a linguagem da ação divina, na qual o homem encontra-se excluído enquanto sujeito mas apenas como merecedor.

Isso verifica-se também pela perspectiva de Isaac, que é poupado não em um momento qualquer, mas, sim, no último momento, pela voz do anjo. Nesse momento, Isaac já está configurado como oferenda, inclusive para si mesmo, pois já encontra-se no altar, por sobre a lenha. Assim, a voz do anjo adquire um status de salvação. Ales Bello sublinha esse aspecto salvífico do sagrado, aqui apresentado de modo sincronístico.

A manifestação divina dar-se-ia, portanto, de um modo que é sincronístico. Assim, no final das contas, o poder é retirado da esfera humana e atribuído a uma ordem intemporal, colocado num além que o homem não alcança. A progressiva ascensão do cientificismo e da racionalidade e o aparente controle dos eventos através da causalidade foram marginalizando todas as abordagens heterodoxas. A Sincronicidade

estando, portanto, na base do pensamento religioso descrito aqui, sofre os efeitos do mesmo processo, sendo relegada também à marginalidade.

Não obstante, isso não quer dizer que o sacrifício não possa efetivamente ter efeito e que o fenômeno sincronístico, ocorrendo, não obedeça também a certas particularidades. Procuramos estudar aqui justamente as particularidades – diferentes daquelas do padrão científico, mas não inválidas - desses fenômenos.

A própria entrevistada refere o ganho a partir do sacrifício. O agir, no devido momento, conforme o esperado por D'us aceleraria (favoreceria a aproximação do bem ou retardaria a do mal) os eventos e o contrário corresponderia a uma desaceleração (retardaria a aproximação de eventos favoráveis ou aceleraria a dos desfavoráveis). Observando bem de perto os eventos sincronísticos verificamos essa aceleração de modo quase quantificável.

Em busca da prova dialógica em um ambiente tão favorável quanto essa entrevista, questionamos a entrevistada sobre o conceito de aceleração, retomando . Ela descreve a sensação de que sente uma aceleração quando dos grandes encontros promovidos entre sufis. Ela diz que acontece o que tem que acontecer, se é necessário acelerar, acelera, senão, o contrário. Ainda que as modalidades intelectuais de compreensão estejam presentes na fala da entrevistada, as modalidades empíricas da aceleração, como a relação direta entre o sacrifício, por exemplo, e a aceleração sincronística, não podem ser verificadas nessa entrevista. O encontro com um grupo de 800 sufis deixa prever uma importante transformação interna decorrente da vivência intensa. A aceleração sincronística que tentamos pesquisar aqui diz respeito a uma íntima ligação entre o esforço sacrificial e a evolução de uma situação sincronística a este sacrifício, permitindo uma relação quase quantificável. Ainda assim a noção de aceleração como

atributo e até mesmo denominação para D'us não deixa de constituir um achado e um avanço. Lembremos, uma vez mais, que segundo a hipótese aqui defendida de uma comunicação em boa parte sincronística entre D'us e o homem, essa aceleração fundamenta-se em processos sincronísticos, não alcançando, por hora, um status cientifizante.

A entrevistada ainda refere o fato da cura e da alimentação. Encontramos equivalência para essa de idéia da alimentação que vem de cima tanto na Mitologia Grega quanto no Judaísmo. Se a Sincronicidade é a expressão de um mito, pode-se considerar que esse seja o de Eco, pois no exterior produz-se como que uma reprodução, uma repetição daquilo que se dá no interior. Eco é uma ninfa. Dentre as ninfas, pertence à categoria das Oréades. Uma das características dessas ninfas é a de não envelhecer. Outra é seu poder de cura e de nutrição. Ao ecoar a alma, a Sincronicidade porta sua novidade, e, assim, exerce também um poder curativo, descartando para trás o que se lhe tornou velho e desnecessário ou atualizando um aspecto envelhecido. Enfim, a nutrição fala de uma dádiva que vem de cima, do sagrado, daquilo que não controlamos e que está acima de nós. E também um dos aspectos da Sincronicidade é ser portadora de alma, nutrindo-nos de real ao mesmo tempo em que a alma é ela mesma nutrida de sagrado. Na religião judaica, o paralelo é que o corpo necessita de alimento material, mas o alimento da alma não é o material e sim o contato com o divino, o sagrado. A Sincronicidade é, então, o alimento que vem de cima. Diz Jung: *Só aquilo que somos realmente tem o poder de curar-nos.*

Ainda dentro desta perspectiva mais propriamente junguiana, uma derivação de uma das categorias de sincronicidade esboçadas mais acima, aquela das sincronicidades

compensatórias, é a que diz respeito ao processo de inflação do ego²¹. Com efeito, é fácil verificar a ocorrência deste tipo sincronicidades por ocasião deste processo, e, também, de sua contraparte, a alienação do ego. Assim, quando o ego se apresenta cheio de si, é comum aparecerem de modo sincronístico eventos que compensam negativamente essa inflação, como que reconduzindo-o a seus limites. Por outro lado, em situações de alienação, chega um momento em apresentam-se elementos que colaboram para o restabelecimento da ligação do ego com o Si-mesmo. Assim, essas sincronicidades funcionam como elementos de uma regulação psíquica. Pode-se classificar essa regulação como passiva pois baseia-se em sincronicidades e, portanto, apresentam-se a ele. Cabe acrescentar que esse processo regulatório é perceptível em níveis variados de observação, macro, micro e até mesmo celular - ou instantâneo.

Em certo momento a entrevistada também identifica as sincronicidades como sinais que indicariam o caminho a seguir ou que sugeririam a realidade que se solidificaria proximamente. Essa é uma das variantes do fenômeno de Sincronicidade amplamente discutidas na literatura sob o nome de guidance.

Finalmente, como não poderia deixar de acontecer, ocorre uma sincronicidade durante a própria entrevista. No início, a entrevistada relata o episódio de uma amiga que através

²¹ Segundo Edinger, nos primeiros anos de vida, o ego encontra-se fundido ao Si-mesmo. Cf nota Com o passar do tempo, ocorre a separação progressiva entre o ego e o Si-mesmo. Na idade adulta, o processo se inverte e o movimento tende para a reunião entre o ego e o Si-mesmo. No entanto esse processo de separação e fusão parece ocorrer de forma contínua ao longo da vida. Assim, existe, nestes primeiros momentos, a condição de inflação do ego – a sua contraparte sendo a alienação – em que se encontra totalmente identificado ao Si-mesmo, percebendo-se como divindade. Nesses momentos, reverberam as sensações originárias de perfeição e completude. O ego está cheio de si, *irrealisticamente amplo e importante, além dos limites das próprias medidas; portanto, vaidoso, pomposo, orgulhoso, presunçoso...* (EDDINGER, E., 1995, pág 26, 27). Esse estado é necessário para fazer frente às vicissitudes da vida e ao desenvolvimento de novas condições da existência. É o que Edinger chama de inflação ativa. Contrariamente, o processo de alienação representa a queda e a ferida do ego, o choque da realidade, a frustração. Há uma desconexão e um estranhamento com relação ao Si-mesmo: *A conexão entre ego e Si-mesmo tem uma importância vital para a saúde psíquica. Proporciona fundamento, estrutura e segurança ao ego, além de fornecer a este último energia, interesse, significado e propósito. Quando a conexão se quebra, o resultado é o vazio, o desespero, a falta de sentido e, em casos extremos, a psicose ou o suicídio* (EDDINGER, E., 1995, pág. 72).

da visão do retorno de um pássaro a sua casa entende que naquele dia seu pai doente morreria. Agora, ao final, a entrevistada relata o sonho de Jung, retratado aqui como personagem de um filme que sonha com a morte de uma gazela e entende que sua amante está morta. Ao apontar-lhe a sincronicidade da entrevista, a entrevistada se surpreende. É interessante notar, no entanto, que essa sincronicidade não tem sobre ela efeito paralisante. Ela se surpreende, porém segue com o fluxo de seus pensamentos.

4.2. A entrevista do rapaz ateu - Alexandre

1. Alexandre relata o momento em começou a duvidar da existência de D'us. Questionava-se sobre a existência de religiões monoteístas e politeístas e sobre a eleição de determinado deus em detrimento de outro
2. Alexandre introduz a idéia de cientificidade. Ele se vê apenas como organismo genético e não tem possui provas científicas de uma origem para além do que a cientificidade propõe.
3. Para ele, a vida de cada um é produto de encadeamento de eventos que se produzem ao acaso, não há um destino sustentado por uma intencionalidade transcendente
4. Alexandre associa a alma à possibilidade do controle de sua vontade e de seu corpo. A partir de um episódio em que submeteu-se à ação de remédios, percebe que seu corpo e uma eventual alma ficam privados de suas características próprias e conclui, assim, pela inexistência da alma.
5. Alexandre reafirma sua convicção de que nossas ações são disparadas por um conjunto de substâncias

6. Os efeitos esperados por aqueles que crêem, isto é, da fé, como estar e se sentir protegido, se dariam por uma alteração no comportamento do cérebro, mas não por uma eventual ação transcendente
7. Apesar das imprecisões históricas e biológicas de seu discurso, percebe-se que Alexandre não assimila o fato da passagem do politeísmo ao monoteísmo em um período histórico que ele julga reduzido. Essa passagem fala contra uma universalidade que, esta sim, ratificaria o poder de um deus único
8. A primeira razão citada para que não creia em um deus é o fato de não vê-lo
9. Um “evento” poderia mudar sua crença, mas esse “evento” inscreve-se na ordem do acaso ou como produto da biologia celular do cérebro, mas não como partindo de uma transcendência. Quando aparece, esta vem sob forma de um extra-terrestre, isto é, como produto ligado à ciência e previsto por ela
10. A disseminação das crenças se daria graças a uma habilidade de comunicação e influência humanas e os distúrbios mentais em decorrência de fatores genéticos. Mais uma vez, não há espaço para nenhum tipo de transcendência, não está prevista uma ação transcendente que sustente a crença
11. Ao citar sincronicidades experimentadas por ele, Alexandre cita as sincronicidades premonitórias. Ele se diz surpreso com sua ocorrência
12. O futuro está fora do alcance de sua percepção mas em função de uma racionalidade limitada
13. Os eventos e o futuro são produtos de acasos, de probabilidades, mas não de uma intervenção divina

14. Alexandre cita o suicídio como forma de alterar o destino

15. Alexandre diz não dar atenção especial às coincidências e acredita que isso se deva por possuir uma apreensão mais racional da realidade

16. Em contraposição à mentalidade mais racionalista, ele passa a falar de superstições. Relata ser portador do Transtorno Obsessivo-Compulsivo e acredita ser a única superstição que possui, entrar nos lugares com o pé direito, um resquício desse transtorno, do qual não conseguiu se livrar

17. Em determinada ocasião, quando não atendeu à superstição de entrar com o pé direito nos lugares, único resquício de um transtorno obsessivo-compulsivo, Alexandre relata ter observado uma briga ocorrendo no lugar, porém, em outra oportunidade diz ter esquecido de atender à superstição e não ter percebido nenhum fato incomum.

18. Dentre as diversas manias que configuravam seu transtorno, a única que, segundo o entrevistado, restou, é aquela que justamente apresenta o caráter de superstição que, efetivamente, aqui, adquire cunho obsessivo, maníaco. Procura não obedecê-la, mas muitas vezes não consegue. Alexandre especifica que a superstição acontece mais acentuadamente quando se trata de lugares novos.

19. Agora, Alexandre fala da superstição em termos de esperar que as coisas dêem certo. Diz acreditar que se entrar com o pé direito, será bem sucedido. Retoma o pensamento, que anteriormente relacionou aos religiosos – e o faz novamente –, de que o pensamento positivo – e, portanto, a fé – traz sucesso e segurança.

20. O entrevistado retoma as hipóteses orgânicas para, nesse caso, explicar sua superstição, que qualifica como ridícula e obsessiva. Para saná-la, vislumbra a lobotomia.

21. Qualifica a superstição de característica pessoal sua
22. A superstição adquire aqui a característica de proteção, de conferir segurança
23. Aqui o Alexandre confessa ter instrumentalizado pensamentos negativos em uma sessão espírita para observar quais seriam as respostas de seu interlocutor espírita mas obtem a resposta a resposta contraditória que estava bem encarnado
24. Por fim, reafirma sua crença no conhecimento científico da medicina e sua descrença na transcendência. Se existisse ou fosse bom, D'us não deixaria que roubassem o carro de sua amiga

4.2.1 Interpretação e discussão da entrevista

Pode-se resumir em alguns poucos pontos principais essa entrevista. É interessante notar, no entanto, que uma idéia principal como que amarra esses pontos que funcionariam, portanto, apenas como nuances ou corolários de uma idéia principal: o desenraizamento religioso. Isso não quer dizer, aqui, a falta de ligação a uma religião institucionalizada e sim uma desconexão religiosa, espiritual dir-se-ia até. O que parece termos, de fato, é uma negação da transcendência. A partir daí, teríamos as nuances corolárias. Esquematicamente, portanto, teríamos como temáticas principais destacando-se neste depoimento:

- . A negação da transcendência
- . As características insuficientes da divindade
- . A apologia da Cientificidade e da Genética

. Os limites da racionalidade

. Os efeitos sobre a apreensão sincronística

Em diversos momentos o entrevistado deixa claro que não concebe ou – melhor dizendo – não experimenta o sentimento da transcendência. Não há a percepção, na sua perspectiva, de uma intencionalidade ou de um sentido subjacente aos fatos e eventos. Esses decorrem como produto de um encadeamento que se produz ao acaso, eventos e futuro são entendidos como função, tão somente, de probabilidades. Esse futuro não pode ser previsto, não por fazer parte de uma intencionalidade divina incontornável, mas porque a racionalidade humana não é, ainda, capaz de fazê-lo – com o que fica uma porta aberta para tal possibilidade. D’us não existe, conclusão a que chega o entrevistado de modo puramente racional, baseado em premissas lógicas. Se existisse, atenderia a uma universalidade completa, isto é, pelo seu ponto de vista, o próprio fato das concepções politeístas chega a anular por si mesmo a existência de D’us, uma vez que este deveria impor-se como existência única. Como segundo aspecto para a descrença em uma divindade, o entrevistado cita o argumento que ele mesmo qualifica de clássico, a saber, o fato de não ser visível. Esse apelo pela concretude e pelo, por assim dizer, positivo, abrange o aspecto visível mas perpassa também os atributos da ação dessa divindade no mundo: se fosse realmente bom, D’us não deixaria que roubassem o carro de sua amiga. Essa falta deixa transparecer, no entanto, o apelo por uma proteção.

Assim, o entrevistado agarra-se à Cientificidade como elemento de sustentação. A falta de provas quanto à sua origem bem como de toda a humanidade, o poder das substâncias experimentado sobre seu próprio corpo reúnem-se para formar uma crença

unívoca nas Ciências e suas certitudes. Tudo é função da atividade cerebral a partir de uma perspectiva orgânica e celular. Uma solução prevista para a modificação do caráter seria, por exemplo, a lobotomia – cuja compreensão representa um dos ápices da conquista biológica, transformando-a em símbolo desse poder. A proteção e segurança eventualmente adquiridas por indivíduos mais religiosos, e que teriam o poder de ratificar a existência do divino é, também, interpretada por ele como uma espécie de condicionamento biológico cerebral. A transcendência, quando vislumbrada, aparece mais como um subproduto da ciência, sob forma de um extra-terrestre.

Nesse ambiente hostil a toda transcendência, surgem dois paralelos: o tamponamento espiritual e uma aridez sincronística quase que total. Nessa entrevista fica patente a diferenciação e uma possível interrelação entre o mal-estar psíquico e o tamponamento espiritual. Numa concepção antropológica traçada pelo filósofo e antropólogo russo Sergey Horujy (2011), que considera o ser humano como aberto – e essa abertura se apresenta nos quatro lados cardinais, sendo a esquerda ao passado ou história, tanto a nível pessoal como da humanidade; a direita, ao futuro ou vir-a-ser; para baixo, ao nível ôntico; e para cima ao nível ontológico - dir-se-ia que o entrevistado apresenta-se como que fechado para cima. Sua negação da transcendência configura o que se poderia chamar de tamponamento espiritual. Não há o reconhecimento de força alguma, por assim dizer, acima. Tudo, como foi dito, é consequência seja do acaso ou de um determinismo orgânico cerebral. Poder-se-ia argüir que o acaso ocuparia, aqui, então, o lugar do Outro transcendente. Porém, por um lado, esse acaso mostra-se, na visão do entrevistado, não como ultrapassando o homem, mas, sim, como algo que se origina nas ações do homem, algo cuja determinação segue uma sequência que tem início na própria ação do homem, colocando-a, assim, como objeto, abaixo dele. Por outro lado, o acaso aparece como algo que a racionalidade humana ainda não conseguiu dominar,

mas deixando um espaço amplo para essa possibilidade, como se fosse apenas uma questão evolutiva dependente – essa também – do próprio esforço humano. O acaso, como configurado aqui, perde, portanto, toda possibilidade de ocupar o lugar de uma transcendência e, assim, o que decorre é, de fato, um tamponamento.

Nesse contexto, a racionalidade científica vem ocupar lugar preponderante. A voz da ciência é, aqui, aquela que se impõe. A previsibilidade abarca - ou abarcará, em um futuro mais tecnológico - as diversas facetas do humano. É interessante notar a nuance de que, dentro desse espectro do poder científico, a seção do biológico e, no interior dessa, notadamente, o cerebral, se destacam. Na perspectiva politeísta imaginal de tendência helênica do junguiano James Hillman, essa visão de mundo do entrevistado configura o que ele qualifica de monocentrismo da racionalidade, da consciência e do ego.

Relativamente ao eu, portanto, não há aqui formação de um Outro. Produto do próprio homem, a ciência e sua apologia nesta entrevista podem ser vistas, aqui, como a edificação de uma realidade absolutista, onde o diálogo com o Outro está excluído. Daí, justamente, o tamponamento espiritual.

Como se pode verificar, esse não se dá sem consequências. Ao fechar-se ao Outro, ao descartar o espiritual, o psíquico adoece (SAFRA, 2010). Aqui, é possível como que verificar esse efeito do tamponamento, e o que poder-se-ia chamar de uma consequente vociferação do psíquico, representada por um transtorno obsessivo-compulsivo implacável e pela temática do suicídio. Segundo Safra, o espiritual representa a morte do psíquico. O apagamento de si em favor de um Outro. Ao impor-se à subjetividade, o sagrado a suspende e determina-lhe transformações (SAFRA, 2010). O não reconhecimento de um Outro transcendente, como ocorre aqui, representa um

tamponamento de si e o consequente adoecimento do psíquico. Com efeito, ao colocar-se em disposição a um Outro, isto é, por extensão, ao fundir-se a ele, o psíquico, o egóico, morrem um pouco, e espiritualizam-se. Por outro lado, ao negar-lhe a existência, ao tamponar-se a este Outro, o psíquico adoece, pois não dá conta de si nem do mundo. Assim, torna-se claro que a saúde psíquica é representada pela abertura e diálogo como o Outro, à interiorização do divino (SAFRA, 2010). Como não se trata aqui de lançarmo-nos ao aprofundamento da análise psicológica do material coletado, a delineação desse contexto terá sido suficiente – mas necessária - para chegar à conclusão que nos diz respeito, a saber, a verificação paralela de uma aridez em termos do aparecimento, no relato, de eventos sincronísticos e, conseqüentemente, da presença de uma apreensão sincronística na visão de mundo do entrevistado.

De fato, a descrição de eventos sincronísticos é praticamente nula. Quando ocorre, diz respeito, curiosamente, às sincronicidades premonitórias como o caso relatado do sonho com uma moça que o entrevistado encontrou por acaso pouco depois. É curioso notar que dentro da tipologia sobre as sincronicidades traçada anteriormente, as sincronicidades premonitórias ocorridas em sonhos ocupam o lugar, por assim dizer, menos egóico e, também, o mais poderoso, numinoso e aterrador, tocando os limites da Parapsicologia, domínio este que excluímos propositadamente deste trabalho. De fato, durante o sonho o apagamento egóico é maior. É só a partir daí que o entrevistado “produz” um evento sincronístico, o que vem confirmar a perspectiva traçada acima. Se atribuirmos um cunho informativo a essa sincronicidade premonitória relatada pelo entrevistado, o estabelecimento de um diálogo com um Outro, esse se dá, então, no apagamento egóico máximo. Assim, reencontramos, agora pela perspectiva sobre Sincronicidade que nos esforçamos por traçar neste trabalho, as conceituações de Horujy(2011) a respeito das práticas ascéticas, onde se busca *colocar-se em*

*disponibilidade para o Outro, colocar entre parênteses seu desejo, suas memórias, desmanchar o self*²². E aqui reencontramos, também, a idéia que esboçamos anteriormente, a respeito das atitudes sacrificiais.

Para acrescentar, apenas, como um passo além, no tocante ao relato dessas vivências, algo a respeito do paralelismo com os aspectos da Física e da Matemática diríamos, portanto, que, o aparecimento, aqui, de uma sincronicidade premonitória, quando do máximo do apagamento egóico, fala a favor dessa hipótese matemática para a Sincronicidade, pois – em poucas palavras – teríamos que quanto menos ego, maior poder sincronístico – e esse poder pode ser entendido tanto em termos da quantidade de eventos, de sua qualidade ou de seu alcance no tempo ou no espaço – e até mesmo na transformação sincronística dos eventos correspondentes, que é, essencialmente, o apregoado nas diversas religiões. Assim como temos aqui uma sincronicidade poderosa no sentido de antecipar um acontecimento futuro, tínhamos no relato da Introdução, o aumento do desfile de informações sincronísticas e, também, o aumento da sua favorabilidade. O apagamento egóico favoreceria, portanto, a concentração energética desse poder sincronístico, e isso, de modo suposta e aparentemente quantificável. Apenas, evidentemente, não existem, por hora, os parâmetros para essa quantificação.

Encontramos em Edinger (1995), também, por exemplo, essa associação entre as modalidades religiosas e a inflação do ego:

²² Aqui self não é entendido no sentido Junguiano de *si-mesmo* descrito na nota de rodapé 17 e sim no sentido dos contornos do sujeito, enquanto individualidade.

O cristianismo também identifica praticamente o pecado à inflação do ego. As bem-aventuranças bíblicas, abordadas em termos psicológicos, podem ser compreendidas mais precisamente como louvor do ego não inflado. (EDINGER, E. F., 1995, pág. 61)

Edinger não o cita, mas podemos facilmente imiscuir as atitudes sacrificiais nessas *bem-aventuranças bíblicas*.

Por fim, notaremos o último aspecto com relação a essa entrevista, e que diz respeito à superstição relatada por Alexandre como o último resquício de seu transtorno obsessivo-compulsivo. De fato, ele diz ter finalmente se curado do transtorno com exceção de um último resquício, que é a superstição de entrar com o pé direito nos lugares – notadamente aqueles em que nunca esteve –, de que não consegue se livrar. O aspecto principal a ressaltar aqui é justamente o caráter supersticioso desse resquício. Dentre as difíceis obsessões com que se confrontou, entre elas, a de lavar compulsivamente as mãos, Alexandre não consegue deixar para trás justamente uma compulsão de caráter supersticioso, isto é, aquele que corresponde a uma credence popular das mais difundidas. Não tendo, por um lado, a obrigatoriedade e nem cometendo a indelicadeza de, como já foi dito, de levar mais longe que o estritamente necessário uma análise psicológica do entrevistado, e, por outro, preservando a atitude correta à abordagem fenomenológica delineada aqui e, assim, redirecionando a energia que tais atitudes, por certo, demandariam, dirigimo-nos a um nível de observação fenomenológico ainda mais alto para identificar esse resquício supersticioso do Ateu com uma resiliência inexorável de ligação à Sincronicidade. De fato, excluindo toda compulsão, mas mantendo-se firmemente ligado a uma de caráter supersticioso, o Entrevistado já configuraria a persistência da ligação, ainda que residual, porém, contumaz, com uma apreensão sincronística, pois a superstição denota justamente o

questionamento da racionalidade. Numa simples definição de dicionário eletrônico, encontramos:

Superstição é a crença sobre relações de causa e efeito que não se adequam à lógica formal, ou seja, são contrárias à racionalidade
(Wikipédia, a enciclopédia livre, 2012)

Apenas continuando, por hora, com a análise das características próprias ao fenômeno sincronístico oriundas dessa entrevista, o entrevistado relata ter observado conseqüências – seguramente sincronísticas – ao não ter obedecido à sua superstição em uma ocasião, mas não ter observado nada em outra ocasião. Quando ele lembrou-se dela e não a obedeceu, observou conseqüências – uma briga. Por outro lado, quando não pensou ou esqueceu-se dela, não observou conseqüências. Não cabe aqui desenvolver a discussão sobre a legitimidade ou não da apreensão sincronística mínima do Ateu a partir de suas próprias observações quanto aos eventos de sincronicidade, pois não parece haver dúvidas quanto ao fundo sincronístico das superstições. Por si só, já depõem a favor do aspecto sincronístico. Tratamos aqui do nível mínimo e, por isso, não é necessário buscar as características que encontramos no universo onde o fenômeno atinge sua expressão máxima. Preocupamo-nos aqui, justamente, com os aspectos que caracterizam a apreensão do fenômeno em seu nível mínimo.

Apesar de não conseguir livrar-se de sua superstição, o juízo de valor que Alexandre atribui a ela é de algo ridículo, o que denota que no seu modo reflexo, isto é, na reincidência de seu caráter racional sobre o fenômeno, recompõe-se o tamponamento e a falta de diálogo com o Outro. O estabelecimento da superstição como uma característica pessoal sua o realinha com sua apreensão biológica do mundo ou denota a

tentativa de reduzir o fenômeno em termos de uma curiosidade chamativa para si-mesmo. Em termos de uma possível finalidade para essa superstição, o entrevistado a associa à possibilidade de ter sucesso e obter proteção e segurança, propondo a instrumentalização da superstição no sentido daquilo que disse a respeito dos religiosos, a saber, tentar criar um ambiente interno que o levaria, este sim, a sentir-se - e, conseqüentemente, estar - seguro, protegido e bem-sucedido. Outrossim, podemos qualificar todas essas possibilidades de egóicas.

Essa racionalização e aparente distanciamento da apreensão de caráter sincronístico não comprometem, no entanto, o aspecto de resiliência dessa apreensão, ao contrário. A força e o cerceamento pelo caráter racionalista apenas ressaltam e reforçam, num sobrevôo maior, o aspecto da resiliência. Esse reforço é tanto maior quando consideramos a especificidade da superstição propriamente dita, a saber, o entrar com o pé direito, sobretudo, em lugares novos. O novo é, aqui, o distinto, o misterioso e, assim, essa atitude tem poder de sacralização. Além disso, representa a conquista de território. De modo muito interessante, Edinger(1995) nos lembra, a respeito da inflação egóica:

Os perigos psíquicos da inflação e da alienação, sob designações diferentes, sempre foram reconhecidos na prática religiosa e na sabedoria popular de todas as raças e épocas. Há muitos rituais pessoais e coletivos cuja existência atende ao propósito de evitar qualquer tendência inflada capaz de provocar a inveja divina. Por exemplo, temos a antiqüíssima prática de bater a madeira quando dizemos que as coisas vão bem. Por trás dessa prática, está a percepção consciente ou inconsciente de que o orgulho e o contentamento são perigosos. Por conseguinte, é necessário algum procedimento para nos manter humildes (Edinger, E. F., 1995, pág. 98)

Ao preceder, conscientemente ou não, deliberadamente ou não, a entrada no território desconhecido pela superstição de fazê-lo com o pé direito, Alexandre, de modo similar ao descrito por Edinger acima, reconhece-o, para além de sua apreensão racionalista, como um território onde não domina e pertencente a um Outro, e, ao prestar esse reconhecimento, sacraliza esse território e configura sua própria transcendência.

Em termos sincronísticos, que é o ponto que nos diz mais respeito aqui, fica, assim, delineado um teor reduzido em um ambiente declaradamente racionalista e minimamente transcendente mas, ao mesmo tempo, uma resiliência irreduzível pelo aspecto quantitativo, mas, também, sobretudo, de caráter sacral, pelas condições em que ocorre. O baixo teor sincronístico vem juntar-se para formar uma tríade, ao lado do tamponamento espiritual e do mal-estar psíquico.

CAPÍTULO 5 – A SINCRONICIDADE A PARTIR DAS ENTREVISTAS

5.1. O procedimento

Após ter analisado as entrevistas individualmente chegamos à parte final de nosso objetivo. Esse consiste em procurar depreender agora, a partir desse conjunto de dados, não mais tomado separadamente, mas na comparação entre suas partes e na sua totalidade, o cunho de sacralidade dos eventos de sincronicidade e, também, as características próprias a esse tipo de fenômeno que tenham aqui se desvelado. Levar-se-á em conta, neste ponto, o percurso já realizado até aqui, pois isso permitirá levar adiante e desenvolver um pouco mais as conclusões latentes, o que significa - nos termos da Fenomenologia de Critelli -, contar com o exercício do testemunho e da veracização por parte do leitor, ainda que de modo unilateral e incompleto.

Como foi citado, outras entrevistas tomaram parte desse trabalho. Por não terem sido transcritas e, assim, não incluídas oficialmente, não alçaremos os aspectos desvelados a partir delas ao nível de conclusões. No entanto, é preciso ter em mente que não deixarão de atuar como reforço para conclusões mais categóricas provindas do exposto, quando penderem nessa direção. Sentir-se-á, assim, ecoando em algumas conclusões, a experiência delas advinda.

Para tanto, dividiremos o capítulo em duas seções distintas em que, respectivamente, se analisarão as diferenças as semelhanças advindas dos dois ambientes opostos representados pelas duas entrevistas aqui abordadas no tocante às características do fenômeno sincronístico.

5.2. Os pontos divergentes entre as entrevistas

5.2.1. A percepção da Sincronicidade

O primeiro ponto que se impõe na comparação entre os dois ambientes apresentados é a absoluta discrepância no tocante à percepção dos eventos sincronísticos. No caso da psicóloga sufi essa percepção é intensa. Essa intensidade atinge a percepção tanto na sua frequência quanto na sua profundidade. Grande parte dos eventos é interpretada de um modo que o faz adquirir um sentido particular e significativo na história de vida da entrevistada. Isto é verificado em diversos níveis. Um furacão que a impede de viajar não é apenas um furacão que a impede de viajar mas é também o que a encaminha a retomar o contato com sua ordem sufi. Um pássaro que aparece na casa de sua amiga vem anunciar a morte do pai dessa amiga. Por outro lado, ao ficar treze anos afastada dessa mesma ordem sufi e retornar, ela percebe uma sustentação de sua ligação com essa ordem ao longo do tempo, independente de sua capacidade de controle. O restabelecimento dessa ligação é anunciado por sincronicidades de encadeamento: os fatos são orquestrados nessa direção. Essa percepção se dá, portanto, em níveis microscópicos e macroscópicos. Poderíamos falar, então, em sincronicidades celulares, moleculares e por aí em diante. Essa classificação, que se refere tão simplesmente ao nível de observação, se, por exemplo, trata-se de uma sincronicidade do momento presente, como é o processo regulatório já descrito anteriormente, ou se, ao contrário, trata-se de uma sincronicidade cuja significância só pode ser observada em um período de tempo maior, pode adquirir nova importância se levarmos em conta a polaridade instinto / espírito descrita por Jung e trazida mais acima²³. Pois essa polaridade, adjunta à hipótese também junguiana de um trânsito constante da consciência pelo eixo dessa

²³ cf seção 2.1.1 sobre as noções junguianas de instinto, psíquico e espírito

polaridade, e associada ao conceito freudiano da sublimação, sugere que a abertura ontológica - como o próprio nome indica, diga-se de passagem - preserve a possibilidade de uma ascensão não limitada através desse eixo. A percepção das sincronicidades em seus diversos níveis acompanharia, assim, o trânsito da consciência por essa escala e, com isso, redefine-se a si-mesma. O que queremos dizer aqui é o que nos esforçamos por expor é a idéia de que, assim como os instintos são sublimados e se transformam em interesse cultural, por exemplo, a percepção das sincronicidades também parece traduzir um processo similar a uma sublimação freudiana, no qual a percepção se dá em uma escala de diferentes níveis de observação, - tanto do objeto (a Sincronicidade), como de sujeito a sujeito -, variando, no caso específico das entrevistas apresentadas aqui, da quase nulidade, no caso do rapaz ateu, à crença em uma realidade unitária, na qual mundo material e mundo espiritual formam um todo, como sugere a psicóloga sufi.

A insistência do rapaz ateu em uma visão biologizante do mundo, dentro de um contexto mais amplamente racional, seria, aqui, sob esse ponto de vista fundamentado nessa polaridade junguiana instinto/espírito, apenas um reflexo de um modo de vida mais predominantemente próximo ao instintivo, e menos ao espiritual, no que tange ao registro da religiosidade.

Hiper-extendendo essa concepção de uma escala a partir do ponto superior, o da espiritualidade, em direção ao sagrado, e já tomando, neste ponto, por certa a sacralidade da Sincronicidade²⁴, chegar-se-ia à idéia de um *telos* em direção ao qual o homem - e, aqui, já estaríamos falando do *homo religiosus* - se esforça por caminhar - sem nunca alcançá-lo - onde tudo seria apenas Sincronicidade. E teríamos, então,

²⁴ Ver abaixo a diferença entre as conceituações de Giegerich e Colman

também, um processo sublimatório subjazendo à percepção da Sincronicidade. A entrada na espiritualidade que pode, inclusive, ser disparada por esse tipo de apercepção.

Isto equivale a dizer, de um modo muito simples, que, ao nível superior, absolutamente nada seria considerado como sendo por acaso. Apenas, claro, esse conhecer não está dado ao homem - e isso, ontologicamente - em sua totalidade. Nesses níveis elevados de espiritualidade, onde a apreensão sincronística pode ir tornando-se absoluta, é interessante pensar em sentido inverso os ditados “D’us fez o homem à sua imagem e semelhança” ou “D’us é puro espírito”. Se, como estamos supondo para esse nível, D’us é Sincronicidade, faz sentido que o homem mais sincronístico seja o *homo religiosus*²⁵, isto é, aquele que esteja mais próximo em sua ligação a D’us, e não o que esteja na base da escala, o instintivo. Ou seja, aquele onde a sublimação da energia se deu de modo mais contundente. Assim mesmo, surge a idéia do espiritismo, trazida em uma das entrevistas realizadas mas não transcritas, de que cada homem chega ao mundo com determinada função, ou mais fielmente dizendo, cada homem é apenas escolhido por sua adequação às vicissitudes de um espírito, que nele se incorpora para que alcance cumprir as funções terrenas de que necessita para evoluir. Do ponto de vista traçado aqui, isso apenas funda uma sincronicidade global, de vida, isto é, um nível ainda mais macroscópico de observação da Sincronicidade. Na concepção espírita, o homem é tão somente veículo e a vida apenas passagem a outro nível espiritual. A Sincronicidade é o modo do qual se vale o espírito para atuar. É, assim, uma concepção fundamentalmente sincronística. É, também, verifica-se, assim, bastante distante do instintivo.

²⁵ Grifo nosso

Assim, a espiritualidade estaria em um nível acima de sublimação, com relação à cultura, partindo do instinto. E quanto mais acentuado se torna o processo sublimatório, mais poderosas vão se tornando as sincronicidades.

Toda essa abordagem é a que fundamenta a posição defendida neste trabalho da existência da possibilidade de uma aceleração sincronística. A redução egóica como favorecedora da aparição de fenômenos sincronísticos também se baseia nesse processo sublimatório da energia instintiva. Também, a partir dessa abordagem, é possível identificar, de modo geral, em diversas modalidades religiosas, essa fundamentação sincronística. Assim, pecado e culpa, sacrifício e recompensa seriam, todos, categorias cuja percepção pelo sujeito recai em uma apreensão da realidade que é sincronística. Nos textos sagrados, já a partir de Abrahão, o que se vê é uma predominância deste tipo de abordagem e nunca da do tipo causal. Ela retira o homem do centro da ação determinante, recolocando-o face à sua passividade ontológica diante do sagrado. Muitos momentos decisivos do texto sagrado são transformados em função de sincronicidades.

O I Ching também traz uma concepção semelhante no hexagrama 41 Diminuição, de uma aspecto sublimatório da energia instintiva:

Este hexagrama mostra uma diminuição na influência das faculdades inferiores, os instintos não dominados, em favor de uma vida superior, espiritual. Aqui se tem o verdadeiro cultivo do caráter. O hexagrama mostra primeiro o período difícil – o do domínio dos instintos – e, em seguida, a fase fácil, quando o caráter já foi controlado; com isso os malefícios são afastados (WILHELM, R., 1988, pág. 264).

Apesar de algum cunho moral que possa ser observado nessa passagem, o que queremos salientar aqui é tão somente a mesma idéia da ligação entre instinto e espírito e da possibilidade de um trânsito por uma escala entre eles, através da diminuição de um em favor do outro. O que, em última análise nos interessa aqui é o estudo das condições que possam estar envolvidas, de uma forma ou de outra, nas particularidades do fenômeno sincronístico.

5.2.2. A sacralidade da Sincronicidade

Outra diferença importante que aparece entre as duas entrevistas apresentadas e cuja análise deve ser aprofundada é a que diz respeito ao cunho de sacralidade da Sincronicidade. Com efeito, para a psicóloga sufi, os acontecimentos sincronísticos são uma manifestação divina. Nota-se os elementos de temor, mistério e fascínio, característicos da categoria do sagrado, descritos por Otto, que esses eventos exercem sobre ela. O temor é denotado pela ameaça representada pela dissolução psicótica em função desses eventos. O mistério fica claro quando a entrevistada se pergunta de onde vêm eles. E o fascínio, quando, por exemplo, ela se espanta com uma ligação entre ela e a prática sufi sustentada durante treze anos sem que estivesse consciente e que interpreta como tal quando, após esse período, sincronicidades anunciam e a encaminham à retomada dessa ligação. Já no caso do rapaz ateu, as sincronicidades, que mal são notadas, e que acontecem quando sonha, de modo premonitório, não apresentam o mesmo cunho de sacralidade. O espanto referido pelo o entrevistado nesse caso mal é assumido e ele chega a rir-se do sentimento e retoma a hipótese racionalista para considerar o evento. Assim, a hipótese da resiliência aventada anteriormente ganha reforço e pode ser observada por outro ângulo aqui, o da escala sublimatória proposta logo acima, pois a categoria do sagrado, representada aqui pela surpresa, ou seja, o

fascinans, apresenta-se de um modo indireto, sem representação, perto do instintivo até, mas, ainda assim, claramente diferenciável, não desaparecendo por completo. No outro ponto em que aparece para o rapaz ateu a categoria do sagrado, sob a forma do *tremendum*, que se manifesta na superstição de entrar sempre com o pé direito em lugares novos, também não está representada, podendo mais ser identificada com um instinto. Do *mysterium*, ainda que preveja a probabilidade do desenvolvimento de uma capacidade de previsibilidade do futuro, o entrevistado faz menção, também de modo diminuto, ao admitir a incapacidade humana para controlar o encadeamento dos eventos. Assim, o que se faz notar aqui é, mais, uma confirmação do apriorismo da categoria do sagrado, assim como defendido por Otto²⁶. Mais uma vez parece importante deixar claro que não há de nossa parte julgamento moral e nem sequer

²⁶ *O sagrado, no sentido completo da palavra, é, portanto, para nós uma categoria composta. As partes que a compõem são, por um lado, os seus sentimentos racionais e, por outro, os seus elementos irracionais. Considerada em cada uma destas duas partes, ela é uma categoria puramente a priori...*

As idéias racionais do absoluto, da perfeição da necessidade e da entidade, assim como a do bem ... não procedem de qualquer percepção sensível ... e não podem explicar-se a não ser por semelhante "elevação". Estas idéias obrigam-nos a deixar o terreno da experiência sensível e levam-nos aquilo que, independentemente de toda percepção, existe na "razão pura" e constitui uma disposição originária do próprio espírito humano.

Os elementos irracionais da nossa categoria do sagrado conduzem-nos a algo de mais profundo ainda do que a "razão pura" tomada no seu sentido habitual, ao que o misticismo chamou, com razão, "o fundo da alma". As idéias do numinoso e os sentimentos correspondentes são, assim como os elementos racionais, idéias e sentimentos absolutamente puros, aos quais se aplicam com perfeita exatidão os sinais que Kant indica como os caracteres dos conceitos "puros" e do sentimento "puro".

... A prova de que se trata, no numinoso, de elementos do conhecimento puramente a priori pode ser fornecida pela observação de nós mesmos e pela "crítica da razão". Encontramos nele, em estado latente, convicções e sentimentos que diferem, por sua natureza, de tudo o que a percepção sensível nos pode dar. Estas mesmas convicções não são percepções sensíveis; antes de mais, são estranhas interpretações e estranhas avaliações dos dados fornecidos pela percepção; em segundo lugar, são a um nível mais elevado, convicções através das quais colocamos objectos e entidades que já não pertencem ao mundo sensível, mas que dispomos ao lado e acima dele...Tal como "os conceitos puros do entendimento" de Kant, as idéias, avaliações morais e estéticas, elas revelam que existe, escondida na alma, uma fonte de representações e de sentimentos independente de toda a experiência sensível, uma "razão pura" no sentido mais profundo do termo, que difere, pelo seu conteúdo excessivo, tanto da razão pura, teórica, como da razão pura, prática, distinguidas por Kant, e formando algo de mais elevado ou de mais profundo ainda (OTTO, R., pág., 1997, 149, 150, 151).

psicológico dos entrevistados, mas, sim, o esforço de mantermo-nos dentro dos limites da análise fenomenológica, isto é, daquilo que aparece.

5.2.3. Sincronicidade: princípio natural ou sacralidade?

É importante trazer, neste momento, um pouco da visão de dois autores que levantaram recentemente pontos relacionados a essa discussão. Wolfgang Giegerich chama a atenção para o equívoco que, segundo ele, atinge boa parte dos estudos pós-junguianos sobre Sincronicidade. Para esse autor, não é a significância trazida por um evento sincronístico para aquele que o experimenta que o torna como tal. O evento é sincronístico independente da significância que ganha para o sujeito. Trata-se de uma equivalência de sentido entre dois eventos *aproximadamente iguais* (GIEGERICH, 2012) e não algo que tenha significado especial para aquele que experimenta. Assim, no clássico exemplo do besouro que se chocou contra a janela da sala de Jung enquanto estava atendendo a paciente que lhe contava o sonho com um escaravelho, o besouro era a versão mais próxima de um escaravelho dourado naquela latitude. A sincronicidade neste caso consiste em, de um lado, o relato da paciente sobre um escaravelho e, de outro, o choque do besouro contra a janela naquele instante. Giegerich atribui a Jung uma visão, por assim dizer, mais objetiva do fenômeno sincronístico, como um princípio de equivalência entre dois eventos absolutamente neutro, onde não cabe nenhuma discussão sobre transcendência.

Warren Colman apresenta uma resposta que pode ser classificada de fenomenológica frente à ao argumento *metafísico*²⁷ de Giegerich. Com efeito, ao pretender um sentido mais *sóbrio, concreto, próximo a ‘conceito’ ou ‘noção’* para o princípio de

²⁷ Grifo nosso

Sincronicidade, Giegerich se afasta de seu aparecer fenomenológico, que necessariamente inclui o para quem aparece, e tenta precipitar uma essência para o fenômeno. Sua crítica é a de que, ao incluir o sujeito para quem se dá a significância do fenômeno, a Sincronicidade torna-se um fenômeno da *psicologia egóica* (GIEGERICH, 2012). Segundo Critelli, a metafísica se caracteriza por supor que o ser e ente de algo sejam coisas separadas e, assim, se possa apreender o ser de algo através de sua essência. É possível captá-la através de um conceito, isto é, através da idéia que se faz dela. Ali, essa essência permanece, de modo fixo, estanque. Para a fenomenologia, o ser de algo coincide com seu aparecer. E esse aparecer é intrinsecamente ligado a quem aparece. Aquilo que é sincronístico depende, portanto, do ponto de vista da fenomenologia, do para quem aparece para tornar-se como tal, isto é, para tornar-se sincronístico. Não é sincronístico por si-só.

O debate entre os dois autores, por conseguinte, suscita a diferenciação mais clara entre por um lado, os eventos sincronísticos e, por outro, seu impacto sobre o sujeito. Pois, enquanto, para Giegerich o princípio de sincronicidade existe na natureza de modo independente, segundo Colman, para que algo seja sincronístico, deve sê-lo necessariamente para alguém e é, assim, um potencial disparador da espiritualidade. Com isso, segundo Colman, os eventos sincronísticos existem para o homem e, nesse sentido, a Sincronicidade pode ser a contraparte do Outro, num diálogo criativo.

Enquanto regulação psíquica, como correção das flutuações aleatórias, como fenômeno cujo recorte se dá no universo acausal, e mesmo nas outras modalidades descritas anteriormente, a Sincronicidade apresenta-se sempre como uma especificidade criativa. Toma parte, portanto, na gênese da realidade. Daí a preocupação de Jung em inclui-la como quarto vértice ao lado da tríade espaço, tempo e causalidade.

As entrevistas aqui apresentadas representam posições nos extremos da escala instinto/espírito. No rapaz ateu, a percepção dos eventos sincronísticos é débil e seu discurso é dominado por uma visão biologizante da vida, não havendo reconhecimento da transcendência. O sagrado quando se impõe, o faz de maneira francamente apriorística. No caso da psicóloga sufi, uma percepção sincronística mais importante promove a percepção de um sentido mais global para sua vida, o que, neste momento, pode ser associado a um desenvolvimento da espiritualidade.

Assim, é importante diferenciar para a análise da sacralidade da Sincronicidade os próprios eventos sincronísticos de seu impacto sobre o sujeito. Pode-se simplesmente considerá-los um princípio formador e subjacente da natureza sem nenhum cunho sacral. Entretanto, é notório que, como manifestação de sacralidade, seu impacto apresenta-se muitas vezes como potencial catalizador da espiritualidade. Tendo-se em conta a abertura ontológica, é notável a tendência de incremento na apreensão sincronística à medida que o ambiente espiritual é mais intenso.

5.3. As semelhanças entre as entrevistas

Como se viu, as visões de mundo dos entrevistados diferem radicalmente entre si, no que diz respeito à Sincronicidade. Ainda assim, restam apenas dois aspectos onde se assemelham sendo um deles, aqui, mais importante. Por mais que a percepção de eventos sincronísticos seja diminuta no relato do rapaz ateu, apresenta-se, ainda assim, como resiliente, isto é, não se anula totalmente. E nesse aspecto, as duas entrevistas se assemelham, pois presentificam o vigor da apreensão sincronística. Se no caso da psicóloga sufi esse vigor se mostra através da intensidade de sua presença, de sua abundância no relato, no caso do rapaz ateu ele se mostra através da resiliência, de seu

seu aspecto inquebrantável em um ambiente inóspito. Assim, o que se obtém como produto final dessa acareação é o estabelecimento de um eixo comum, intermediado pela apreensão sincronística, e, a partir deste eixo, o vigor dessa apreensão.

Entretanto, apesar da possibilidade de limitar, tão somente, à própria apreensão sincronística a configuração desse eixo, tal vigor parece ser a expressão do poder de uma presença inefável que se desvela e se consolida comumente a ambos os casos. Pois, justamente por emanar-se em dois extremos que são opostos, essa presença se mostra poderosa e persistente. É como se se tratasse de duas formas de um mesmo elemento. De fato, - e esse é o segundo elemento de semelhança entre as entrevistas, servindo de base ao primeiro, - os componentes do sagrado, *tremendum*, *mysterium* e *fascinans* aparecem, ainda que com intensidades e formas diferentes entre si, de modo nitidamente distinguível nos dois relatos. Aqui, eles terminam por engendrar um quarto elemento do sagrado de Otto, do qual o vigor referido acima é uma manifestação: *majestas*, o poder. Mesmo que, mais precisamente, essas modalidades do sagrado apareçam em níveis de análise distintos, a saber, os três primeiros - *tremendum*, *mysterium* e *fascinans* -, ao nível dos relatos dos entrevistados sobre os eventos sincronísticos propriamente ditos, e o quarto, - *majestas* -, apenas a partir da análise fenomenológica desses relatos, esse desnível não compromete, aqui, a validade da conjugação dessas modalidades para a alocação do fenômeno de Sincronicidade dentro da categoria do sagrado assim como descrita por Otto. Isso porque a modalidade que aqui aparece destacada das outras, *majestas*, não deixa, também, de caracterizar a qualidade do fenômeno de Sincronicidade a partir da percepção dos entrevistados. Desse modo, a partir da análise fenomenológica dessas entrevistas, depreende-se que o fenômeno de Sincronicidade parece contemplar as conceituações expostas ao longo deste trabalho, com relação à sacralidade.

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. Do significado e dificuldades para a realização do trabalho

Muitas foram os desafios e dificuldades para a realização deste trabalho. Começaria até mesmo com as dificuldades iniciais, pré-acadêmicas, como a perturbadora, sofrida e dissolvente imposição do fenômeno à minha própria experiência, as difíceis transformações internas para seu acolhimento – paradigmáticas, diria até –, o diálogo com as incrédulas pessoas próximas e, finalmente, a abertura de espaço para um tipo totalmente distinto de apreensão da realidade. Hoje, no entanto, os mares navegados mostram-se mais calmos. Certamente, o acolhimento acadêmico para a realização deste trabalho terminou por conferir ao próprio fenômeno maior espaço nos ambientes por mim frequentados. Mas o estudo, também, por seu lado, apresentou-me novos colegas de reflexão – felizmente, altamente gabaritados. Por seu lado, o fenômeno de Sincronicidade, também felizmente, preservou intactas algumas de suas particularidades que se me apresentaram ao longo do período pré-acadêmico. A antiga face perturbadora do fenômeno, que, com o tempo, revelou-se confiável, hoje mostra-se robusta e estável – um porto seguro. O esforço de organização exigido para esta empreitada acadêmico colocou ordem em pensamentos e sensações difusos e fugazes.

A Sincronicidade é um tema difícil. Tratá-lo é, antes de mais nada, dispor-se a penetrar, como diz Jung, *não em terreno já conhecido, mas em lugares marginalizados, evitados ou mesmo mal-afamados*. Se a Psicologia Analítica trava uma luta árdua para reclamar seu lugar ao lado da Psicanálise na prática clínica da Psicologia profunda, a situação não é diferente do conceito de Sincronicidade dentro da própria Psicologia Analítica. O tema vem se impondo apenas tardiamente de modo mais acintosamente acadêmico entre os próprios junguianos, e isso, certamente em função do espírito do tempo, ou seja, as tendências atuais do fortalecimento da busca de harmonização, compreensão do sentido maior da vida e por aí em diante.

Sintomaticamente, o tratado sobre esse tema foi uma das últimas publicações de Jung. Isso, apesar de ser possível identificar os sinais da apreensão sincronística da realidade por parte de Jung muito antes em sua obra. Em diversos momentos, inclusive, Jung parece passar ao largo da assunção dessa apreensão sob forma de um conceito explícito. Parecia em muitos momentos visivelmente perturbado por esse tipo de evento, evitando lançar-se numa análise conceitual. É apenas em 1930 que o conceito aparece pela primeira vez – e, isso, de modo bem discreto (PRIMÄS, 1996). Protegido pela proximidade da morte ou então, talvez por essa mesma contingência, sentiu que já não poderia furtar-se a contribuir com uma abordagem mais direta do tema, aos 75 anos de idade. Mesmo, percebe-se, afinal, o lugar central que este ocupa em toda a teoria junguiana, mediando as realidades materiais e espirituais, manifestando, com isso, a realidade arquetípica e, finalmente, seu fator motivador, o inconsciente coletivo. A Sincronicidade seria, assim, fundamentalmente, um *modus operandi* para a expressão dessa realidade.

As dificuldades encontradas por Jung para tratar dessa temática parecem não ter sido superadas. Passado meio século dessa tentativa, o fenômeno de Sincronicidade permanece à sombra, retido nos recônditos mal-afamados da Ciência. Ainda mais difícil terá sido percebê-los em nós mesmos. Na minha própria experiência, um tanto similar, neste sentido, à de Jung, o fenômeno se impôs com toda a força, por si mesmo. A caminho da realização formal deste trabalho, a resistência por parte de conhecidos – leigos, é verdade – foi enorme. O preconceito mostrou sua cara em rostos conhecidos. Este trabalho possui, assim, também, um caráter confessadamente testemunhal. É, em parte, o esforço de organização de uma experiência particular. Cabe perguntar, obviamente, qual trabalho não o seria? A dialógica, no caso específico desse tema, amedronta mas é, também, paradoxalmente, a medida mais salutar. Salutar para o autor

mas, também, para o próprio tema, que, assim, encontra lugar participativo mais natural. O trabalho reafirma, assim, para si, uma função arquetípica, de mero veículo.

Depreende-se dessa pessoalidade, também, um viés peculiar na abordagem do fenômeno sincronístico. As discussões sobre sua sacralidade são amplamente discutidas na literatura, de modo que não é aí que se dá essa peculiaridade. Porém, para explicá-la, é necessário, antes, passar por outro ponto. Dessa forma, terminará por apontar seu próprio e posterior desenvolvimento.

Não se pode estar certo do alcance que Jung teve de seu próprio conceito, haja vista o que aventamos acima, uma reticência ao formalizar um conceito que subjazia desde muito em sua obra. Assim, talvez, parte do que sabia ou acalentava a respeito desse assunto não veio a ser publicado. Murray Stein enxerga o conceito de Sincronicidade como um elemento conciliador na obra de Jung. Diz ele:

Nesse ensaio sobre Sincronicidade podemos ver Jung usando seu racional ego científico para explorar o mundo da magia e os extraordinários e inexplicáveis fenômenos que ocorrem no inconsciente coletivo...Por suas próprias razões pessoais, mas também por nossa cultura científica como um todo, ele está tentando forjar uma ligação entre dois focos culturais dominantes do Ocidente, ciência e religião. Esta tentando manter essa tensão sem favorecer unilateralmente um ou outro elemento. Sua teoria da sincronicidade é o símbolo que tentará conter esse par de opostos (STEIN, M., 2006, pág. 183).

Essa tentativa de conciliação, no entanto, não parece, inerentemente, tão política quanto a descrição que dela aparece aqui. A filosofia chinesa, em sua apreensão amplamente sincronística da vida, não afigura-se política. Ali, as realidades material e espiritual estão de fato intermeiadas, intrínseca e totalmente indissociáveis. Jung parece, de fato, mais intimamente convencido desse fato e sua apresentação do conceito de

Sincronicidade ao público ocidental tem um aspecto mais cauteloso com relação à sua crença. Profundo conhecedor da principal via de acesso a esse tipo de apreensão sincronística chinesa da vida, o I Ching, Jung certamente sabia que, ali, o aspecto numinoso da realidade material, quantificável, não se impõe em detrimento do aspecto materializável da realidade espiritual. Ali, assim como a realidade material acaba por traduzir a numinosidade, esta realidade espiritual também manifesta-se de modo palpável na concretude. A concretude, ao contrário, é ela mesma uma expressão da realidade numinosa. São, efetivamente, elementos indissociáveis. Jung, de fato, conseguiu erigir um edifício teórico que desse conta, satisfatoriamente, dessa indissociabilidade. A conceituação dos arquétipos e suas adjacências – realidade psicóide, inconsciente coletivo, transgressividade, entre outros - são, sem dúvida, a melhor expressão desse esforço. Porém, se estão mesmo indissociadas essas instâncias, a realidade material e a espiritual – é de supor-se que compartilhem de leis comuns. O esforço de nossa cultura é o da dedicação ao desenvolver a contraparte material dessa realidade unitária. O próprio Jung, apesar de seu enorme esforço e êxito em tornar esse dinamismo mais palatável aos olhos ocidentais, parece ter sentido o peso da tarefa e deixado a seus sucessores a parte do trabalho por fazer.

6.2. Do desenvolvimento posterior do trabalho

Marie-Louise Von Franz deu um salto nessa direção ao tratar da questão de modo mais propriamente técnico e estabelecer um diálogo mais horizontalizado com uma cultura mais cientificizada, como é o caso das sociedades ocidentais. Seu diálogo com a Matemática certamente serviu de base para esse nivelamento, bem como conceituações mais próximas da Física como as de campo, predomínio ou reversibilidade.

Nesse esforço de aproximação entre espírito e matéria, algo além parece ainda possível. Se os chineses abarcaram as realidades física e espiritual em um terreno comum, se Jung, de certo modo, além de fazer uma leitura psicológica da experiência religiosa (FREIRE, 2012), terminou também por espiritualizar a psique²⁸ e se Von Franz, também a seu modo, por assim dizer, tecnicizou a realidade arquetípica, um passo além seria transpor essa aproximação para nosso terreno comum propriamente dito, isto é, verificar as vicissitudes dessa unicidade em meio à nossa própria realidade.

De fato, se essa unicidade é uma das maneiras de se interpretar a realidade, não apenas a civilização oriental poderia ser lida por esse ponto de vista. A própria civilização ocidental poderia localizar em si mesma traços de interpretação dessa unicidade e, isso, particularmente no tocante ao domínio da religiosidade. Isso significa encontrar aspectos de sincronicidade nas apreensões religiosas principais de nossa civilização, isto é nas religiões ditas abramícas. E, evidentemente, fazê-lo na direção menos saturada. Efetivamente, os estudos sobre Sincronicidade pendem para discussões sobretudo no domínio da transcendência, sacralidade, espiritualidade, ou seja, seguem o caminho iniciado por Jung. Pelo lado mais técnico, a senda de Von Franz, pouco se encontra na literatura correspondente. O diálogo com os físicos mal foi iniciado. E se, como dissemos, trata-se de uma realidade unificada, podem e devem ser localizadas leis

²⁸ Para Jung,

sob o ponto de vista psicológico, os espíritos são, portanto, complexos inconscientes autônomos que aparecem em forma de projeção, porque, em geral, não apresentam nenhuma associação direta com o eu...O inconsciente pessoal é constituído deste material. A outra parte do inconsciente é o que chamo de inconsciente impessoal ou coletivo. Como o próprio nome indica, este inconsciente não inclui nenhum conteúdo pessoal mas apenas conteúdos coletivos, ou aqueles que não pertencem apenas a um determinado indivíduo, mas a um grupo de indivíduos e, em geral, a uma nação inteira ou mesmo a toda a humanidade...Enquanto os conteúdos do inconsciente pessoal são sentidos como fazendo parte da própria alma do indivíduo, os conteúdos do inconsciente coletivo parecem estranhos e como que vindos de fora. A reintegração de um complexo pessoal produz um efeito de alívio ou, freqüentemente, até mesmo a cura, ao passo que a irrupção de um complexo do inconsciente coletivo é um fenômeno profundamente desagradável e perigoso. O paralelo com a crença primitiva nas almas e nos espíritos é manifesto. As almas dos primitivos correspondem aos complexos autônomos do inconsciente pessoal e os espíritos aos complexos do inconsciente coletivo (JUNG, C.G. A natureza da psique, [585], [589], [591]). Os complexos do inconsciente coletivo, portanto, se impõem à consciência e, neste sentido, espiritualizam-na.

comuns a ambas - correspondências. As religiões abramícas, definidoras em grande parte da religiosidade ocidental, devem, por essa abordagem, também apresentar seu aspecto sincronístico, como foi aventado em algumas passagens deste estudo. E desse aspecto sincronístico deve depreender-se leis comuns ao espírito e à matéria. É por esse caminho que os estudos sobre Sincronicidade parecem mais promissores, além de sinalizarem maior capacidade de validação em nossa cultura tecnicizada.

Aqui é que o viés particular a este trabalho encontra seu ninho. Situar-se na senda aberta por Marie-Louise Von Franz é o que lhe aponta seu horizonte. Aí, é possível que venha a fornecer seus frutos mais consistentes, através do aprofundamento de noções ainda apenas delineadas aqui, como a da aceleração sincronística, a base sincronística das religiões, o discurso sincronístico ou as que compõem a tipologia esboçada anteriormente. Caminhando pela vereda da técnica é que os estudos sobre Sincronicidade – incluindo-se aí o seguimento deste próprio – poderão fazer com que a má fama se transforme em ferramenta do amanhã.

REFERÊNCIAS

COSTIN, G.; DZARA, K.; RESCH, D. Synchronicity: Coincidence detection and meaningful life events. *Psychiatric Annals*, Vol 41(12), Dec. 2011

ALES BELLO, A. *Culturas e Religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru, SP: EDUSC, 1998

ALES BELLO, A. *Fenomenologia e ciências humanas*. Bauru, SP: Edusc, 2004

ALES BELLO, A. *Introdução à Fenomenologia*. Bauru, SP: Edusc, 2006

AMATUZZI, M. M. *in* *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica – Reflexões e Perspectivas*. BRUNS, M. A. T.; HOLANDA A. F. (Organizadores). São Paulo: Ômega Editora, 2001.

AMATUZZI, M. M. *in* *Temas em Psicologia da Religião*. ARCURI, I.G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Organizadoras). São Paulo: Vetor, 2007

ARAÚJO, R. A. *Uma tradição viva: raízes para a alma - Uma análise fenomenológica de experiências de pertencer em uma comunidade rural de Minas Gerais*. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2008

ARCURI, I.G. *Arte & self: uma experiência espiritual* *in* *Temas em Psicologia da Religião*. ARCURI, I.G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Organizadoras). São Paulo: Vetor, 2007

BONDER, N. *A Cabala: da comida, do dinheiro e da inveja*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999

COLMAN, W. Synchronicity and the meaning-making psyche. *Journal of Analytical Psychology* - Volume 56, Quarta Edição, Páginas 471 - 491, Setembro 2011

CONGREGAÇÃO MONTE SINAI Sidur da semana Tefilat Sinai. São Paulo: Editora Sefer, 2010

CRITELLI, D. M. Analítica do Sentido. São Paulo: Brasiliense, 2007, 2006

EDINGER, E. Ego e Arquétipo. São Paulo: Editora Cultrix, 1992 - 1995

ELIADE, M. O sagrado e o profano. Lisboa: Livros do Brasil, 1996

FLOOD, A. Understanding phenomenology. Nurse Researcher. 2010; 17(2):7-15.

GIACCARDI, G. Les voies d'accès au numineux: l'appolinien et le dionysiaque *in* Cahiers Jungiens de Psychanalyse, 2008

GHIGI, N. A hilética na Fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela ALES BELLO. Memorandum , 4, 48-60. Retirado em 07.12.11, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/ghigi01.htm>

HESSE, H. Demian. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1984

HORUJY, S. S. Paradigmas de práticas de Self para o estabelecimento de uma Antropologia não Clássica. Disciplina de Pós-graduação oferecida pelo Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 16 a 25 de Novembro de 2011

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica?

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100007

JACOBI, J. Complexo, arquétipo, símbolo. São Paulo: Editora Cultrix, 1991 - 1995

JUNG, C. G. Sincronicidade *in* Obras completas de C. G. Jung. Petrópolis: Ed. Vozes, 1971.

JUNG, C. G. A natureza da psique *in* Obras completas de C. G. Jung. Petrópolis: Ed. Vozes, 1971

JUNG, C. G. O eu e o inconsciente *in* Obras completas de C. G. Jung. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984

KAGAME, A. La philosophie Bantu comparée. Unesco, 1976

KÖNIG, K. Irmãos e irmãs. São Paulo: Antroposófica, 1995.

LACAN, J. L'instance de la lettre dans l'inconscient. Paris: Les Editions du Seuil, 1966

MBITI, J.S. Concepts of God in Africa. Londres: S.P.C.K., 1970

OTTO, R. O Sagrado. Rio de Janeiro: Edições 70, Brasil, LTDA, sem data (doação ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 1997)

PERRY, R. Can Precognition explain CPMEs? Sign Posts, 16.06.2012

PRIMÄS, H. Synchronicité et hasard. Artigo original "Synchronizität und Zufall", H. Primäs, Zeitschrift für [Parapsychologie](#) und Grenzgebiete der Psychologie, 38, n° 1/2, 1996, p.61-91.

SAFRA, G. Perspectivas do manejo clínico da experiência religiosa *in* Temas em Psicologia da Religião. ARCURI, I.G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Organizadoras). São Paulo: Vetor, 2007

SAFRA, G. A religiosidade, a espiritualidade, o sagrado e o místico. Disciplina de Pós-Graduação oferecida pelo Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo. Agosto a Novembro de 2010.

SAFRA, G. Introdução à Psicologia Clínica: História e fundamento. Disciplina de Graduação oferecida pelo Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo. Março a Junho de 2012.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007

STEIN, M. Jung - O mapa da alma: uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006

TACEY, D. Le rôle du numineux dans la réception de Jung *in* Cahiers Jungiens de Psychanalyse, 2008

VAN DER LEEUW, G. La Religion dans son essence et ses manifestations. Paris: Payot, 1970

VON FRANZ, M. L. Adivinhação e Sincronicidade. A psicologia da probabilidade significativa. São Paulo: Editora Cultrix, 1980

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Supersti%C3%A7%C3%A3o> , 2012

WILHELM, R. I Ching - O livro das mutações. São Paulo: Ed. Pensamento, 1988

ANEXOS

1. TRANSCRIÇÃO ANALISADA DA ENTREVISTA COM A PSICÓLOGA SUFI²⁹

R: Então agora tá gravando mesmo, ..

S: Hum hum

R: ..tanto quanto outro. Então a minha tese é sobre..dissertação é sobre sincronicidade e sagrado né. Como eu tava te explicando, eu tô entrevistando um rabino, um sufi, um ateu. Então eu sei que você é Psicóloga junguiana né, clínica junguiana..

S: Hum hum

R: ..e ao mesmo tempo sufi. Então, mas.. quer dizer o interesse maior agora seria na parte do sufismo, né

S: Tá, hum hum

²⁹ O processo de análise das entrevistas está descrito na seção 2.1.. As entrevistas reproduzidas abaixo são transcritas e recebem a primeira parte do trabalho de análise de modo concomitante. Isto significa que procurou-se identificar a formação ou desenvolvimento de cada unidade de sentido, introduzindo-se, neste momento, uma análise pontual.

O desenvolvimento do trabalho de análise se encontra nas seções de análise e interpretação das entrevistas, 3.2. e 3.3.. Ali, as unidades de sentido aqui pontuadas são transpostas de modo subsequente e, em seguida, agrupadas em grupos temáticos maiores após o que se dá a análise global. O que encontramos aqui, entremeadas à transcrição da entrevista, portanto, são as primeiras análises pontuais a cada unidade de sentido. Optamos por mantê-las inseridas por entre a entrevista, logo abaixo à formação de cada uma dessas unidades de sentido, para tornar claras e presentes tanto sua origem quanto sua pertinência interpretativa. As comparações assim evidenciadas expõem este trabalho, justamente em função desse cunho interpretativo e sua inerente relatividade, à dialógica e à crítica e lhe outorgam a necessária humildade face às outras possibilidades e ao próprio material coletado. Para diferenciá-las do texto da entrevista em si, estão impressas em vermelho.

R: Mas talvez né, no decorrer da entrevista, a gente possa trazer outras coisas a partir da experiência clínica também. Então eu queria entender é..como o suf.. fala um pouquinho o que que é o sufismo pra começar, pra entender um pouco, se você..

S: Tá. O sufismo, ele, ele é considerado uma..um método né..

R: Hum hum

S: ..de você acessar o invisível.

R: Tá

S: Né. Ele sempre existiu. É.. mas nos últimos séculos ele tá ancorado no islamismo.

R: Hum hum

S: Por que ele se floresceu muito daquela região. Mas eles não consideram-se é.. islâmicos..

R: Islâmicos

S: ..tá. Mas os islâmicos consideram eles místicos, é.. cristãos.. é interessante você ver isso né. Por que na verdade é um caminho místico..

R: Hum hum

S: Né. E.. mas, veja, é um caminho místico dentro do islamismo como se, por exemplo, a cabala é o caminho místico dentro ..

R: Do judaísmo.

S: ..do judaísmo..

R: Hum hum

S: né .. a mística cristã, com São João da Cruz..

R: Hum hum

S: .. é dentro né. Então, o sufismo, ele se caracteriza por isso. E ele se floresceu muito daquela região dos países árabes.. né

R: Quer dizer ele é originalmente ..é um m.. é um meio de compreensão místico da realidade..

S: Exat..

R: ..que depois foi apoderado é.. pelo sufismo

S: É se apoiou. Não..se apoiou..

R: Pelo..pelo islamismo quero dizer

S: .. pelo islamismo. É. Ele se apoiou no islamismo

R: Tá

S: Porque foi a religião naquela região que mais se.. se floresceu. Então assim..é.. mas os islâmicos não consideram o místico..o..o.. místico.. é.. i.. é

R: Suf..

S: Tanto que em alguns países eles foram até perseguidos

R: Os sufistas?

S: O sufismo

R: Hum hum.

S: Porque..

R: Você chama eles sufistas né?

S: Sufis..

R: Sufis.

S: É.

R: Tá.

S: Na verdade eles se consideram dervishes.

R: Hum hum

S: O dervixe é aquele que busca a verdade..

R: Tá

S: ..o sufi é aquele que tenha encontrado ess.. a verdade

R: Ah, tem essa diferenciação..

S: Exatamente. Então quando..

R: ..entre.. o derviche é o que busca e o sufi é o que..

S: Encontrou..

R: ..quer dizer o sufi seria um mestre pro dervixe

S: Exatamente

R: Entendi

S: Então dentro disso você tem o Algazali, o Rumi, né vários.. é.. pessoas que você pode considerar que seja sufi,

R: Hum hum

S: né.

R: Sabe que o Gilberto tava dando uma aula semana passada sobre isso, ..

S: É

R: Rumi..

S: Exatamente

R: ..ele citou trechos do.. do .. po..é um poeta né? Tem um livro sobre..

S: Vários

R:..o Rumi né?

S: Então, o que acontece? É.. nos países árabes né.., pessoas que eram islâmicas.. até o Algazali, por exemplo, ele era um catedrático islâmico mas que durante.. a ..a ,
interessantemente, aos 40 anos ele desenvolveu o que a gente chamaria de uma conversão histórica e ele não podia mais falar porque ele descobriu que o que ele ensinava ele não tinha no coração..

R: Olha só

S: Aí, ele se retirou..

R: Isso é uma.. não deixa de ser sincronístico

S: Exatamente..

R: Hum hum

S: .. se retirou e ficou dez anos num caminho sufi, depois ele voltou e ele voltou.. a ensinar porque agora ele tin.. ele sab.. ele vivia no coração o que ele tinha na mente.

R: E a voz voltou..

S: E a voz voltou, claro, né. Ele pôde voltar a ensinar. E.. porque o o conhecimento, ele pode se dar de várias f.. maneiras, o conhecimento intelectual,..

R: Hum hum

S: .. que que a maio.. que é o né.. a repetição, ler a Bíblia ou whatever, o..o Alcorão ou

R: Sim

S: .. a Caba.. ou

R: Que é a transmissão..

S: Escrita

R: ..escrita

S: Outra coisa é você.. precisaria de uma iniciação..

R: Hum hum

S: n.. verdadeira

R: Tá

S: q.. todos..

R: Que é uma conversão, né..

S: é.. uma iniciação.. a gente..

R: Uma espécie..

S: .. a gente prefere

R: Tá

S: Porque na verdade, você tem que experimentar a..

R: Certo

S: Então você tem que ter um método

R: Sim

S: para experimentar

R: Hum hum

S: É que você ser terapeuta junguiano, na verdade, você teria que passar por análise..

R: pela..

S: porque uma coisa é você saber os conceitos..

R: Teóricos..

S: e outra coisa..

R: .. e outra coisa experimentar

S: ..é você ter uma vivência

R: Hum hum, vivência

S: A vivência é considerada mística. Por quê? Por que nas religiões formais isso se dissociou..

R: Hum hum

S: né ..todas elas

R: Sim

S: Então o sufismo, ele se propõe a ser essa mística e dentro disso..

R: Baseada na experiência.. né

S: Na experiência, no método..

R: Longe do do do..

S: Você até tem a leitura né..

R: Hum hum

A entrevistada explica um pouco o Sufismo caracterizando-o como o lado místico do Islamismo. Defende também que seu conhecimento se dê pela via da experimentação, da vivência, e não apenas de modo intelectual.

S: Você precisa ler, quer dizer.. o caminho que.. por exemplo, aí eu vou te explicar.. você tem..

R: Tá

S: Você tem vários.. várias ordens

R: Hum hum

S: Como, por exemplo, você tem no..no próprio cristianismo. Você vai ter beneditinos..

R: Sim

S: ..franciscanos

R: Hum hum

S: Né. Também no sufismo, você vai encontrar uma série de ordens..

R: Tá

S: .. que cada ordem tem um método de fazer você entrar em contato com a verdade né..

R: Tá

S: O que é mais comum, que acho que todo mundo meio que.. que são os derviches girantes né.. inclusive já veio pra São Paulo algumas vezes.. que era uma ordem que existia na Turquia mas, interessantemente, quando a Turquia ficou republicana e democrática, eles proibiram a prática do sufismo e da.. dos.. da dança dervishe. Então, hoje em dia é visto como um espetáculo..

R: Como um..?

S: Um espetáculo né.

R: Tá

S: Você vai lá e você vai ver os je..derviches dançarinos. Aquilo é uma ordem que vem de Rumi. Aquele é um método

R: Tá

S: ..Né. Um método de que você dança de uma determinada maneira e, ao en..dançar de determinada maneira, você entra em transe. E ao entrar em transe se dá a a aprox.. a né a imagem, vamos dizer, você vê alguma coisa e esse seria o trabalho de aproximação com o self..

R: Tá

S: .. então você tem o método que faz você fazer a ponte com o self, né. Eu tô usando a linguagem junguiana porque.. porque eu sou junguiana também, pra você poder entender

R: Sim sim

S: Por que na verdade não se fala em D'us..

R: Hum hum

S: ..no sufismo. Você.. essas palavras, elas se falam..

R: Na linguagem corrente

S: ..na linguagem corrente. Você fala que você precisa entrar em contato com a realidade. E a realidade, cada um é pra cada um, então não existe uma realidade, a nível da interioridade..

R: Entendo

S: né .. por que o self.. pra você ter uma idéia, só pra você ter um exemplo, é.. na manifestação, quer dizer.. Alá teria 99 nomes e cada um de nós, por exemplo, carrega um nome. Então vai dizer que a sua verdade não pode ser igual à minha. Então o método propicia que cada um entre internamente em contato..

R: Com a sua própria verdade

S: ..com sua própria verdade. Mas o método é.. é um método e aí cada ordem tem o s.. a sua forma de aproximação, né. Cada ordem tem um método que possibilita que você faça esse trabalho interior. Né , por isso que é místico, que não é exterior, né.. não.. é um trabalho de realmente você criar esta conexão e esse auto-conhecimento de você conhecer que pedaço da..do self você traz..

R: Tá

S: Tá. E.. e você aprender, e aí, também, infelizmente, tenho que usar uma linguagem junguiana pra transpor, é que o ego tem que estar a serviço disto, quer dizer..por isso que, aparentemente, você vai pegar muitos textos sufis em que eles falam que o.. tem que dissolver o ego nanana mas que na verdade o ego tem que entrar no lugar dele, de servidor dessa realidade maior.

R: Ah tá

S: Tá. Por isso que islam chama, tradução é s.. “O Servidor”

R: Sim sim

S: O que serve..

R: O Gilberto tava falando exatamente nisso

S: Né. O que serve essa verdade que você traz, né.

R: Quer dizer, o ego é uma parcela só né..

O Sufismo é caracterizado pela entrevistada como um caminho pelo qual o indivíduo pode entrar em contato com sua própria realidade e, neste sentido, trata, à semelhança da Sincronicidade, da hiper-singularidade. Outra característica importante é a premissa de que a realidade egoica é apenas parcela de uma realidade maior à qual deve apresentar-se de modo serviente e jamais autoritário.

S: Da realidade. Exatamente. Da da construção do sufi. Agora, o sufismo, durante um tempo, ele ele viveu em mosteiros né, é até o século XX, como o budismo né..

R: Hum hum

S: Havia o retiro, então eles se retiravam pra praticar essas práticas. Atualmente, é.. , depois de toda a mudança que tá ocorrendo no mundo, o trabalho é pra ser no mundo, até porque pra tentar equilibrar o desequilíbrio que tá.

R: Hum hum

S: Então não se tem mais ordens retiradas..

R: Tá, é mais..

S: É..n..

R: .. inserido né..

S: .. inserido na na cultura então.

R: Tá

S: A ordem que eu tô, por exemplo, que é uma ordem chamada Naqshbandi né, a gente aceita pessoas do mundo e é pra viver no mundo. Você tem uma.. um método que é te passado.. e de práticas..

R: Que é sempre baseado nas danças..

S: Não..

R:.. nem sempre

S: ..nem sempre

R: Tá. Depende da ordem

S: Depende da ordem, exatamente. Como eu falei, cada ordem tem o seu método, tá. O nosso método, ele ele tem os as duas coisas. Você deve ter uma série de livros pra ler e uma série de exercícios pra fazer. Exercícios individuais, na sua casa e coletivos num num lugar, né. Porque o trabalho se dá internamente e a possibilidade.. porque estar em grupo te possibilita muit..é, numa linguagem junguiana, você confrontar com a tua sombra..

R: Sei

S: ..por que o trabalho pede a unidade, que você vá agregando cada.. vá se conhecendo cada vez mais e podendo agregar essas partes que existem dentro de você. Por isso o trabalho em grupo, porque o trab.. na na relação isso aparece muito, né. Então, você tem, na ordem que eu estou, práticas individuais, práticas coletivas e a leitura, tá. Porque a ordem Naqshbandi é uma ordem considerada muito intelectual, o caminho dos intelectuais né. E tem ordens que é só.. a dança..

R: Só mais..

S: a pos..

R: .. o aspecto corpóreo

S: É, e..não só corporal

R: ..mas..

S: mas de possessão..né

R: .. entendi. Ah tá..

S: .. de incorporação. Por isso que eu te sugeri inclusive a umbanda..

R: Sim

S: ..essas outras práticas em que a prática se dá mais por incorporação e tem caminhos que são mais por inspiração

A entrevistada explica que o Sufismo é composto por várias ordens que se diferenciam quanto à metodologia utilizada para o autoconhecimento, por vezes mais intelectual, corporal ou por inspiração.

R: Tá

S: O caminho da ordem que eu estou é por inspiração. Ele é mais intelectual nesse sentido né, quer dizer, cada um de nós tem que des.. hum hum..cada um de nós tem que desenvolver um caminho pelo qual se dê essa comunicação. E aí entra a Sincronicidade, quer dizer, por quê? Porque D'us é tudo. Né, se você for ali na s.. na sala de espera, tem aquela pedra do Jung gravada que “Invocado ou não, D'us está presente”. Nó.. os sufis acreditam realmente nisso.

R: Tá

S: Tudo é D'us.

R: Sim

S: Absolutamente tudo. Então, tudo que lhe acontece, você precisaria ver onde lhe está a mão de D..né, qual que é a mensagem? Que que é que eu tenho que estar olhando que eu não tô olhando?

R: Tudo é portador de uma mensagem

S: Exatamente.. do self

R: .. do self

Para explicar as conceituações do sufismo, a entrevistada se vale da linguagem da Psicologia Analítica. Essa tendência, que irá confirmar-se ao longo de toda a entrevista, mostrará o quanto o sufismo e a Psicologia Analítica encontram-se emaranhadas na visão de mundo da entrevistada. Como fez questão de sublinhar Murray Stein, deve-se

ter o conceito de Sincronicidade, apesar de tardio, como central em toda a abordagem junguiana. Essa consideração adquire peso importante para nossa abordagem uma vez que busca-se aqui, justamente, determinar a ligação da Sincronicidade com a sacralidade. Pouco mais adiante, veremos como a própria entrevistada faz por si mesma a ligação entre a Sincronicidade e a idéia de D'us.

S: Né. E aí, na prática, Ronny, você vai podendo desenvolver como é que é pra você?

R: Isso

S: Pra mim é através dos sonhos.

R: Tá

S: Né, que casa muito com a coisa junguiana. E.. D'us realmente fala comigo.. se quer falar, aí, mas como assim.. através dos meus sonhos

R: Sempre através dos sonhos, mais através dos sonhos

S: É, pra mim..

R: Tá

S: .. né

R: Sim sim

S: Por quê? E a.. aí é isso que o método dev..deveria possibilitar. Um método é um conjunto de práticas. Que cada um descubrisse como que é que é pra você? Como que se dá essa..essa

R: Comunicação

S: Essa comunicação né. Através de alguma coisa? Como é que é essa presença? É.. o.. t..eu e o que eu percebo né Ronny, eu já tô nesse caminho tanto junguiano como sufi há 25 anos. E pra mim..

R: Já vem de longe..

S: .. os dois se aproximam muito, entendeu?

R: Sim, sim, é o que eu tô percebendo agora

S: É, porque é..eles.. eles..é.. toda a a forma mesmo, o caminho que o Jung tomou, o caminho que o Jung buscou entender né.. porque a Sincronicidade na vida do Jung acontecia.

R: Sim

S: Aliás, se você foi ver aquele filme Um método..

R: Perigoso

S: Aconteceu né

R: S.. sim

S: Tcha.. o Freud: “não isso aqui.. ac..” hahaha

R: Aí já.. Pois é e ainda avisou que ia acontecer de novo

S: pr a v aí vai acontecer de novo, cara.. pelo amor de D’us eu preciso entender isso, né

R: É

S: Eu preciso entender o que acontece. Onde que tá isso.. onde que ..essa..esse fenômeno extra-sensorial, né. Como? Como que a gente cria isso, acho que um físico quântico talvez te ajude a você..

A entrevistada confirma sua estupefação com os fenômenos sincronísticos. Precisa entender como se passam, denotando que ultrapassam seu entendimento e colocando-os num nível extra-sensorial, isto é, em que não podem ser dominados e cuja própria origem não pode ser determinada.

R: Sim, sim ma.. é..Aí já é outra perspectiva

S: É, outra perspectiva de que .. como a ..as coisas estão unidas .. essa esse conceito..

R: Conectadas né..

S: É. De uma realidade unitária. E que a gente, ocidental e o ego ocidental, eles perdeu essa conexão

R: Pois é, ele se colocou no comando de coisa de que ele não está, né..

S: Exatamente.

R: É

S: Ele perdeu essa noção que os gregos tinham de que aquela árvore queria me dizer alguma coisa

R: Hum hum, sim

S: Né? Que e.. o.. a.. eu ma.. pegar o bode e oferecer pra um deus iria me dar alguma resposta. A gente perdeu essa conexão.

Através do sacrifício, é possível obter algo

R: Sim

S: Tanto, eu acho que o o sufismo como o o caminho junguiano, eles tentam criar essa ponte.. através..

R: Resgatar..

S: ..de métodos diferentes..

R: Sim

S: Né. Então, o método junguiano é um, né e o método sufi é outro. Mas com a prática, eu percebo que, além disso, né, além de.. né, no meu caso, os sonhos, tem isso, é impressionante, coisas que acontecem que você.. fala “Meu, como é que..”

R: S..

S: Você vai ficando refinado. Você vai refinando

R: Sim..

S: É como se fosse um músculo que a gente deixou de usar..

R: Sim, sim, sim

S: O músculo de perceber a realidade unitária

R: As.. as conexões

S: As conexões..

R: Tá

Uma outra abordagem perceptiva deixou de ser utilizada, essa abordagem que essencialmente inclui a percepção de uma realidade, por assim dizer, unitária, permeada pela existência de um sentido maior, isto é, de uma intencionalidade, supõe uma comunicação constante entre uma ordem superior e o homem. Dentro desse contexto, as conexões, os processos sincronísticos, são fundamentais para o estabelecimento dessa comunicação. Segundo a visão da entrevistada, e a realidade seria um todo de conexões a que nem sempre estamos atentos.

S: Que.. um passarinho pousa.. por exemplo, uma amiga minha junguiana, o pai dela ..é .. tava morrendo..

R: Hum hum

S: ..e um pássaro voltou. Ele tinha criado.. ele morava num jardim e.. e ele tinha tido um.. um ninhozinho de.. de um pássaro. E o pássaro botou o ninhozinho ali, uns passarinhos nasceram e foram embora. Mas o dia que ele veio a morrer, o pássaro voltou.

R: Nossa

S: Então, ela sabia: “Ele vai morrer hoje, o pássaro veio buscar a alma dele”

R: Olha só

A entrevistada cita um exemplo real de Sincronicidade ocorrida com uma sua conhecida. Trata-se de uma sincronicidade premonitória em estado de vigília, o que supõe, como o defende a própria entrevistada, todo o esforço de uma apreensão perceptiva voltada para essa comunicação com uma realidade unitária, em que o acaso não existe e onde a Sincronicidade ocupa lugar central.

S: Ent..é isso. É que a gente não sabe fazer isso tá. Porque você fala assim..ah imagina..É que nem o Freud fala “Imagina, é a calefação, cara..

R: Hum hum

S: .. é as madeiras”

R: Sim, sim. É, mas é o racionalismo né..

S: Né que..

R: ..aquela coisa descolada..

S: Descolada.. né..f.. “não pera um pouquinho”. É claro, é.. Ronny, que é um caminho muito difícil. Sempre falo, tanto o ju.. caminho junguiano como o caminho sufi.. por quê? Por que.. e outra coisa que eu sempre gosto de dizer: o Jung dedicou 60 anos da vida dele, 65, pra traçar essa fronteira entre a Psicose e o místico..

R: Hum hum

S: Porque a apresentação fenomenológica é muito parecida..

R: Fronteira né

S: né..

R: tão ali as duas.. é

S: ..e o que distingue é o bendito do ego. O ego, ele precis.. ele precisa ser o suficientemente flexível para que ele se abra, no místico,..

R: Hum hum

S: e ele se feche depois..

R: Mantenha uma certa estabilidade de..

S: ..da realidade

R: ..objetiva

S: O Psicótico, ele é envolvido e o ego explode e não tem nada pra fazer com aquilo.

R: Sim

S: Ele entra em contato e n..A diferença então de místico e um esquizofrênico é exatamente o bendito do ego, né..

R: Hum hum

S: Que tem que ser um ego suficientemente forte e, neste sentido, eu gosto muito da imagem do Moisés né.. Moisés subindo na montanha e algo acontece que ele volta cheio de luz, né..

R: Hum hum

S: A luz sai sobre ele. E ele não foi dissolvido. Porque se você pegar antes, todos que entraram em contato com a divindade, Z.. todas as mulheres que Zeus se a.. se.. se apresentava, eram fulminadas, né. Então o ego, ele tem que ser suficientemente forte, para entrar na experiência, se abrir, receber a imagem, perceber a conexão e fazer alguma coisa com ela, né.

R: Busca o sentido, apreende o sentido né

S: Exatam..

R: .. mas permanece..

A entrevistada fala de algumas características do encontro com o místico, a divindade, o sagrado. O encontro é perturbador e até perigoso, distinguindo-se da dissolução psicótica apenas pela permanência da coesão egóica após a experiência. Por isso, pressupõe uma força egóica mínima para fazer face ao encontro e não cair na dissolução psicótica. O encontro, no entanto, quando bem sucedido, produz resultados benéficos. O encontro com o sagrado produz a abertura, o furo de que fala Gilberto Safra.

S: Mas permanece. Então, o caminho o.. t.. o sufi, ele te propõe exatamente isso, através das práticas, que você vá desenvolvendo essa possibilidade de ouvir que não é.. de ouvir, ou ver, ou sentir, ou cheirar, whatever, vai saber.. né porque cada um

R: Hum hum

S: .. vai ter uma.. o seu jeito..

R: Tem um..tem um.. tem um canal mais..

S: Refinado

R: Apurado, né, isso..

S: Exatamente

R: .. pra essa percepção

O canal de comunicação com a realidade unitária é próprio de cada um. Para a entrevistada, ela se dá através do sonho. Porém, ela sustenta a existência de diversos canais para essa comunicação, como a visão, o olfato, o sentimento ou outros.

S: Né.. e.. o segredo é isso..Quer dizer.. é o..pode ser.. e o.. Dizem que o Jung, depois de um..da.. da descida, ele atendia com um mestre do lado dele, que era o Filemon.

R: Sim

S: É.. Eu não vejo nada e eu sempre brinco “se eu ver alguma coisa, eu ligo pro Psiquiatra primeiro”. Hahahah Vamos limpar o diagnóstico. Hahahah Né, porque..

R: Sim, sim, porque aí já dissolveu demais..

S: Né.. é..vamos ver se a gente tá realm..

R: Cadê meu ego?

S: Quer dizer o que que a gente tá vendo..

R: Hum hum

S: .. né porque é um caminho..Agora, eu sinto que a prática.. até porque, como nós não podemos mais se retirar né.. a prática possibilita que você.. seja suave essa percepção

R: Entendi

S: É isso que eu te falei.. quer dizer..o pássaro..ficar atento né.. o pássaro veio buscar a alma do meu pai. E é uma junguiana falando isso, né. E realmente naquela noite, o pai morreu. Quer dizer, você ir percebendo.. sinais..

R: Sim

S: .. porque tudo tá conectado.. sem se dissolver porque eu acho que o caminho da dissolução requer o retiro porque até você se estruturar de novo, se é que você consegue se estruturar, né, porque a experiência é muito..

R: Forte

S: Muito forte. Então eu percebo que hoje em dia, as coisas são mais.. é..suaves né. O sufismo, só pra você ter uma idéia, chega no Ocidente através de um homem chamado Gurdjieff..

A experiência de contato com o que a entrevistada chama de realidade unitária, isto é, de uma realidade onde se dão outros tipos de conexões que as usualmente levadas em conta, é, mais uma vez, descrita como sendo muito forte.

R: Ah, foi o Gurdjieff que trouxe o..?

S: f.. é, se você inclusive ver o filme Encontro com Homens Notáveis..

R: Hum hum

S: você ..ele buscou, naquela época, as ordens eram fechadas..

R: Sim

S: Ele vai..

R: Acho que eu já ouvi falar sim

S: Né.. e.. você quiser entender um pouco, né. É.. Nós estamos falando em começo do século XX, né. O Gurdjieff, a APl eles buscaram as ordens.. é.. fechadas – naquela época ainda existiam muitas ordens fechadas. E foram iniciados. Mas eles perceberam que..como é que a gente traz isso pro mundo aqui..

R: Hum hum

S: O mundo tá precisando aqui e agora

R: Sim

S: Porque nós estam..né.. é.. já naquela época todo mundo percebia que havia uma dissociação.

R: Sim, sim

S: Né..o Freud vai chamar de dissociação histérica, o Jung vai mais além. Muita gente tava naquela época tentando curar essa dissociação..

R: Hum hum

S: ..entre o visível e o invisível. E se percebeu que o trabalho tem que ser nisso aqui.. não adianta se retirar.Então o método hoje, eu eu percebo que é um método a é que dá pra ter essa integridade, não precisa ser nessa dissolução do ego..

R: Mais acessível então né..

S: é mais acessível..

R: pra

S: Porque nosso ego.. aí que tá, o ego ocidental, ele é muito duro..

R: Sim

S: Né..ele é.. porque ele acha que ele é o centro do universo, né. Graças a Descartes, penso logo existo..fudeu a gente durante muitos séculos..

R: Hum hum

S: Tudo é visível, se eu não posso repetir a experiência..

R: É, é..

S: .. não é.. né.. não existe

R: ..não vale.. não tem validade

S: ..não vale..dentro do método cartesiano, sem dúvida

R: Sim. É.

S: E mesmo assim, eu percebo que a partir do século XX e agora, nós estamos tentando construir um paradigma..

R: É

S: ..que tenha essa possibilidade..

R: Que inclu..

S: ..que inclu

R: ..o diálogo com o invisível, digamos assim..

S: Exatamente. E o conceito de..

R: Fora que o próprio.. a própria cientificidade, esse olhar cartesiano, tá meio que.. tá meio furado..

S: É..porq..tem fenômenos que eles não conseguem..

R: Não conseguem explicar

S: .. explicar. Né, que nem o DSM4 né.. tararã a e o.. não cons.. casos que não são ex....tudo é caso que não é explicado né, quer dizer..

R: Hum hum

A entrevistada fala de uma mudança de paradigma trazida pelos primórdios da Psicanálise com Freud e a seguir com Jung. Mas também com Gurdjieff, introdutor do sufismo no Ocidente. Essa mudança de paradigma é marcada pela tentativa de diálogo e compreensão das forças invisíveis em contraposição à preponderância do olhar cartesiano. A necessidade passa a ser a do cultivo da espiritualidade no mundo mesmo e não de modo isolacionista.

S: Por quê? Por que se a gente não agrega essa essa essa perspectiva.. e alma aqui.. eu vou te traduzir o termo de alma enquanto uma essência e não como psique e mente

R: Tá

S: Tá. Que essa é uma grande confusão..

R: Com certeza

S:... que sempre tem, né. Como é que é minha alma? né.. Como que.. que que tem dentro de mim, né? Como é que eu tenho que me desenvolver? O Jung, por exemplo, quando chegou aí, ele começou a estudar mitologia grega. Ele falou “Vamos estudar os mitos. Né, os mitos gregos têm muito mais a nos diz..”. O próprio Freud quando foi escolher o mito de Édipo..por que? Por que a m.. a alma, ela é..ela ela se expressa através de símbolos

R: Sim

S: Né. E no sufismo você vai ter a mesma coisa, os qua.. só que são símbolos, e aí so pra te.. te explic.. entender, são símbolos que estão ancorados na mística islâmica, né. No caminho islâmico na verdade, que as rezas são ..estão no Alcorão a.. as as..ai tem uma outra coisa que diferencia também. Sempre uma ordem é considerada viva quando ela tem um mestre vivo..

R: Ah tá

Para essa tentativa de compreensão da realidade unitária e das forças invisíveis vai se mostrar importante o estudo da Mitologia e dos símbolos. Esse parêntese tem função apenas de ponte para a discussão das relações entre Sincronicidade e Simbologia, a seguir.

S: Então por que que o os derviches dançantes né? Por que o Rumi morreu, né. Então, é.. existe sempre mestres vivos, cada me..cada ordem tem o seu mestre. . eu, por exemplo, tenho mestre vivo

R: Vivo

S: Né. Por quê? Por que o tal do mestre, é como se ele pudesse ter essa antena.. é porque ele então é realmente o cara que entra em contato, percebe quais seriam as necessidades de harmonização e passa o exercício adequado pro tempo que nós estamos vivendo..

R: Entendi. Ele tem essa percepção mais refinada então e aí ele vai passar pros.. pros seus..

S: Através do método

R: Hum hum

S: Então é como se fosse lá vai no Budismo, passar quinze contas com o Iahumbu, com Ohm ou o católico rezar quinze Aves-Maria..

R: Sim

S: Né. Porque a repetição é uma coisa que te leva em contato..

R: Sim..

S: Né

R: ..vai pro êxtase..

S: Vai pro êxtase, exatamente. Então, assim..essa é uma outra coisa que caracteriza o sufismo. Sufismo, ele precede da idéia de que você teria um um mestre vivo, que passa a tal das práticas, as tais..dos ex.. dos exercícios que você faz pra poder se conectar com a onda invisível do momento. Porque não é mesma onda, a onda muda.

R: Muda né

S: Né, a m..

R: Muda a necessidade

S: Exatamente. A necessidade é uma.. d.. né foi o que você mesmo disse: esses jovens..quer dizer,o cérebro.. eu tenho uma idéia que o cérebro deles é outro.

R: S..

S: Eu sempre brinco, no nosso cérebro tinha o muro de Berlim no meio hahaha

R: É, pois é..

S: o deles é tudo em rede ó ts ts ts

R: É tudo direto né

S: não tem..né

R: É outra perspectiva né.. outro f..fundo né digamos assim de..né, vai colorir em outro fundo

S: Exatamente

R: né..vai dar outra..outro outro desen..

S: E o mestre, esse que percebe: “bom nesse momento,..

R: “O que tá acontecendo?”

S: .. qual é o exercício, a prática necessária?”

R: Entendi

S: Por que as pessoas evoluem. Então, a prática necessária lá atrás em.. vai, século.. O Roma de.. foi m.. século mil.. mil quatrocentos e pouco né?

R: Não

S: Não pode ser a mesma de agora

R: ..de agora. E como é que ele se adapta a essa.. a essas mudanças assim?

S: Então a m.. eu posso falar da minha ordem ..

R: Sim

S: Tá. A minha ordem, ela descende de um mestre que e.. que estava no Afeganistão. E ele veio estudar na Inglaterra e se casou com uma inglesa..escocesa. e quando eles estavam tentando voltar pro Afeganistão com os filhos, veio a primeira guer.. a segunda guerra mundial, eles não puderam voltar. Então eles tiveram que crescer na Inglaterra os.. f.. os mestres, né. Então eles tiveram que cresceram nessa vida. Essa vida de..

R: Mas d.. ocidental

S: Ocidental

R: Tá

S: De ir pra escola, de estudar. Mas o p.. o pai dele agregava à educação trazendo mestres pra treinar eles dentro do do Sufismo, né. E..e o Afeganistão deixou de existir né. Afeganistão não existe mais.

R: Sim

S: Não há pra onde voltar hahahaha..lite..

R: São só os escombros né

S: Literalmente né

R: É

S: Porque eu acho que é essa onda mesmo, que eu acho que aconteceu inclusive no Tibet. Não é mais o recolhimento, o caminho é no mundo. Então, como que a gente é.. e é interessante..

R: Mas isso que você tá me dizendo é até um pouco simbólico né porque justamente o caminho de origem não existe mais, te obrigando a pegar os outros caminhos que.. quer dizer o outro caminho que é seria estar nesse mundo aqui né

S: Nesse mundo aqui. Então, o o avô..

R: Colonizar né

S: É. O avô e o.. o pai do meu mestre viveram na Inglaterra e o meu mestre casou com uma chilena, mora aqui no Chile. Hahaha a gente tem a impressão que tá vindo.. que realmente o futuro é as Américas..

R: É. Engraçado isso né

S: ..né. Eles tão vindo tudo pra cá né..impressionante

R: É, é

S: Que aquilo lá tá acabando mesmo, né. Aquel .. né

R: Sim

S: E que aqui que tá o futuro

R: É. O futuro chegou né. Que o Brasil era o país do futuro, agora o futuro chegou, né

S: É, o futuro é aqui. O futuro é aqui.. é..é.. a possibilidade de de criar uma forma de estar mais inteira, mais ..não tão dissociada como é na Europa, né

R: Hum hum

S: Porque é uma dissociação.. não sei se é possível curar aquilo né.

R: Você acha que não?

S: Você sabe que tem muitos terapeutas.. é eu tenho vários amigos de várias linhas que são convidados a trabalhar lá, especialmente terapia de casal, terapeutas..

R: Ó que interessante

S: É, interessante por quê? A idéia.. e eu acho que faz um pouco de sentido, Ronny, é o seguinte: se eu tô inserida numa cultura, como que eu consigo curar a dor da.. daquilo que eu talvez..

R: Precisa ser um..

S: .. um olhar de fora

R: A cura tem que vir de fora né

S: A cura tem que vir de fora, tem que me convidar..

R: Hum hum

O olhar que cura deve vir de fora.

S: ..eu acho que eu vou te contar a história. Todas quintas-feiras, um dos exercícios que a gente pratica é contar uma história, e a história é a seguinte. Você vai entender como..Era uma vez um homem, um lenhador que tinha uma filha. Todos os dias ele se levantava bem cedo, ia até a floresta, onde ele catava lenha e vendia, trazia toda sorte de coisas pra si e pra sua filha. Até que um dia a filha lhe pediu coisas com melhor sabor e melhor qualidade. Ele falou “ Tá bom, minha filha, amanhã irei mais longe na floresta, onde há mais lenha e assim eu farei isto”. Daí, ele foi, levantou, trabalhou, voltou, deixou seu feixe de lenha, bateu na porta dizendo “Filha, filha, abre, tenho muita fome, eu preciso tomar alguma coisa para ir ao povoado vender a nossa lenha”. Mas a menina continuava dormindo. Ele, então, deitou ao lado de seu feixe de lenha e adormeceu. Quando ele acordou, o sol já ia alto. Ele bateu de novo “Filha, filha abre, tenho muita fome e muita sede”. Mas a menina em seu esquecimento, havia arrumado a..levantado, tomado seu café, arrumado a casa e batido a porta. O lenhador pensou “Bom, já tá muito tarde pra gente ir pra floresta..pra eu ir pra ..pro povoado. Vou voltar na floresta, vou trabalhar arduamente, amanhã, então, teria do.. duplo..

R: Duplo.. hum hum

S: ..feixe de lenha”. E assim ele o fez. Trabalhou arduamente, voltou e já estava noite. Fazia muito frio. Bat..deixou o primeiro.. o segundo ao lado do primeiro feixe. Bateu na

porta: “Filha, filha, abre, tenho muita sede, muito frio, muita fome. Mas a menina, em seu esquecimento, havia voltado, havia jantado. A princípio até se preocupou com o pai, mas depois ela lembrou que, eventualmente, ele dormia no povoado. Então, foi dormir. Ele deitou e adormeceu ao lado de seus feixes dele. Mas fazia muito frio. Ele acordou. E aí ele pensou e ouviu uma voz, vinda do alto, que lhe disse: “Depressa, depressa, se necessitas o suficiente e desejas pouco, venha por aqui e terá um maravilhoso alimento”. Ele levantou e procurou, procurou, procurou, mas, de repente, ele viu que estava mais perdido do que nunca. Sentou, tentou adormecer, mas não conseguia. Sentou e começou a contar pra si mesmo, como se fosse um conto, tudo que lhe havia acontecido desde que sua filha lhe havia pedido comidas de melhor quantidade, quantidade. Quando ele tava terminando, ele ouviu uma voz, semelhante à primeira que lhe disse: “Velho homem, que fazes aí sentado?” “Estou me contando minha própria história” “E como é ela?”. Repetiu. Falou “Então faz o seguinte, me obedeça, feche os olhos e suba esta escada” “Que escada?, não tem escada nenhuma aqui cara” “Obedece”. Ele “Realmente”, falou, “ bom, não tenho alternativa, né”. Levantou, fechou os olhos, levantou o pé, e sentiu como se debaixo de si tinha um degrau. E começou a subir, subir, subir, foi cada vez mais rápido, de repente parou. E a voz falou “Abra os olhos”. E ele viu que estava num deserto, com um enorme sol quebrando sobre sua cabeça, queimando, e o deserto cheio de pedrinhas coloridas, de todas as cores, vermelhas, verdes, azuis e brancas. E a voz lhe disse: “ Faça o que eu vou lhe dizer, pegue as pedrinhas, todas as que você puder, feche os olhos e só a.. desce a escada e só abre quando eu te mandar”. E quando ele abriu a p.. a v.., ele viu que ele estava de frente à porta da sua casa e quando ele bateu, prontamente a filha atendeu. Aí a voz falou “Bom..”. A filha: “Pai, que que aconteceu?” “Ah..”, ele tentou explicar mas tava tudo tão confuso e eles foram comer um punhado de tâmaras e ele jogou as pedrinhas ali num canto qualquer. Enquanto ele comia, ele ouviu uma voz, semelhante à outra, que falou: “Velho homem, embora não saiba, foste salvo por Mushkil Gusha. Mushkil Gusha é o dissipador de todas as necessidades. Cuida para que todas as.. as quintas-feiras, coma algo em nome de Mushkil Gusha ou dê um presente aq.. às pessoas que trabalham com necessitados ou ao..o mesmo ajude ao necessitado. Se assim o fizer e a fizer todos aqueles a quem contar a história de Mushkil Gusha, todos que tiverem real necessidade, sempre encontrarão seu caminho”. No dia seguinte, ele levantou, pegou seus feixes, vendeu facilmente por um bom preço, trouxe toda sorte de coisas para si e para sua filha e, quando estavam comendo, ele disse: “Filha, nós fomos salvos por Mushkil Gusha. Mushkil Gusha é o dissipador de todas as necessidades. Precisamos cuidar de comemorar, todas as quintas-feiras, a história de Mushkil Gusha”. Essa semana transcorreu como de costume, ele catando lenha, e a.. sempre conseguindo um bom preço, mas quando chegou na quinta-feira seguinte, como é comum entre os homens, ele se esquecera de comemorar a noite de Mushkil Gusha. E algo muito diferente aconteceu. Todas as luzes se apagaram e os vizinhos vieram bater na porta dele “Vizinho, vizinho, por favor, nos dê um pouco desse fogo dessas maravilhosas lamparinas que vemos brilhar da sua janela”. “Que fogo, não tenho fogo algum”. “Como não, saia e veja”. Quando ele saiu, ele viu que realmente tinha umas coisas brilhando. Ele entrou, procurou, procurou: era aquele punhado de tâ.. de pedrinhas t..

que ele havia jogado num canto qualquer mas era uma luz fria, um fogo frio que não servia para fazer fogo. Mas ele, com medo que os vizinhos descobressem seu tesouro, pegou todos os trapos velhos e escondeu, foi até os vizinhos e falou: “Eu não tenho fogo algum, não tenho..saíam daqui”. E os vizinhos.. bateu a porta na cara dos vizinhos e os vizinhos foram embora reclamando mas aqui eles abandonam nossa história. No dia seguinte ele viu que realmente ele tinha um enorme tesouro e ele decidiu vender uma a uma, nos povoados, as tais das pedrinhas. E rapidamente, ele tinha um enorme tesouro em dinheiro. E ele decidiu construir pra si e pra sua filha um enorme palácio, bem de frente ao rei daquele lugar. E rapidamente uma maravilhosa construção foi ficando pronta. Um dia a princesa, filha do rei, olhou pela janela, ficou absolutamente indignada: “Como que alguém teve a ousadia de construir algo tão maravilhoso em frente ao castelo do rei deste lugar, meu pai?” Mandou os servos averiguar. Os velhos lá foram lá, averiguaram, ela não ficou satisfeita, mandou chamar a a filha do lenhador. Mas como as duas meninas se conheceram, ficaram amigas e.. começaram a brincar juntas todos os dias. Até que um dia elas foram mergulhar num regato construído pelo rei para a princesa. Neste dia, ela post.. portava um maravilhoso colar que ela tirou e pendurou no galho da árvore. Chegando em casa, ela ach..deu falta tal... “Ah”, pensando melhor, “claro, a filha do lenhador roubou, sem dúvida”. Foi até o rei e contou o ocorrido. O rei mandou prender o lenhador, mandou a filha para o orfanato e confiscou-lhe todos os bens. Depois de um tempo, como era comum naquele lugar, o lenhador foi levado em praça pública, amarrado a um poste, com um casac..cartaz com os seguintes dizeres: “ Isto é o que acontece com aqueles que ousam roubar os reis”. E as pessoas jogavam coisas, tiravam sarro, depois, como é comum entre os homens, se acostumaram com aquela triste figura atada ao poste. E nem mais atiraram coisas. Mas um dia el..passou pessoas e ele ouviu falar que era noite de..era tarde de.. “Hum tarde de quinta-feira, gente então mais tarde será noite de Mushkil Gusha, que há tanto tempo eu havia esquecido”. Neste exato momento, uma pessoa que por ali passava lhe jogou uma moeda – olha a Sincronicidade. Ele pegou a moeda “Ei, generoso amigo, como pode ver a minha situação, essa moeda de nada me ajuda. Mas se você puder , por favor, pegar essa moeda essa moeda, comprar um punhado de tâmaras secas, sentar aqui ao meu lado e ouvir a minha história, eu lhe seria eternamente grato”. E a pessoa realmente era muito generosa e assim o fez. Ouviu a história: “Meu, você deve estar louco, essa história é muito estranha. Eu.. ha.. né” . Levantou e foi embora. Apesar da pessoa ser muito generosa, ela tinha muitos problemas. Mas quando ela chegou em casa, ela percebeu que todos os seus problemas haviam se dissipado. Ele, então, resolveu pensar melhor sobre a história de Mushkil Gusha. Mas aqui, ele abandona nossa história. No dia seguinte, a princesa foi se mergulhar no lago. Quando ela f.. pra lá, se viu alguma coisa ali no fundo do lago parecia seu colar. Mas nesse exato momento, lhe ocorreu um espinho.. espirro que fez com que ela jogasse a cabeça pra trás e viu que seu colar estava naquele galho, que há tanto tempo ela havia deixado, o que ela tinha visto anteriormente era um apenas um reflexo. Ela pegou o colar levou ao rei, contou-lhe o ocorrido, o rei como era muito justo, mandou soltar o lenhador, é.. trouxe sua filha do orfanato, mandou-lhes pedir desculpas públicas e todos viveram felizes para sempre.

Este é dos muitos incidentes da história de Mushkil Gusha. É um conto muito longo que nunca termina mas que continuará sendo contado dia e noite, noite e dia, onde quer que existam pessoas. Quer vocês também continuar ajudando a obra de Mushkil Gusha contando suas histórias às quintas-feiras? Todos respondem sim, obrigado. Se você vê nessa história, você vê todos os símbolos junguianos. Quer dizer, o problema da inflação do ego, como é que eu me comunico? Qual é o método? Como é que eu fecho o olho? Que que eu faço com essas pedrinhas? Eu tenho que fazer alguma coisa mas eu não posso fazer pra mim, não posso me identificar..então, tá tudo aí. Por isso que essa história é contada to.. tá vendo, pra gente não se esquecer.. hahahaha ..toda quinta-feira!

R: Toda quinta, vocês.. vocês..

S: Né

R: Aí fica um grupo e alguém conta..

S: É um dos exercícios como eu te falei.. é.. é ess.. às quintas-feiras a gente se reúne e conta essa história. Porque tá tudo aí né, todo o caminho, né. É..claro que demora muito tempo pra as pessoas irem entendendo. Eu às vezes acho que as pessoas tem muita dificuldade em entender se não tem a prob.. a teoria junguiana me ajudou a entender, né porque a questão da inflação egóica, a questão do ego se ter se apoderado da riqueza pra ele né e esquecer o verdadeiro rei hahaha né. E que isso, claro que acaba em desgraça, né. Por que.. enfim.. né..lembra tem que ser um servidor

R: Sim

A história contada pela entrevistada evidencia a existência de uma realidade superior que dá sentido aos pequenos e sucessivos encadeamentos. Estes passam a fazer parte de uma trama mais ampla. Esses encadeamentos, pelo sentido que adquirem e, ao mesmo tempo, conferem à trama assumem caráter sincronístico. Assim, quando o lenhador volta para sua casa, sua filha está dormindo, o que o obriga a voltar à floresta. Quando cumpre a função de recolher as pedrinhas e volta para casa, sua filha prontamente lhe abre a porta. Após o episódio que lhe revela seu salvador, Mushkil Gusha, e lhe atribui a tarefa da reverência à quintas-feiras, ele atinge facilmente seu objetivo primeiro, que era o de conseguir alimentos de maior qualidade para si e sua filha. É a isso que se refere a entrevistada quando, fazendo sua própria interpretação da história, diz que o ego não pode pretender ocupar a posição de liderança e sim a de servidor.

Ora, essa relação poderia ser tida como de causa e efeito, pois teríamos aqui justamente uma alteração de elementos puramente espirituais e psicológicos, a saber, um incremento na devoção, incremento esse permeado por um sentido subjetivo, levando a efeitos de ordem material, a saber, por sua vez, uma melhora na condição material do lenhador. Essa é uma relação que, entretanto, não pode ser considerada diretamente de causa e efeito, pertencendo mais ao domínio da Sincronicidade, como, aliás, se apresentam, as relações previstas pelas diversas religiões entre o homem e a ordem, por

assim dizer, superior. Ainda que se possa colocá-la sob a forma de uma relação causal, faltam os elementos que tornem explicável e replicável esse tipo de relação. Entre esses, podemos inicialmente citar o fato de a devoção ter que ocorrer às quintas-feiras. O simples fato de estar em um dia diferente da quinta-feira anularia a configuração da devoção que é pedida, comprometendo o aspecto causal e favorecendo o sincronístico, uma vez que não se pode entender por que essa devoção – com seus efeitos posteriores – deva dar-se às quintas-feiras e não em outro dia qualquer. Tanto que, mais adiante na história, o abandono do cumprimento da devoção na quinta-feira acaba coincidindo com o advento de malefícios ao lenhador e o retorno ao cumprimento correto da devoção o recoloca em segurança. O mesmo acontece com a pessoa que sincronisticamente – nas palavras da própria entrevistada – lhe joga uma moeda no exato instante em que o lenhador se lembrava de Mushkil Gusha: após tomar conhecimento da história do salvador, seus problemas são dissipados. Ou seja, há a disseminação do conhecimento da existência de uma ordem superior, representada aqui por Mushkil Gusha, seguida por transformações inequívocas na vida de quem adquire esse conhecimento e se mantém reverente. Ainda que se possa reduzir esse aspecto sincronístico a uma causalidade, como pode ser feito, à primeira vista, com os fenômenos sincronísticos de cunho religioso de modo geral, isto é, dizer que a causa da riqueza é a devoção a de Mushkil Gusha, ou, de modo extensivo a nós, o sucesso é causado pela obediência a D’us, a diferença essencial entre essa “causalidade” sincronística para a causalidade científica é que os processos envolvidos no segundo caso podem submeter-se ao controle humano, seja quanto à própria ocorrência ou no mínimo quanto à sua compreensão. Já os eventos sincronísticos não previstos pelo determinismo religioso não se encontram em absoluto sob o domínio humano e sua compreensão, quando ocorre, permite deduzir uma intencionalidade subjacente, mas que é sempre superior ao próprio homem. Assim, a “causalidade” sincronística religiosa aparece como tal com base em um sentido que surge, mas não em um controle replicável por parte do homem, diferentemente da causalidade científica. O que define essa “causalidade” sincronística, quando pode ser configurada como tal, é, portanto, um aspecto intransponível de passividade. Assim, a inocência da filha do lenhador, também, é, tão somente, revelada por um espirro. Diga-se de passagem, que dentro de uma possível, por assim dizer, simbologia fisiológica, o espirro poderia até ser alçado à posição de um símbolo maior de passividade. Podemos notar, ainda com relação a esse episódio, que a princesa percebe, primeiramente, o reflexo de seu colar e só depois o colar em si. Se nos limitarmos à imagem formada de modo seqüencial pelo conto neste ponto, diríamos que a salvação ocorre através da reflexão na água do colar, este sim representando a libertação. Essa libertação, concretamente representada pelo colar, mas revelada casualmente – e, a partir da perspectiva da princesa, de modo sincronístico e passivo – através do espirro que permitiu a visão do colar, acaba por simbolizar a intervenção de uma ordem superior que se revela ao homem de modo reflexo, indireto, evidenciando uma intencionalidade que lhe escapa.

Trata-se, portanto, de um conto de caráter pródigo em seu caráter sincronístico, que a entrevistada repete todas as quintas-feiras no convívio com sua ordem sufi.

S: Né.. não pode ser pra você..

R: Sim

S: Então, meu bem, o que eu sinto p.. alguma dúvida a mais p.. que eu ia lhe dizer.. Que que ficou faltando?. Então minha ordem, como eu lhe disse, falei tem várias ordens, a minha é a Naqshbandi, que descende dessas pessoas que vieram do Afeganistão, né.

R: Sim, sim.. do seu mestre

S: É..que é do Naqshbandi. O mestre..temos um mestre vivo

R: Que..ele tá no Chile

S: Ele m.. Ele mora atualmente no Chile

R: Como é que vocês se contatam?

S: Ele uma vez.. então, lembra o que eu te falei tem várias..é.. várias.. Bom, primeiro espera-se que você consiga desenvolver essa comunicação nesse outro nível, lembra?

R: Hum hum. Sim, o segundo olhar, digamos..

S: É, é

R: .. ou ouvir ou..

S: ou ver ou sonhar, whatever..

R: Que é também uma apreensão da sacralidade do mundo também né..

S: Exatamente, né. Como é que o mestre se comunica comigo. No concretão , nesse nível mais concreto, uma das..das nossas práticas é a cada quinze dias por ano, a gente faz um retiro e que a gente fica num lugar, é.. com o mestre presente de carne e osso..

R: Hum hum

S: .. né, ali com a gente, né. Que conversa com você .. que enfim.. tá ali, come na.. no.. Esse ano, por exemplo, ele sentou na minha mesa. Todo mundo hahaha: “O mestre tá na sua mesa! Que que v..” “Put..sei lá eu..oi tudo bem? s.. sentou na minha mesa entendeu.. senta na t.. porque assim, como são quinze dias que a gente fica junto, a gente precisa cozinhar, comer, dormir..

R: Sim

S: né..então

R: Tudo né

S: Tem tudo

R: O mundo é esse

S: O mundo.. faz parte isso..

R: Claro

S: Né.. e enfim.. aí, você tem várias me.. Tá gravando?

R: Tá

S: Você tem várias mesas e ele pode sentar na tua mesa, ao teu lado..

R: Hum hum

S: .. porque eu acho que é isso que ele tá te di.. né tá dizendo “É no mundo né, é aqui, vamos conversar”

R: Foi por..por isso que ele saiu do Afeganistão né

S: É, foi por isso

R: Foi por isso que os ancestrais dele saíram.. pra isso

S: É, não dá mais né. Neste sentido os chine.. os chineses fizeram um bem ao Dalai Lama hahaha porque tem que sair, não é mais num retiro, é num.. no mundo. O trabalho é aqui a.. porque né, é isso o que eu falo né, porque a gente que juntar o que foi separado. Foi separada essa visão né, da sacralidade do mundo, da árvore, da água do ar. Então não adianta ficar no mosteiro rezando, achando que eu tô equilibrando. Acho que isso fez sentido numa determinada época, acho que isso é necessário pro equilíbrio.., talvez o mundo já tivesse acabado mas agora o momento é aqui ó, é como na é no..no trânsito

R: Hum hum

S: .. é..é no cotidiano..

R: Certo

S: Né.. Por que..é.. é como que ali, no escritório, no supermercado.. Como? Como que você consegue ouvir que talvez ali tenha alguma manifestação? Como que você traz essa manifestação? Né.

A entrevistada retoma o tema da necessidade do trabalho espiritual entremeado ao mundo e não de modo isolacionista, o que pode ser traduzido em termos de uma ressacralização do mundo.

R: Eu queria agora.. eu entendi o contexto né. Eu queria entender agora um pouquinho assim, focar um pouquinho mais no assunto próprio da Sincronicidade..

S: Tá

R: então se você..ainda acho que ainda cabe você..

S: Não, acho que a história te responde né..

R: Sim

S: A história, você vê, quer dizer..é.. quando ele, por exemplo, ouve, é quinta-feira, ele lembra, no que ele lembra, alguém joga e ele pega a moeda, né. A Sincronicidade é isso, quer dizer, como este visível vai agir no visível.. inv..no invisível no visível..

R: O invisível no visível

S: Invisível no visível. Como que eu invoco? Como que eu.. Primeiro que tem que lembrar, lembra, ele teria que ter toda quinta-feira

R: Hum hum

S: Ele se esqueceu..

R: Sim

S: .. no que ele se lembra, ocorre o fenômeno..

R: E quando ele esqueceu, ele foi preso também né

S: Exatamente

R: Pois é

S: Preso nesse mundo..

R: Sim

S: que a gente pode.. a a prisão neste mundo do ego, desesperador né, que nunca tem satisfação nunca porque veja “ se necessitas o suficiente e desejas pouco..”. O desejo é do ego, a necessidade é da alma

R: Certo

S: E como é que eu atendo..então como é que eu tô.. e eu a.. eu não sei como te explicar isso.. a Sincronicidade é resultado do método, quer dizer, se você aplica o método, você vai estar cada vez mais afinado a perceber isto. Quando que aconteceu? Que ca.. essa moeda que caiu..

R: Hum hum.. as as.. conexões..

S: as conexões

R: Sincronísticas né

S: Aconteceu ó tá acontecendo, vamos olhar pra isso..

R: Sim

Ela caracteriza a Sincronicidade como a ação do invisível no visível. Esse invisível, contudo, não é algo desprovido de sentido. É o invisível de uma ordenação que o homem não alcança, mas cuja percepção ele pode desenvolver, afinar.

S: Como?.. é.. né.. e..agora como é que posso dizer pra você além disso? Por exemplo, ontem eu fiz uma sessão de terapia de casal com meu marido

R: Tá, isso isso isso que eu queria perguntar pra você, já num próximo momento, é com.. é exemplos de Sincronicidade da sua vida..

S: Então, vou te dar um exemplo hoje

R: Que você tá refinando, nessa coisa que você falou que você tá refinando..

S: Por exemplo, ontem eu fiz uma sessão de casal com meu marido..

R: Hum

S: e a terapeuta..e aí né.. ou seja, ele foi no médico, no terapeuta corporal e ele tem uma dor aqui nessa.. nessa perna, uma dor que dói, dói, dói, dói e o cara perguntou pra ele o que tinha acontecido aos quatorze anos e que ele teve uma briga muito terrível com o pai e ele tem uma questão complexa com o pai. Nós estávamos ontem na sessão.. e eu me reclamando pra terapeuta de que ele não me ouve, que ele não presta atenção ni mim blábláblá, e eu percebendo que.. e e a perna começou a fazer assim. Na hora, ela falou: “Que que essa perna tá querendo dizer?”. Ele começa a dissociar, o pai começa a entrar porque o pai não agüenta então pai vai tirando ele da situação e a perna começa a doer. Então, é perceber isso, um gesto tá dizendo alguma coisa. Nós, junguianos da alma pessoal, das questões pessoais, que trabalhamos nesse nível né, é: “Que que essa perna tá dizendo, vamos entrar em contato com essa perna” e ela não sabia que ele tinha vindo do outro terapeuta que tinha f.. a questão com o pai

R: Olha só

S: Então, ele q.. né o pai que é o patriarcal, antigo que ainda funciona dentro de muitos homens patriarcais que dissocia né “Não quero ouvir isso”

R: Nesse sentido

S: Nesse sentido.. d.. s..corta, dissocia e o trabalho junguiano assim como o trabalho sufi é..

R: Religar

S: Religar.. Ahad. Primeiro mantra que você vai..

R: Você disse Ahad

S: Quer dizer unidade, uno

R: Unidade é. Sim, sim

S: Né. Então..

R: Uahad né, uahad

S: Você..quando você entrar no..num caminho, o primeiro mantra que vo.. mantra n d.. z.. essa..esse.. mas a primeira repetição que você vai precisar fazer é a unidade. Como é que você volta a ser uno, inteiro. Então.. é.. é isso, você vai se refinando pra perceber e eu acho que tanto o caminho junguiano quanto o caminho sufi, você vai refinando essa percepção: opa, que que tá me dizendo?

A entrevistada descreve um modo de vida em que a percepção dos fatos efetivamente busca uma significação dentro de um todo, dentro de uma realidade unitária, isto é, onde os fatos físicos, como a doença de seu marido, se apresentam como tradução de um significado psicológico e, inversamente, a espiritualidade deve atuar no mundo físico, do dia-a-dia. Sua atuação profissional e sua crença espiritual estão intimamente ligadas e formam uma coesão em que as linguagens junguiana e sufi mantêm um diálogo constante. Tudo tem um significado maior, para além. E, falando especificamente em termos da Sincronicidade, tudo é significativo e busca comunicar algo. O diálogo com a transcendência é, para ela, algo regular.

R: Você.. agora, então..agora entrando um pouquinho mais no pessoal seu, vo.. como é que você tá, como é que você, digamos assim, como é que você se viu e agora você se vê quanto a essa.. a essas percepções..

S: Então..

R: ..se você tem algum exemplo..

S: Eu..Bom, isso tudo você vai tratar muito sigilosamente né.. né?

R: Claro, claro, claro.. ah sim inclusive eu tenho um termo pra assinar mas eu não tenho ele impresso aqui mas eu vou trazer ele de volta porque eu preciso re.. re.. re redigir.. redigir de novo..

S: Hum hum

R: .. e submeter a comitê de ética, tudo certinho mas..

S: É, pra usar..

R: Fica tranqüila..

S: de uma maneira que..

R: .. claro, claro, não, não, não não

S: .. não me identifique, né?

R: Com certeza, com certeza

S: Então, eu posso dizer pra você que quando eu comecei o caminho.. então, como eu comecei o caminho? É..eu me apaixonei por um homem que era um místico..

R: Hum hum

S: .. e eu tinha dezessete anos

R: Hum hum

S: E mudou minha vida. Ele me deu um livro do Jung pra ler que era Memórias, Sonhos e Reflexões..

R: Já até adivinhei já..

S: E..e eu tive um sonho. Eu tinha dezessete ou dezoito anos. E o sonho era o seguinte: que eu subia numa torre e era uma torre circular, um caminho circular e que muitas vezes aos.. as nuvens fechavam o caminho. Sabe nuvens?

R: Hum hum

S: Você tá subindo, a nuvem fecha

R: Hum hum

S: Eu: “Nossa, será que eu me perdi?” Mas, às vezes, abria assim a a nuvem, eu via a torre do Jung “Ah”, eu falava, “ Ai, tô no caminho”. E aí eu chegava lá em cima, era um enorme.. é..

R: Prado?

S: Não, era um enorme palácio mesmo e tinha um velho sentado lá no fundo. Eu chegava perto dele, ele me mostrava uma bandeja cheia de pedrinhas coloridas e.. uma pedr..

R: Mas aí você não freqüentava essa ordem..

S: Nunca tinha ouvido falar em sufismo, meu amigo, tinha dezessete anos

A entrevistada refere uma sincronicidade premonitória forte configurada apenas anos mais tarde. Aos dezessete anos ela sonha com pedrinhas coloridas, pedrinhas essas que voltariam a apresentar-se a ela já como elementos do conto de Mushkil Gusha, que ela repete todas as semanas no convívio da ordem sufi a que passou a pertencer.

R: Hum hum

S: é e.. e o teu caminho é.. - das pedras - e chegar nessa pedra aqui, que é uma pedra vermelha mas ela era uma pedra móvel, ora era.. era um coração, ora era uma rosa

R: A fo..fo forma. Mas isso era o..

S: No sonho..

R: A pessoa te falava isso

S: O mestre.. é o.. mes.. o.. parecia um velho, velhinho, bem velhinho, com uma bandeja, me mostrava a bandeja assim, sei lá.. olha..tava cheio de pedrinhas coloridas hahaha. Eu tinha dezessete anos. E eu tomei a decisão de fazer Psicologia Junguiana..

R: Hum

S: Larguei a Medicina, minha família acha que eu enlouqueci e fui fazer Psicologia porque achei que o caminho seria mais rápido né – de fato era né. Porque a Medicina, tinha que fazer seis anos mais dois de Psiquiatria. E eu só fui encontrar o sufismo..é.. quando eu me.. terminei a faculdade de Psicologia..

R: Sim

S: Com 24 anos.. que eu c.. né que eu.. que eu entrei em contato com o sufismo e descobri que era meu caminho né. E.. fiquei seis anos na ordem..

R: E aí já você já ouviu falar nessa história das pedras? Já..

S: Já

R: .. aos vinte e quatro anos..

S: Sim, porque faz parte do método né. Não, mas é pior. Como eu entrei muito jovem e.. e eu fiquei seis anos, chegou uma hora que eu falava: “Gente, não adianta. Tem um buraco dentro de mim, que eu não consigo fazer nada com o que eu recebo”. Eu tive uma imagem que tinha um buraco e toda a energia que vinha passava pelo buraco. Aí eu falei pro mestre: “Olha, meu amigo, eu preciso ir pra análise, eu tenho hahaha que consertar este buraco porque não tá adiantando de nada esta merda”. E tive um outro

sonho. Que eu tinha uma pedra que tava subindo e tava me tirando de dentro do mar, através do umbigo. Então, começou a subir, eu tav subindo, de repente corta, eu caio no mar, agora acima do mar e dou tchauzinho pro povo, o povo: “ Ah quando você tiv.. Você volta depois né.. ua..”. E aí vem um barco com um guardador de v..um guarda assim me pega: “Porra esse povo quer fazer as coisas antes da hora.. porra!”. Me bota no barco e me leva de volta pra terra, que eu acho que é meu analista da época hahaha né. A diferença é que é assim. Eu penso na hora: “Eu não vou bater boca com o guarda, o que sabe um guarda de fronteiras?”

R: Deixou quieto

S: Deixei quieto, que é uma mudança sistêmica em mim absurda, eu era briguenta pra caralho, fálca pra cassete e blindada aqui. Por isso o coração. O coração é abrir esse chacra

R: Hum um

S: .. meu caminho é tentar abrir isso daqui porque enfim, em função da minha história familiar..

A entrevistada refere uma dureza do coração decorrente de sua história familiar. O símbolo da pedra assume aqui, em seu sonho, o formato de um coração ou de uma rosa e ela o interpreta como a necessidade de suavizar o caráter. A pedra é reiteradamente na literatura mitológica e de modo geral significada como símbolo de demarcação, ou seja, de sacralidade. Haja vista a profusão de imagens arquetípicas fazendo referência a esse elemento: a pedra fundamental, a pedra filosofal, a pedra preciosa, a pedra no sapato e por aí fora. Feita de terra, assim como o homem, a pedra é um elemento primitivo onde uma concentração do elemento natural, a terra, leva a uma transformação dialética de natureza, contemplando, contudo, vários aspectos do humano, como traduzem as variações citadas acima. Simples por natureza, fria por característica sensória, a pedra, ainda assim, estando em toda parte, reflete o humano e se imbui de sacralidade.

O diálogo com a transcendência citado pela entrevistada no início da entrevista se estabelece através do sonho e lhe indica o trabalho a ser realizado. Nem seria necessário, porém, por ser um trabalho justamente vertendo sobre Sincronicidade, deixemos registrado o fato da sincronicidade onírica entre a pedra em formato de coração e o trabalho de suavização a ser empreendido pela entrevistada, conforme suas próprias palavras. Pedrinhas essas que já haviam aparecido em uma forte sincronicidade premonitória pregressa. Esse conjunto de fatos nos leva mais uma vez a confirmar a estreita ligação entre as linguagens sincronística e onírica.

R: Sei

S: .. criou defesas, whatever né. Fiquei alguns anos na análise junguiana e no final dos anos.. sai do sufismo e eu era stalinista, cortei.. cortava assim. Nunca mais ouvi falar de nada. Os amigos, tudo, que eu era stalinista krrrr..

R: Corte.. muro né..

S: Tiro na nuca hahaha, sem julgamento, cara. Tô com isso aqui blindado, que que você queria? Eu falo, se eu tivesse um pouco mais aí, eu tinha morrido no Araguaia.. ainda bem que eu nasci um pouquinho depois hahahah ou tinha sido torturada como meu marido foi, enfim, que também blinda isso daqui né. Pra..bom pra sobreviver à tortura, tem que blindar mesmo senão você..

R: É.. senão..

S: Bom aí..é.. no final dos anos 90, que eu consegui começar a curar esse buraco..

R: Suavizar

S: Né.. E suavizar, whatever, um monte de coisas.. eu comecei a sonhar de novo né e sonhar que eu buscava o mestre. E aí, naquela época, depois eu te mostro, comecei a trabalhar com o sandplay, já ouviu falar?

R: Não

S: .. que é uma técnica junguiana. E aí eu fiquei interessada.. o sandplay é uma técnica em que você tem um monte de miniaturas com areia para possibilitar a Sincronicidade, o paciente vai lá.. põe uma em né.. pra conversar com o inconsciente, depois eu te mostro

R: Tá

S: E eu coloquei uns orixás porque eu tenho que ter de tudo então tem católico, tem de tudo. E eu comecei a me interessar, que tem pacientes que nunca tinham nenhum contato, usando as imagens e e tudo a ver com aquilo que eles precisavam estar olhando, né. Aí eu fui.. pedi pra uma amiga minha que umbandista me levar pra conhecer né, então ela me levou numa festa. Os orixás entram dançando..E a mãe de santo me convidou pra sentar no trono e e bateu cabeça pra mim.. “Que que é isto?” Fiquei na minha porque.. Fui numa segunda festa porque eu tava querendo conhecer, aconteceu de novo, uma outra mãe de santo fez a mesma coisa, fez uma homenagem pra mim, falei “ Não, agora vou conversar com a mulher”. Cheguei lá na mulher falei: “Que hahaha que hahaha a senhora quer dizer com isso, que eu não tô entendendo.. uma mulher..

R: Na segunda né

S: Na segunda a gente tem que olhar né cara aí aí é hahaha..

R: A primeira você ainda deixa quieto..

S: aí não..haha agora..E ela falou que eu tinha um um desenvolvimento muito grande espiritual e que se eu quisesse entrar no no caminho, eu já entraria no nível 8 e tal, não sei o que. Eu pensei comigo, “Bom, se eu tiver que entrar em algum caminho, eu volto lá pro meu caminho, já pra continuar onde n.. haha.. Aí eu tive um sonho..

R: É os sonhos, né que você tá sempre me falando.. do começo você me falou os sonhos, lá..

S: Pra mim é sempre sonho. E veja, esse primeiro sonho que eu tive aos dezessete anos, como ele.. ele falou do caminho da minha vida..

R: Hum hum

S: ..eu tenho que subir a minha torre, eu não tenho que subir a torre do Jung

R: Sim

S: Mas a torre do Jung me orientou. Nos momentos que eu tive mais fechadas e que as brumas me tomaram e que várias vezes eu ..

R: Não via o caminho né

S: ..quase psicotizei..

R: Hum hum

S: .. a torre do Jung me manteve

R: Tava lá direcionando, né

S: É impressionante isso. A minh.. Esse sonho eu tive aos dezessete .. e eu posso te contar as vezes que eu quase pirei e que se não fosse meus analistas junguianos, eu não taria aqui te falando hoje. Cada um me salvou em momentos muito difíceis, né. E, Ronny, é.. bom, sonhei de novo. Sonhei que eu tava caminhando, sentava ao lado de um amigo meu da tradição que tava doente mas.. é.. tinha um tesão entre nós.. analista junguiano..é o animus, que que tá acontecendo com o animus hahaha

R: Hahaha

S: Por que até então.. hahaha

R: Sempre tem que né...

S: Né..Junguiano.. a gente..

R: Vamos tentar explicar né

S: Vamo lá.. porque a questão.. o animus tá doente.. como.. o desejo.. bom

R: Hum hum

S: Quinze dias depois tive o mesmo sonho, falei “Ah pqp, vai tomar no c.. tem alguma coisa acontecendo..” Sincronicamente, olha o que que é, em Agosto eu fui.. teve alguma coisa dos derwiches dançantes em São Paulo. Eu fui ver, pensei comigo: “ Vou encontrar alguém .. da tradição agencial que dormia. Vou encontrar alguém de lá. Dito e feito. E..

R: Essa tradição que você chama é o..

S: É o sufismo, é o nome..

R: Tá tá, entendi

S: ..que se dá à minha ordem aqui no Brasil

R: Tá

S: Ai.. e claro que encontrei uma pessoa, falei: “Vamos lá dar um beijinho nela, vai” “Oi, como é que vai você, tudo bem?” “Sabrina, está na hora de você voltar, as pessoas estão morrendo”. Eu..

R: Nossa, forte

S: E eu: “Que é isso? Hahaha não tenho nada a ver com..

R: Hahaha Que pessoas?

S: ..que pessoas?” haha

R: Haha

S: Isso foi em Agosto. Em Setembro tive esses dois sonhos, falei “Cara..”. Ai em Outubro, Ronny, daquele ano, eu sempre ia pros Estados Unidos, que meu irmão mora lá. Então a gente ficava quinze dias, eu e minha mãe, por que.. pra comemorar o aniversário da minha mãe e do meu irmão, que são os dois a mesma época..

R: Perto. Hum hum

S: E aproveitar, ficava com as crianças, né. Bom, minha mãe tava nervosa porque tava tendo um furacão, ele mora em Miami.

R: Haha

S: “Marcão, pera um pouquinho, tá rolando um furacão ha..

R: Hahaha

S: .. literalmente, não, Marcão, por favor, já basta o interno..

R: Não, é é

S: não, não sua irmã não precisa desta experiência, eu não vou, nós não vamos”. Só que eu já tinha organizado a minha agenda, Ronny, eu já tinha..Aí o que eu fiz?

R: Abrido espaço, aberto espaço

S: É. Eu falei: “Bom, eu vou atender alguns pacientes mas eu vou ligar.. liguei pra um amigo..ah fui até a casa dele né, que ele mora aqui perto, ele morava lá ainda e aí até falei assim porque a gente se coloca.. “Você tem algum amigo aí?” Ele falou “Tenho, tal” Peguei o tel..ele tava com a namorada.. “Me dá o telefone, depois te ligo”. Liguei, ele estava doente, com hepatite. Aí ele fala: “ Bom, tá na hora de você voltar né, você falou inclusive pra mim que quando você tivesse pronta, você voltaria”. Eu tinha me esquecido que eu tinha falado isso, Ronny. Sincer.. o ego, esse ego que vos fala tinha compl.. lembra? se esquecido..

R: Lembro, sim, sim

S: A história tá.. se esquecido né

R: Sim, da quinta-feira

S: Eu tinha esquecido que eu tinha falado que eu..quando eu tivesse curado a ferida do ego, eu voltaria pro desenvolvimento espiritual. Os sonhos, as mulheres, percebe quantos exemplos bom.. as as as mães de santo lá me oferecendo o ca.. “Acho que tá na hora né de voltar”. Voltei. Aí liguei pro cara, o responsável pelo grupo de São Paulo. “Sabrina? Claro, você não quer ir lá..domingo nós vamos ter um almoço pra comemorar 40 dias da morte do mestre”

O discurso da entrevistada é recheado de percepções em sua própria vida que têm analogias com os elementos do conto de Mushkil Gusha. Assim, ela fala que tinha se esquecido de voltar ao caminho espiritual sufi, assim como o lenhador tinha se esquecido de prestar tributo a Mushkil Gusha às quintas-feiras. Significativamente, ela chega a essa configuração a partir da ocorrência de um furacão que a impediria de viajar, como que anunciando uma grande transformação em sua vida.

R: Hum

S: Eu falei: “Como?, o mestre..”. Por que eu tinha questões muito complexas com esse mestre né, não era meu mestre mesmo

R: Tá. Não é esse mestre do Chile..era outro..

S: É f.. é o pai dele

R: Ah é o pai. Tá

S: Eu falei: “Porra”. Aí voltei. No dia que eu entrei, Ronny, pra fazer o exercício, que é um lugar aqui na Lapa, eu estacionei o carro e eu senti a presença de um amigo meu, o Sérgio. Eu falei “Ai gente, eu vou encontrar o Serginho..Meu!”. Entrei. No que eu entrei, eu encontrei com um amigo: “Que que foi, Fernando?” “Sabe de onde eu to vindo?” “Não” “Do enterro do Sérgio”

R: Nossa

S: O amigo doente. Então assim, essa conexão que se manteve, eu fiquei treze anos fora. É isso que o Jung.. te dá um exemplo do que que é uma conexão que se cria e que é sustentada independenten..eu não sustentei essa conexão durante treze anos. Durante treze anos eu fiz análise junguiana

R: Hum hum

A entrevistada analisa sua história de vida, particularmente aqui o seu caminho sufi, como de um processo que se sustenta para além de sua intencionalidade, como se houvesse uma ordem superior direcionando-a.

S: Cons.. Não só junguiana como lacaniana depois

R: Hum hum, hum hum

S: Por que eu realmente me via como uma pessoa ferida, um ego muito machucado e no caminho junguiano, Ronny, não sei se você já leu, claro que isso tem discussões e eu entendo as discussões, que assim, teria a tarefa da primeira metade da vida e tarefa da segunda metade da vida.

R: Sim

S: Eu, quando entendi que.. eu eu eu falava “Preciso terminar de consertar esse ego”. Eu era naquela época falava “Bom a tarefa da segunda metade da vida..” Tanto que esses sonhos começaram a ocorrer quando eu comecei a fazer 40 anos, que eu ia encontrar com o mestre, as as mães de santos..

R: Sim

S: ..esse sonho que eu te falei.. Porque antigamente..

R: Já orientando pra volta..

S: Exatamente

R: Tá

S: Né e aí eu falei “Bom, então tá voltamos né”. E estou lá de volta

R: Isso.. isso mesmo já não deixa de ser sincro.. super sincronístico né

S: Né. Impressionante! Porque quando eu comecei a fazer.. e eu não lembra..Ronny, eu não lembrava..

R: Você de.. você.. você tá me falando que a coisa se auto-sustentou pra além da sua memória..

S: E da consciência egóica

R: E da consciência

S: Eu me esqueci, lembra da história?

R: Você se esqueceu..Sim

S: ..ele se esqueceu de comemorar..

R: Foi o mesm..mais ou menos o mesmo caso

S: Esqueci!!

R: Esqueceu e daí depois foi lembrar..

S: Através dos meus sonhos..

R: ..das .. sim

S: Comecei a sonhar, comecei a sonhar que eu encontrava o mestre, as mães de santo concretamente me convidando a entrar no caminho delas, que eu tinha o desenvolvimento tal, X Y Z que eu nem enxergava mais..

R: Hum hum por c.. outra sustentação também né

S: Me esqueci completamente tudo isso, Ronny, não é louco?

R: Sim, eu tô vendo que é uma outra sustentação que a coisa parece que né descolada de vo..do do ego né do seu ego justamente, a coisa vai..

S: e vai te mandando sinais..

As sincronicidades aqui são interpretadas como sinais

R: Sim

S: Sonho, as duas.. as duas mãe de santo, os outros dois sonhos, aí eu liguei pro meu amigo, ele tava doente. Quando eu liguei em Setembro, o mestre tinha morrido, te contei né “Olha..

R: Sim

S: ..morreu..

R: Sim

S: .. nós tamos mudando de mestre

R: Eu só não peguei a a o a cro.. o..

S: A cronologia

R: A cronologia do o.. do seu amigo, voc.. você ligou..

S: O primeiro..

R: ..pra ele..

S: Liguei pro meu amigo, ele estava doente,..

R: Tá

S: O Sérgio

R: Sim

S: Quando eu liguei pra pedir pra poder entrar, ele não me falou que o mestre tinha morrido, não. Quem me falou que o mestre tinha morrido foi o segundo amigo, que é responsável por São Paulo..

R: Tá

S.: Liguei pra ele, ele falou “ Sabrina, o mestre morreu, nós tamos mudando de mestre”. Então, primeira morte.. não..d.. meu amigo tava doente e aí ele sinalizou: “Pô Sabrina, tá vendo como a conexão ainda existe, eu tô doente..”. Ele tava com hepatite. “Tô doente, não tá na hora de você voltar? Você disse pra mim..”. Eu não lembrava disso.

As mortes são interpretadas como sinais para uma volta ao caminho sufi

R: Isso foi tudo numa mesma época?

S: Então, eu vi os derwishes em Agosto, sonhei em Setembro,

R: Setemb..

S: E em Outubro eu liguei. As as as mul.. as as as mães de santos deve ter sido no início do ano, mais ou menos, que são fe.. ou talvez até um pouco antes porque foram duas festas que ocorrem no final do ano, então deve ser no ano anterior..

R: É mais é tudo né..

S: no espaço de um ano mais ou menos

R: ..mais ou menos no período

S: do do ponto de vista do do cronos..

R: Sim, sim

S: Por que Kairos hahaha tava ali o tempo inteiro haha

A entrevistada introduz a diferenciação entre Khronos e Kairos, que pode ser descrita como sendo a diferença, regular na Grécia antiga, entre o tempo seqüencial e o tempo dos eventos. Dentro da estrutura do tempo dos eventos, Kairos, as conexões entre esses, para além de Khronos, ficam mais claras e a Sincronicidade ganha seu real significado e centralidade.

R: Certo..pois é, é isso que eu tava te falando de sustentação né..

S: É

R: ..a coisa se sustentou..

S: Se sustenta, cara..

R: ..de outra maneira.. sim

S: ..basta você fazer a lição de casa, por o ego no lugarzinho dele e ouvir ..

R: Sim

S: ..e obedecer..

R: Sim

S: ..por que ouvir e obedecer, não sei o que é o mais difícil hahaha por que ambos são difíceis

R: Pois é.. são..

S: É.. ouvir ou ver ou sentir ou sonhar, porque lembra, o método vai possibilitar que você refine o seu instrumental

R: O s.. o se.. os canais né, que não são necessariamente os mesmos pra..

S: Pra todo mundo.

R: .. pra todo mundo

O ouvir referido pela entrevistada pode ser entendido como relacionado a uma hilética e o obedecer a uma noética, uma intencionalidade, configurando algo do tipo o destino tem algo dizer e a nós cabe apenas agir conforme. Dançar (noética) conforme a música (hilética). É quanto à hilética que o discurso que neste trabalho chamamos de discurso sincronístico se diferencia para cada um, tornando-se hiper-singular. Esse é o significado de “ouvir, sentir ou sonhar” a que se refere a entrevistada. A modalidade do discurso é variável, porém sua sacralidade, no sentido de um discurso distinto, destacado dos demais, é ponto comum. O que o distingue é justamente o grau inalcançável de correspondência à singularidade – que paradoxalmente se torna alcançável e, portanto, constitutivo - com que se apresenta a cada um.

S: Né. E.. bom e aí tu..então falei, meu amigo tava doente, o mestre tinha morrido, a..

R: Não, daí teve um encontro que você foi achando que ia encontrar o seu amigo doente..

S: Que morreu naquele dia..

R: Que..

S: ..não não.. o irmão dele morreu, outro.. lembra, foram dois sonhos..

R: Hum hum

S: é.. lembra, te falei..

R: É, Isso, isso tá um pouco.. a coisa do..

S: Tá vamo lá, eu tive.. em Setembro, eu tive dois sonhos, o primeiro sonho..

R: Hum hum

S: ..que eu encontrava com um amigo que tava doente

R: Tá. Num sonho

S: ..e tinha um desejo e tal..

R: Sim

S: Quinze dias depois eu tive o mesmo sonho

R: Tá

S: Que eu não lembro se era o mesmo amigo. Aí quan.. eu liguei pro meu amigo número 1, ele tava doente, o mestre tinha morrido e quando eu f.. voltei, no dia que eu voltei aos exercícios, o irmão desse meu amigo tinha morrido, lembra foram dois amigos doentes..

R: Mas..

S: .. e eu não sabia nada disso..o ego não sabia..

R: Sim, sim

S: Lembra, eu estaciono o carro, falo..

R: Sim

S: “Gente, vou encontrar o Serginho..

R: Sim, sim

S: ..meu que saudades, nossa” .. veio a imagem dele sentadinho, ele sentava.. naquela época a gente era.. é..é.. não tinha é.. porque também tem isso, a gente não estimula muito a coisa externa né, só.. então ele sentava num.. num caixote, sabe caixote de fruta..

R: Hum hum

S: Veio a imagem dele sentado e no que eu entro, procuro, me dizem: “Ele morreu”

R: É.. hum, incrível, né

S: E essa senhora, que eu encontrei, morreu o ano passado

R: E essa senhora era do..?

S: Lembra, que eu te encontrei no teatro, vendo os os derwishes dançantes, que falo Sabrina, tá na hora de você voltar..

R: Sim, sim, sim

S: ..que as pessoas estão morrendo

R: Olha só, e ela falou e as pessoas..

S: Ela morreu o ano passado

R: Nossa

S: Eu acho que.. se você falar “Bom, Marta, o que você entende disso?”, eu acho que é isso mesmo. Eu sou uma pessoa que foi escolhida po.. por isso para manter isso vivo. Se as pessoas estão morrendo eu preciso voltar pra ocupar um lugar..

R: Hum hum

S: .. de poder manter essa porta aberta, iniciar pessoas nesse caminho né.. é como eu eu..

A entrevistada conclui que foi escolhida para manter o caminho sufi vivo e servir como guia para que outros se iniciem nele

R: Tá me lembrando um pouco o f.. o pessoal que saiu do Afeganistão.. haha

S: Pra manter viva alguma coisa

R: Hum hum

S: E que pra manter viva alguma coisa, né..é foi esse o chamado que eu recebi acho que desde sempre, acho que quando eu tive esse primeiro sonho, é u.. eu tenho que subir um caminho que é meu. Por que veja, uma das coisas que você..

R: Só que se não foi o próprio chamado do namorado de dezessete anos lá, né

S: Não, ele não tinha dezessete, ele tinha trin..

R: Não digo quando você tinha dezessete

S: É

R: ..que te apresentou esse..

S: esse mundo

R: esse mundo

S: Ou ele sincronamente entrou na minha vida porque eu precis.. é é louco isso..

R: É

S: .. porque ele era um homem..

R: Hum hum

S: ..a gente pode pensar que era própria.. lmente N.. é Nobokov, Lolita. Eu tinha dezessete e ele tinha trinta e um..

R: Haha Nobokov..

S: É, gostosa

R: Hum hum

S: pra caramba né

R: Hum hum

S: Ele falava “No.. como você é gostosa, linda, maravilhosa”. Então, visivelmente o desejo nos uniu né. Ele era um intelectual, quer dizer.. então ele me traz toda uma coisa desse animus que eu fui desenvolver ao longo da vida, né

R: Hum hum

S: Né. Só que ele era um..

R: Engraçado

S:.. cara iniciado, né. Ele começou a me iniciar nisso, na maçonaria, na Rosa Cruz, na Alquimia, né, era um astrólogo, ele era uma das pessoas que estavam introduzindo naquela época a Astrologia no País. Você fala “ Meu, como que uma menina de dezessete anos se envolve com um homem que era feio haha, eu larguei o noivo que era bonitão, porque é isso, é uma coisa da alma, D’us coloca e.. e.. sincronicamente esse homem na minha vida porque eu precisava de alg.. no meu mundo não tinha ninguém que pudesse me trazer esse mundo, ninguém. Eu intuitivamente eu prest.. eu pensava em prestar Medicina e fazer Psiquiatria ou Pediatria, ó a criança..ferida - e a loucura. Que foi com que eu tive que me deparar minha vida inteira. Uma criança que foi extremamente ferida e que beirou a loucura, né. Mas eu nem sabia que existia coisa junguiana, não sabia de Psicanálise porque eu era.. eu nasci aqui no bairro, classe média baixa, entendeu? Fazia Medicina porque minha mãe queria um filho médico na verdade, também tive que me separar disso hahaha

As sincronicidades permeiam toda a visão de mundo da entrevistada. Até mesmo carreiras que vislumbrou seguir, mas que acabou não o fazendo, ganham uma significação relativamente à sua história. Essa significação apresenta constantemente base sincronística.

R: Masculino e o feminino

S: Né, não..minha mãe queria um f.., né. E e tanto eu como meu irmão prestamos Medicina pra tentar corresponder à..

R: Expectativa

S: .. à expectativa. Eu consegui romper, meu irmão.. é.. não conseguiu entrar hahaha..porque ele não é tão inteligente como eu, né. E s.. teve que seguir outro caminho mas.. Então é isso, entendeu. Por que esse homem aparece na minha vida? Naquele momento? Pra me trazer talvez tudo que minha alma precisaria ao longo desse caminho, olha o sonho “ Você vai subir a sua torre que é a sua”. E que isso é bem sufi, isso é bem junguiano. O Jung não queria seguidores e o sufismo não quer seguidores, ele quer que você desenvolva..

R: A sua

S: A sua. Pega as suas pedrinhas e faz alguma coisa com elas.

R: É interessante porque bem no começo você me f.. tava me falando isso e eu tava preocupado assim, no.. então o que que é o é o é o princip.. é o denominador comum então mas o denominador é.. você

S: A busca

R: A busca do seu caminho

S: Do seu caminho

R: Quer dizer, cada um na busca do seu caminho, né

S: Exatamente. Eu até vou pegar aqui pra te ler os nomes, pra vc ter uma idéia..

R: Tá

S: ..pra você ver, deixei aqui pra te ler. Isso seria como é.. pra você ter uma idéia, mantras, mas cada um vai ter o seu, né.

R: Hum hum

S: E são 99, tá no Alcorão. Então vo.. eu vou ler pra você alguns pra você ver é..

R: São os nomes de D’us?

S: É, você conhece?

R: N..é.. deix.. ó, vou te falar, o Gilberto tava dando aula sobre isso..

S: Hahaha

R: .. semana passada

S: S.. Haha Sincronicidade, amor hahaha

R: É s..pois é

S: Abre os ouvidos..

R: Sim

S: ..é seu.. o.. por onde que você vai conseguir ouvir

R: Sim

S: Ó, então, “a fonte de toda a.. o..a o de todo o bem”, “o que cura”, “o que ressuscita”, “o que causa a morte”, “o que dá a vida”, “o cruel”, “o que acelera”, quer dizer, percebe, então tem que quebrar com esse paradigma da bondade.

A entrevistada apresenta um leque de nomes utilizados para designar D’us. Essas designações de fato mais se apresentam como os atributos da ordem superior que nos ultrapassa e que age em nossas vidas por meio justamente desses atributos, isto é, dando vida, curando, eliminando, e por que não dizer, agindo, por vezes, com crueldade. Contrapõe-se, assim à imagem popularmente difundida de D’us que é apresentado como unicamente bom. De fato, a entrevistada propõe uma quebra desse paradigma da bondade e sua substituição por uma apresentação de D’us segundo seu *modus operandi*. Mais uma vez, é preciso sublinhar que o modo de apresentação desses atributos tem sempre por base, seja uma sincronicidade pontual ou uma sincronicidade dedutível ao longo do tempo. Nesse ponto já não podemos nos furtar quanto à sacralidade da Sincronicidade no modo de vida da entrevistada.

Interessante notar que um dos atributos é a aceleração. O que esta aceleração denota é a irrupção da ordem superior no cotidiano, a irrupção de Kairos em Khronos, o maior ou menor espaçamento entre os eventos significativos e subseqüentes formando a trama de uma vida. Pois em Khronos, o tempo dos homens, a noção de aceleração do tempo não existe. O tempo em Khronos é constante, imutável. O único que pode acelerar-se é o tempo dos eventos e esse é exclusivamente Kairos, o tempo de D’us. Assim, aqui, do ponto de vista da análise fenomenológica, a noção de aceleradores sincronísticos, tais como o sacrifício e o amor, por exemplo, ganha fundamentação. Em Kairos, um dia pode ser como mil anos e mil anos como um único dia. Como disse Einstein: *O tempo só existe para que não aconteça tudo ao mesmo tempo*. Khronos está a serviço de Kairos.

R: Essa coisa.. você falou uma coisa, pinçou né..

S: É, fiz assim, é

R: A gente já leu..

S: É

R: ..pinçou um negocio de aceleração

S: É

R: Você sente alguma coisa com relação a isso assim? O que acelera. Né. D'us né. É aquele que acelera. Você.. já experimentou isso de alguma maneira?

S: Sim

R: Uma aceleração

S: Sim

R: Como?..

S: Esse..

R: Aceleração espiritual ou aceleração.. sei lá

S: Então, né lindo, acho que essa coisa de ir queimando etapa mesmo. Acho que tanto o caminho junguiano.. bom e também o caminho junguiano aí, vamos fazer um parâmetro né, que hoje em dia o caminho junguiano é uma colcha de retalho tanto quanto o cristianismo é, né.

R: Hum hum

Queimar etapas refere-se, de fato, a uma aceleração dos eventos.

S: Né. Então, de qual caminho, qual perspectiva junguiana nós estamos falando né. O junguiano que acredita.. porque também dentro do caminho junguiano hoje não tem ninguém que ac.. tem gente que não acredita que tem alma..

R: Sim. É tem..tem

S: ..isso é papo de doido. Tem né..

R: Tem de tudo, tem de tudo.

S: Tem da de

R: É porque são conceitos muito difíceis também né pra..

S: É. Eu brinco que no caminho junguiano hoje tem da de.. da extrema direita à extrema esquerda

R: Ha

S: A extrema direita é..

R: Tem o bicho grilo.. junguiano bicho grilo e o junguiano que é..

S: acende incenso..hahaha

R: É. Cara de terninho..

S: de terninho..

R: ..pasta. É

S: .. Psiquiatra, quase Psiquiatra

R: É

S: Dissociado né

R: Hum hum

S: E s.. se entregando à à cognitiva-comportamental, à medicação

R: O pior é que tem, sabia..tem..

S: Eu sei, amor..

R: Tem, tem os estudos comportamentais jung.. sobre Jung

S: É. Entendeu. Tem, tem de tu..Mas o q.. legal de Jung, que eu acho que ele ele..se você perceber o que é ser junguiano, poder perceber..

R: Abrange

S: ..que você pode abar..abarcando tudo isso

R: Hum hum

S: Por que é óbvio, você pega um TOC, por exemplo, é óbvio que a melhor coisa, num primeiro momento, é a medicação e a cognitiva-comportamental pra desensibilizar o sintoma pra depois ir pra análise trabalhar essa mãe.

R: Hum hum

S: Hahaha. É óbvio.

R: Claro

S: Não.. Não s.. não sou tola

R: N..não a.. não adianta já né chegar falar assim..

S: N.. n.. não tem ego, precis..

R: ..cadê a alma né

S: N.. n..n.. q.. f..

R: Não tem ego ..pra instrumentalizar

S: Exatamente. Então é.. eu não d.. eu não sou bicho grilo..

R: Entendi, não não é o..

S: ..mas também não sou.. eu eu prefiro o caminho do meio, né, que é o caminho junguiano

R: Hum hum

S: Na hora que o Jung pod..o o Jung era interventivo, ele era. Na hora que ele precisava.. ele tinha condutas quase comportamentais.

R: Hum hum

S: É isso..que que o meu paciente nesse momento né..

R: Tá precisando

S: Tá precisando. Então.. é.. mas o que eu acho que seria genuinamente junguiano é ouvir a voz interior. Quando o Jung fala pro Freud “Olha eu tenho que ouvir a cobra que tá dentro de mim”, não adianta, eu não vou ser freudiana, né. E acho que isso se..genuinamente “Eu não quero seguidores, eu não quero junguianos”. Ele só se convenceu, se você sabe um pouco da história, de formar uma sociedade, uma forma de uma transmissão do conhecimento entre aspas autorizada, quando ele percebeu que a coisa tava caindo nas mãos dos padres, dos dos protestantes, essa turma aí né que tenta juntar Jung com Protestantismo e.. aí ele falou “ Não, é melhor eu demarcar um campo mínimo aqui do que que é um caminho junguiano”, que pode até ter esse.. o padre, pode até ter o o o o o o protestante né

R: Mas então eu tava te.. desculpa

S: Voltando. Então..

R: S.. cr.. eu queria te perguntar assim, por exemplo, você sente que tem uma aceleração..

S: Ah então

R: ..de alguma maneira quando você tá freqüentando mais..

S: É impressio..

R: Tem uma relação..

S: Então, .. o que eu percebo..então, que acontece aquilo que você precisa que aconteça. É impressionante.

R: Hum

S: Quando você vai lá, porque é terças e quintas e uma vez por ano.. a aceleração se dá muito no encontro, respondendo à sua pergunta. Nas terças e quintas, eu sinto que acontece aquilo que eu estou precisando, necessitando que aconteça. Pro.. não que eu quero, tá. Não tamo lidando no nivelzinho do egorinho

R: Hum hum

S: Estímulo-resposta..

R: Sim, sim

S: .. satisfação. Veja “se necessitas muito..

R: Sim

S: ..todos que tiverem real necessidade”, estamos falando daquele outro nível

R: Hum hum

S: Então na terça e quinta, eu sinto que acontece aquilo que eu tô.. que realmente eu tô necessitando, se eu tô precisando acelerar, vai ac..se eu tô quer.. Agora a aceleração se dá muito no encontro, nesses quinze dias. Aí, meu.. Por quê né? Por que você..eu, e eu.. você.. eu por e.. fico na cozinha, então t .. q..você tem que cozinhar pra 800 pessoas, você... Você vai confrontando com um monte de coisa, coisa sua. Parece que te botam mesmo num acelerador.

R: Hum hum

S: Né de você tá entrando em contato com um monte de coisa pesada mesmo, né, geralmente esse encontro é um pouco pesado. De vez em quando, pra cada um. Às vezes, não. Dessa vez, foi leve pra mim.

R: Meio light, hum hum

S: Mas já foi muito..

R: Hum hum

S: .. então, acontece aquilo que precisa acontecer pra você

R: Entendi

S: É isso que é louco. É pra cada um. Então você pode chegar e sair de lá babando e eu sair paz e amor

A entrevistada relata que sua experiência de aceleração se dá quando dos grandes encontros com sufistas. Descreve a sensação de que acontece o que tem que acontecer,

se é necessário acelerar, acelera, senão, o contrário. Ainda que as modalidades intelectuais de compreensão estejam presentes na fala da entrevistada, as modalidades empíricas da aceleração, como a relação direta entre o sacrifício, por exemplo, e a aceleração sincronística, não podem ser verificadas nessa entrevista. O encontro com um grupo de 800 sufis deixa prever uma importante transformação interna decorrente da vivência intensa. A aceleração sincronística que tentamos pesquisar aqui diz respeito a uma íntima ligação entre o esforço sacrificial e a evolução de uma situação sincronística a este sacrifício, tal como descrita na introdução deste trabalho, permitindo uma relação quase quantificável. Ainda assim a noção de aceleração como atributo e até mesmo denominação para D'us não deixa de constituir um achado e um avanço. Lembremos, uma vez mais, que segundo a hipótese aqui defendida de uma comunicação em boa parte sincronística entre D'us e o homem, essa aceleração fundamenta-se em processos sincronísticos, não alcançando, por hora, um status cientifizante.

R: Hum hum

S: Então o que é legal eu acho no caminho sufi tão no caminho junguiano verdadeiro é possibilitar que cada um desenvolva o seu caminho

R: Hum hum

S: Sclaro no sufismo você tem: músicos, terapeutas, cineastas, intelectuais da USP – tem um monte inclusive lá – entendeu por causa que é perto da USP..

R: Hum hum

S: .. whatever. É pra cada um.. né

R: Ah, interessante né

S: O método..

R: .. muito d.. muito diversificado diversificado né

S: É, mas o que une? Une.. o reconhecimento de que eu preciso, necessito..

R: Hum hum

S: .. desse alimento de outro nível e o que eu preciso construir essa escada, eu preciso construir essa comunicação. As pessoas mais ou menos sabem o que precisam fazer e vão lá e fazem, né. E se colocam à disposição daquele método.

R: Você sente isso como um alimento mesmo?..

S: Ah, ..

R: .. que vem de cima

S: ..isso, indiscutivelmente. Você lembra quando eu te falei? Quando eu saí, eu saí por volta de trinta anos, né. A imagem que eu tive, não foi um sonho, foi imagem..que tinha.. vinha uma uma uma corrente de água, energia brilhante e que passava direto, não conseguia pegar nada

R: Represar né..não represava, você tava com um buraco né, que você falou

A entrevistada introduz a idéia da alimentação que vem de cima. O alimento que vem de cima é a comunicação com a ordem superior.

S: Um buraco, não segurava nada. O que eu sinto hoje depois que eu voltei, porq.. é muito interessante a a.. meu caminho, veja. Eu comecei muito jovem. O ego é, hoje em dia eu sei, o ego não tava nem formado ainda porque eu acho que o ego realmente estabiliza por volta dos 40. E além..acho, hoje em dia eu tenho plena consciência disso. Qual ego nós estamos falando tá, só pra você entender..

R: Hum hum

S: ..um ego que tá suficientemente pronto pra ser aberto

R: Pra agüentar a dissolução, hum hum

S: Porque antes você psicotiza. Por isso que eu sou da linha é depois dos 40 essa conversa

R: Haha.. bota lá na

S: Porque..

R: Põe põe pra..

S: ..tem que formar esse ego

R: Hum hum

S: E nós, no ocidente, além disso, nós temos.. o ego é ferido.

R: É

S: Quem de nós não teve um pai, uma mãe ou os dois no meu caso. Não dá, então.. então, primeiro tem que formar o ego. Eu acho que esse ego tá pronto pra essa tarefa aos 40. E, no nosso caso né, tem ferida, tem machucado ou não tem pai hahaha ou não tem mãe ou whatever. Tem a .. né ou a Psicologia é..o que a gente sabe nesses 100 anos de Psicanálise, né. Eu me conside.. inclusive eu eu me coloco assim tá, Psicanalista junguiano, pra fuder com os dois porque eu acho que o Freud.. o Jung só pode ser Jung porque ele foi freudiano..

R: Sim

S: ..aliás isso fica bem claro no so.. no filme

R: Filme

S: Nos dois, se você viu Jornada da Alma também. Que é a mesm.. então tem um filme..

R: Vi só O Método mas ficou claro realmente que..

S: Ficou. Tem um filme que é muito melhor, que é contado a partir da perspectiva da Spielrein que encontraram.. ela foi presa numa sinagoga pelos nazistas e ela pegou o diário dela e escondeu debaixo do.. da igreja na verdade. Naquela época tinha um negócio embaixo assim , pra por o livro..

R: Sim, sim

S: ..e ela pôs o diário dela ali, que foi assassinada com as filhas e alguém achou esse diário.. tava na Rússia, claro, lá no.. que foi na parte que ficou russa. Quando abriram o os os a as bibliotec.. enfim que você.. pode s.. encontraram o diário dela e fizeram um filme em cima do diário dela. Ela, a perspectiva da Spielrein sobre tudo aquilo. As cenas são muito parecidas inclusive se você ver esse filme, esse filme passou há uns 7, 8 anos atrás chama “Jornada da Alma”, que conta a perspectiva da Spielrein

R: Ah, não, eu assisti esse filme..

S: Você assistiu?

R: Pera aí..Jornada da Alma..s..

S: É que ele atende ela, que ele sonha com ela, ele acorda e ela tá lá jogada naquele.. naquele poço..

R: Eu não tenho certeza de ter.. eu v.. eu vi alguma coisa, mas eu sei do que você tá falando..

S: Então, mas existe esse filme..

R: Sim

S: .. que ele tá dormindo e ele acorda e ele vai lá e ela tá n no poço, que nem aparece no no filme lá no poço..

R: Hum hum

S: .. e o dia que ela morre ele sonha que um..uma matilha de v.. – esse sonho é lindo – uma matilha de lobos..

R: Lobos

S: ..matando uma gazela e ele sabe que ela tá morta

R: É, ó.. mesma coisa que né, que você me contou agora há pouco

S: É impr.. agora que você me contou e eu não me de me dei conta

Ocorre uma sincronicidade durante a própria entrevista. No início, a entrevistada relata o episódio de uma amiga que através da visão do retorno de um pássaro a sua casa entende que naquele dia seu pai doente morreria. Agora, ao final, a entrevistada relata o sonho de Jung, retratado aqui como personagem de um filme que sonha com a morte de uma gazela e entende que sua amante está morta. Ao apontar-lhe a sincronicidade da entrevista, a entrevistada se surpreende. É interessante notar, no entanto, que essa sincronicidade não tem sobre ela efeito paralisante. Ela se surpreende, porém segue com o fluxo de seus pensamentos. Percebe-se que é uma pessoa familiarizada com esse tipo de evento.

R: Hum hum

S: Mas o que eu ia te falar desse filme na verdade, pra citar o exemplo, de que .. n.. e além desse f.. fica muito mais claro como que ele manejava muito bem a técnica. Ele é.. ele é um Psicanalista. Então antes de ser junguiano, ele foi Psicanalista. Foi Psiquiatra e Psicanalista..

R: S..

S: ..pra ser junguiano

R: Hum hum

S: Então eu me coloco desse jeito, tá Ronny. Apesar de tar numa sociedade junguiana, que eu não decidi se eu saio ou se eu fico..

R: Ha

S: .. é eu me coloco uma Psicanalista junguiana porque quando meu paciente chega, eu começo a ver desde o começo. Como é que tá esse ego? Como tá a função paterna? Como é que tá a função mant materna? Como é que tá ruaruarua nanana? Que momento da história de vida ele tá? Ele tem 40, tem 30 tem 50? Vamos ver os sonhos. Que que o sonho tá pedindo? Aí, eu eu consigo ser uma.. consigo trabalhar, porque eu tô vendo os dois níveis..

R: Dá uma diferenciada

S: E tenho d..na d..porque olha..

R: É, tem, lógico.. tem informações importantes, você não pode des..desprezar porque senão.. vou sozinho

S: .. o que eu já vi junguiano comendo bola..

R: É

S: ..janguiano famoso, esse eu vou citar o nomes, eu espero que você não..

R: Não, não

S: O Tomás³⁰ indicar paciente pra mim, dizendo: “Sabrina, essa pessoa é uma mística, ela tem a visão Sabrina, Sabrina, ela tá vendo, ela tá..” “Tá bom, Tomas” “Eu tenho certeza que com você, você vai conseguir ajudá-la porque ela é uma pessoa sensível..”. A mina Psicótica, que que era mística, o caralho.

R: É

S: Não, graças a D’us que eu nunca obedeci pai nenhum, paguei meus preços por isso, falei é.. “Pera lá, Tomas, deixa eu ver haha..

R: É

S: .., acho que você tá errado” Hahaha

R: Pois é, porque não é.. é porque senão fica uma viagem onde tudo cabe mas não cabe tudo

S: Não, de acordo.. né..

R: Sim, aquel..

S: ..cada momento.. Uma das coisas que a gente repete muito na tradição “Tempo, lugar e pessoas”. Outra coisa, por que que nós queremos o mestre vivo?: “Qual é mesmo a necessidade dessa época?” Qual que é a conversa? Não adianta eu..hei..

R: Qual que é o contexto, né?

S: Qual que é o contexto? Você tem que tá orientado pro que tá acontecendo.. Se você quer servir, servir adequadamente pro que esse mundo tá precisando.

Os tempos mudam e com eles a necessidade. Aqui a entrevistada refere-se a uma maior ou menor aproximação com a ordem superior

R: Sim

³⁰ Nome fictício

S: . E aí, lembra? Não é você construir um castelo pra você. É construir um castelo que esteja a serviço de algo maior.

R: Você ser o veículo na verdade, né?

S: Exatamente. Né e na história você tem tudo isso. Tem todos os perigos, todos os erros haha que a gente comete. E eu, meu amor.. ah, só mais um exemplo. Esse primeiro homem. Esse primeiro homem causou uma verdadeira revolução na minha vida, né. Eu tinha dezessete..

R: Memórias, né

S: É. Eu tinha dezessete, ele tinha trinta e um.. é, eu larguei o noivo, larguei a medicina é..minha fam.. a es.. a igreja me expulsou, o partido também. Por quê? Por que ele era um homem casado e.. e era meu professor do cursinho e uma al.. uma uma colega minha da igreja que me viu com ele, contou pro padre, o padre contou pra minha família, foi o samba..

R: Fusuê

S: Meus tio vieram bater em mim.. Foi a..

R: Ischh

S: Enfim.. e.. foi o samba do crioulo doido. Hahaha As pessoas tem certeza que eu enlouqueci ali hahaha.

R: Hum,hum

S: É porque olha, da.. saí da igreja .. né – eu fui expulsa na verdade – larguei a.. é saí do partido comunista..

R: É uma ruptura, um nascimento qu..eu tu.. pelo que eu tô vendo v..d. saiu do..

S: Saí da.. é larguei o noivinho bonito que eu ia..

R: Tudo certinho

S: Larguei a medicina que minha mãe queria..

R: Largou todo o futuro..

S: Aparentemente

R: É.. certo

S: ..to né, pra ir nesse caminho aí né

R: Hum hum

S: Tem que subir minha torre cara, não..

R: Hum hum

S: ..a conversa é outra. Aí, esse homem, obviamente, a gente ficou 5 anos juntos e se separamos, ele se separou da mulher depois a gente o enf..Final dos anos 80, quando eu comecei a sonhar.. então, separei dele, nunca mais o vi. Separei dele em 84. Noventa e o..nove, 2000, quando eu comecei a sonhar, tô andando perto da minha casa ali no jardim, encontro uma amiga dessa época: “Oi Ivete, tudo bem? Nossa..” Pergunto do Walter. “ Ai, liga pra ele”. Pegue o telefonei, liguei pra ele: “Vamos se ver, vamos se ver” “Você dizia que vinte anos depois a gente ia se encontrar. Você l..” Pensa que eu lembrava disso?

R: Você que falava?

S: Ele f.. é eu falava pra ele

R: Você falava que vinte anos depois..

S: A gente ia se encontrar

R: É que você queria jogar pra pra frente talvez por conta de uma imaturidade, né..

S: Eu não sei o que eu falava

R: Um dia..

S: Sei lá eu o que eu fa..

R: ..eu vou tá pronta pra..

S: Sei lá eu o que eu falava

R: Hum hum

S: É que eu não lembro, eu quero dizer assim, eu não lembra..Quando eu cheguei lá, ele falou assim pra mim: “ Você me dizia que a gente ia se encontrar vinte anos depois”. Que é também essa..É é.. Por quê? Na prática, o que que aconteceu? Eu tive uma decepção amorosa muito grande com esse homem e ao mesmo tempo que eu me separei dele, começou a ruptura dentro de mim. E quando eu começo a juntar de novo, eu vou encontrar com ele vinte anos depois, que é quando eu começo a sonhar, quando as as mães de santo, quando eu volto pro caminho

R: Ó, tudo tudo cheio de sentido né

S: Não é louco isso?

R: É

S: E é isso mesmo, essa..esse reconhecimento de que algo que sustenta. Independente.. por isso que eu acho que aquela frase do Jung é bárbara “Invocado ou não, D’us está presente”

R: É. E é assim, eu, pelo que eu vi, da parte.. do que me toca, m.. só sincronicidade

S: Né..

R: Forte

A entrevistada relata mais uma grande e forte sincronicidade de sua vida. O seu primeiro namorado que causou importantes em sua vida e a introduziu no sufismo reaparece no momento em que ela via indícios e finalmente volta ao caminho do sufismo. Isto é estabelece-se uma ligação sincronística entre o aparecimento desse homem e do sufismo em sua vida. A segunda aparição se dá também pelo encontro com uma amiga que ela não via havia 15 anos e que sugere que ela procure o primeiro namorado. Outros sinais ocorrem encaminhando-a de volta ao sufismo. O encontro, 20 anos depois chegou a ser previsto por ela, porém sem esperar que realmente acontecesse, o que configurando uma sincronicidade retroativa. Esse reencontro permite que ressignifique algumas de suas antigas conclusões a respeito de seu primeiro relacionamento.

S: ..encontrar com a mulher na rua, não via ela há quinze anos, perguntar do Walter e ela continua amiga dele, me deu o telefone. E foi muito importante a conversa com ele. Por que assim, até então, é eu tinha certeza que homem não prestava porque ele tinha me traído e e nunca mais consegui ter uma relação, porque homem não vale nada. E eu sentei na ca.. ele.. ele é astrólogo até hoje. Primeira coisa que eu perguntei Rond “Você me traiu? Ele caiu de joelhos e falou “Eu juro que não”. Aí eu pensei: “Será que eu entendi os sinais errado?” E comecei a a curar parte dessa ferida, em relação aos homens. “Será que eu interpretei errado?”

R: Porque na época você achou?

S: Tenho certeza absoluta

R: Você tinha certeza

S: Absoluta

R: Sem provas?

S: S..

R: Alguma

S: é.. alguns sinais né

R: Sinais,

S: É

R: mas haha não haha são provas

S: É mas eu tinha..

R: Ó a diferenciação..

S: É

R: ..lá que você tinha falado no começo

S: É, mas eu era uma menina de 20 anos cara

R: É, você ainda não conseguia por isso que você chegou ..

S: Né e outra..

R: .. à conclusão que só que depois dos 40 que você..

S: É e outra coisa que eu também.. acho ..m.. m..aí você vai descobrir um monte de coisa. A minha família me criou, minha mãe minha.. aí você vai.. aí o cab..começa o caminho de auto des.. des.. autoconhecimento, quer dizer.. Por que eu interpretei o sinal daquele jeito? Porque a minha mãe e a minha vó disseram: “Você não vai sofrer”. Eu sou uma Artemis. A Artemis pede ao pai: “Eu não quero passar pelo sofrimento que as mulheres passam..”

R: Hum hum

S: ..Eu não”.

R: Entendi

S: Então, minha mãe e minha vó: “Você não vai precisar”. Então me criaram pra ser independente financeiramente, emocionalmente, homem, pra quê mesmo? Hahahaha Hum?

R: É

S: Então, os sinais que eu interpretei na época eram os sinais que já estavam pré-codificados pela minha história pessoal pra que eu enxergasse como traição. E aí eu cortei de vez porque o que sobrou era o sexo e o amor. Não tem o amor, passei anos comendo.. “ Ah, você vai me comer? Ah tá bom, também te como pruft..uma vez só tá porque..eu quero..” Passei anos assim, qual é “A brincadeira é só..é homem só pra isso?” Porque o sinal que eu vi na época era o sinal que tava pré-determinado pela minha história familiar que eu interpretasse.

R: Mas, na época, você não tinha essa visão..

S: Magina

R: ..de que era um sinal?

S: Magina..

R: Nem..

S: ..tinha certeza absoluta que ele tinha me traído. Tinha 20 anos, vinte e quantos, vai? Eu comecei a ficar com o Walter dos dezoito porque ele brinca que ele esperou eu fazer dezoito pra não dar corrupção de meno.. hahaha

R: É, é. Abafa o caso

S: d.. Abafa o caso.

R: Hahaha

S: Eu fiquei dos dezoito aos vinte e três.

R: Entendi

S: Comecei a fazer análise junguiana quando eu começo a me separar dele

R: Hum hum

S: Por quê? E a e.. mas essa consciência só veio depois né Ronny. Só veio... de que.. É isso que você falou, sinal ou prova, não, eu tinha certeza. Por quê que eu tinha certeza? Porque eu fui condicionada de esperar isto de um homem.

R: Hum hum

S: Então, óbvio: “ Ó lá, tá vendo?”

R: Primeiro sinal, você interpretou como prova

S: Exatamente e me separei dele

R: Como confirmação..

S: Dessa coisa que minha família me passou..

R: Culposa um pouco né

S: ..que eu não tinha nem consciência, nem consciência. E aí vinte anos depois, que eu não lembrava que eu falava isso pra ele..

R: Ele mesmo..

S: Ele mesmo..

R: Veio te falar

S: ..me lembrou..

R: Te lembrou do que você tinha..

S: ..que a gente ia se encontrar vinte anos depois e aí eu come.. esse ego já tá mais ou menos flexível pra que eu possa inclusive me questionar, falar “ Será que eu percebi errado,..

R: É

S: ..será que as certezas não são tão certas? Onde está a certeza então. Ah, aí começou a jogada. Aí começa o invisível né..

R: S..

S: ..aí você começa a desenvolver um olhar de profundidade..

R: Hum hum

S: .. e não de superficialidade. Aí você tá pronto pra verdadeira tarefa..

R: Só agora

S: Só agora, aos quarenta hahaha. Por isso que eu voltei pra Tradição. Você quer mais alguma coisa?

R: Haha

S: Ficou bom pra você? Hahaha

R: Olha d..t.. tem uma hora e tanto, vou ficar.. acho que tá bom, vou botar aqui a..

S: E..

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ATEU - ALEXANDRE

R: Pronto agora tá gravando já

A: Certo

R: Então, a gente pode falar do que a gente quiser, não tem problema. Só que depois a gente vai.. eu vou.. entrar mais no assunto. Então, assim eu tô.. eu sou Psicólogo, faço..

A: Certo

R: .. Mestrado na Psicologia da USP né..

A: Entendi

R: Psicologia Clínica. E aí eu..eu estudo o fenômeno de Sincronicidade. Sincronicidade são coincidências. É.. Ausência de coincidências na verdade. Por exemplo, pra dar um exemplo pra ficar..que a partir do exemplo fica tudo mais claro. Por exemplo, você tá ouvindo.. você tá pensando numa música, liga o rádio tá tocando aquela música.

A: Exato

R: Você pensou em tal pessoa, dia seguinte você vai lá, encontra essa pessoa. Então isso é o estudo das sincronicidades tá..

A: Das sincronicidades, entendi

R: Então, eu.. primeiro eu gostaria de saber, como a gente já tinha quase começado a falar qual que é sua posição assim em termos religiosos, você me falou que você é ateu né?

A: Sim, na verdade, eu fui batizado né..

R: Hum hum

A: ..na Igreja Católica Apostólica Romana..

R: Hum hum

A: ..fiz eucaristia, fiz crisma e a partir.. de uma certa rebeldia, a partir dos 18, 19 eu comecei a acreditar em.. eu na época tava meio que perdido, não perdido na vida mas eu tinha muitas dúvidas e eu comecei a frequentar muitas outras religiões de de primos e amigos..

R: Hum

A: ..e aí eu comecei a ver coisas que eu não via na minha e depois eu passei a ver e..e eu fiquei digamos..pensando “Mas como se existe um único.. diziam um único D’us mas

por que um deus é melhor que o outro? ou..” e eu comecei a.. a pensar “ Não, mas antigamente, antes de existir D’us, existiam politeístas..

R: Hum hum

A: ..então eu pensei comigo: “Eu acho que não existe” e eu comecei a seguir isto. Tal..

R: Você achou que não existe D’us

A: Não existia D’us, eu..

R: Tá

A: Desde criança eu tinha medo da morte. Eu eu..

R: Hum hum

A: ..comecei a..eu acho que eu criei essa idéia fixa que eu sabia que.. alguma coisa me dizia que eu não ia ter um uma outra vida porque eu acho que a..

R: Tá

O entrevistado relata o momento em começou a duvidar da existência de D’us.
Questionava-se sobre a existência de religiões monoteístas e politeístas e sobre a eleição de determinado deus em detrimento de outro

A: .. é um significado que muitos dão pra..a vida após a mor..eu acho que eu sou idêntico a um outro mamífero qualquer..

R: Hum hum

A: ..irá morrer e não vai se perpetuar

R: Cabô

A: Acabou. Eu não sei ainda em em variabilidade genética. Se um dia eu mea..a f..dentro de milhões, eu possa voltar a existir como variabilidade genética porque a gente é um encontro de de genes

R: De genes

A: Até aí eu não sei, isso é uma suposição minha, não tenho

R: Entendi. Você não tem provas, né então você não..

A: Não tem fundo científico mas é.. eu .. e assim, eu realmente eu eu não tenho, eu acredito que as coisas acontecem não sei como definam mas seria ou destino, sorte porque é uma coisa que eu pensei “Hoje eu tô sadio”..

R: Hum hum

A: Eu tive um amigo meu que teve um câncer

R: Hum hum

A: Então, assim, como essa pessoa teve um câncer e eu não tive? Então quer dizer que a.. D'us veio..olhou pra mim no céu, falou “Não, você é especial, você não vai ter câncer e o outro teve”. Então eu acredito que existem fatores como.. não destino mas às vezes aconteceu alguma alguma sequência nos genes dele, alguma coisa que levou ele a ter aquela doença mas não quer dizer que aquilo foi obra de D'us talvez é um..

O entrevistado introduz a idéia de cientificidade. Ele se vê apenas como organismo genético e não tem possui provas científicas de uma origem para além do que a cientificidade propõe.

R: Entendi

A: ..é um destino, uma coincidência que a gente não consegue controlar. A gente não sabe dá o nome pra isso, pra essa esse encadeamento de..

R: Enc..encadeamento né

A: Isso, de ações

R: Hum hum

A: Talvez se eu deixo de fazer uma ação, eu deixo de sair de casa, não acontece nada comigo, olha..

R: Hum hum

A: ..eu saio, acontece algo..

R: Hum hum

A: ..então, é muito..

R: Quer dizer a coisa concreta né

A: Concreta

R: São ações concretas que levam ao a ao encadeamento de outros resultados, é isso, não tem..

A: Então, é isso que eu acredito, eu não eu não.. a pessoa fala que é milagre mas às vezes muitos dos milagres atualmente as pessoas já olham com outros olhares e..

R: Desconfiança

A: Desconfiança. Então assim, eu nunca acredito que aquilo aconteceu..existe algum fator que determina. Eu não sei o que que é esse f..o que que é esse fator, o que que realmente encadeia vários fatos, encadeia o fato de eu nascer numa família X ou um outro fulano nascer numa outra família e de repente nós nos cruzarmos nessa vida. Hoje, por exemplo, eu sou de Foz do Iguaçu..

R: Hum hum

A: ..e e anos atrás eu não pensaria que eu estaria em São Paulo. Talvez eu imaginasse em outro lugar, eu não sei daqui a cinco anos onde..

R: Onde você vai estar

A: ..onde eu irei estar, talvez eu eu cruze com alguém na vida, então eu acredito que não existe.. o pessoas dizem que existe um plano traçado por D'us..

R: Hum hum

A: ..eu eu não acredito nisso..

R: Você não acredita nisso, entendi

A: Eu não tenho essa visão que existe algo co comandando..

R: Forças.. forças superiores né

A: Forças superiores.. mesmo porque..

R: ..comandando

Para ele, a vida de cada um é produto de encadeamento de eventos que se produzem ao acaso, não há um destino sustentado por uma intencionalidade transcendente

A: ..eu eu já passei por tratamento.. eu tive depressão..

R: Hum hum

A: ..eu tomei durante uns dois anos da minha vida remédio e eu me sentia artificial porque o remédio controlava o o meu humor..

R: Hum hum

A: ..e aí depois eu eu eu quis sair do remédio, eu queria beber, então larguei o remédio e continuei vivendo só que aí acho que fica.. eu tive minha pri.. crise depois que você sai, então eu percebi que realmente eu sozinho também não tenho o que as pessoas dizem de

alma porque quando eu saí do remédio eu não consegui controlar a minha vontade, o meu corpo.. é como se.. eu percebi que ali.. as pessoas dizem “ Ah, você tem uma alma que é isso, aquilo..”, mas eu percebi que quando eu deixei um remédio durante seis meses..

R: Quer dizer.. sem a..sem remédio, a alma não..

A: Não funciona

R: Não tá funcionando..

A: Não tá funcionando

R: Entendi

O entrevistado associa a alma à possibilidade do controle de sua vontade e de seu corpo. A partir de um episódio em que submeteu-se à ação de remédios, percebe que seu corpo e uma eventual alma ficam privados de suas características próprias e conclui, assim, pela inexistência da alma.

A: Depois eu comecei a fazer questões de controle de respiração, eu fiz muitas Psicologias, eu f..eu f.. acho que eu participei de..

R: Terapias?

A: De várias terapias e d dos diversos estilos dentro da da gama. Aquela comportamental..

R: Sim

A: ..aquela que faz você mudar, aquela que te te hipnotiza pra tentar mexer com seu sub-consciente, eu fiz..

R: Hum hum

A: ..todos os tipos de de tra..

R: Terap.. tratamento

A: Tratamento

R: É, intervenção

A: Então, hoje em tese eu não me conheço.. eu me me me conheço digamos trinta por cento

R: Hum hum

A: Eu sei que tem algumas coisas minhas, como todo ser humano, tem medo de conhecer porque nós somos.. eu acredito que nós somos movidos por por substâncias..

R: Sim

O entrevistado reafirma sua convicção de que nossas ações são disparadas por um conjunto de substâncias

A: ..e outras coisas que.. que se formam dentro de nós e que talvez nós não temos controle.. é é assim.. aí eu acho que o aspecto da religião entra. Eu acho q.. que quando a pessoa tem a crença, apesar de eu não.. de eu não crer, aquela pessoa que cria aquela crença, de alguma maneira, o pensamento positivo dela ou aquela idéia de que ela tá sempre protegida, talvez ela sinta uma certa segurança e que faz o cérebro dela se comportar de alguma maneira, eu não..

As possíveis conseqüências decorrentes da fé, como estar e se sentir protegido, se dariam por uma alteração no comportamento do cérebro, mas não por uma eventual ação transcendente

R: Faz o quê, desculpa, eu não peguei

A: O cérebro..

R: Ah, o cérebro, entendi

A: ..se comportar de alguma maneira. Porque eu sempre fico vendo pessoas crentes, pessoas às vezes que têm tanta convicção naquilo, então tudo é um motivo e às vezes eu não entendo.. eu tenho meu amigo Michel que que é extremamente hoje religioso né..

R: Hum hum

A: ..e às vezes ele.. alguma coisa ele comenta comigo, eu eu respeito né mas eu não acredito..

R: Eu entendi

A: ..então são coisas assim que eu fico pensando: “Nossa, mas e se não existisse D’us? E se um dia, o pobre que se mata por um deus, ele fala ‘putz, não existe D’us’ ”. “Que que aconteceria Psicologicamente no mundo?”, eu acho. Será que aquela pessoa ela ia f ter aquela vida regrada, pensando “Não, mas eu tô sendo humilde”. Isso falando na tese da Igreja Apostólica Romana que defende a humildade

R: Hum hum

A: Aí talvez tenha aquele a protestante que o trabalho é o é o moti.. da..de ser rico né

R: Hum hum

A: Mas aí quando a pessoa: “Pôxa, tô aqui trabalhando aqui ganhando dinheiro dinheiro mas n.. que que eu vou fazer depois com isso? Então.. eu acho que a partir do momento.. não sei se vai acontecer ou ou não.. a História nos mostra que que na época dos romanos, eles eram politeístas e de repente viraram católicos em menos de trezentos anos o catolicismo foi..

R: Alguns séculos

A: É alguns séculos, mas eles re.. herdaram uma religião, que eu me lembre – talvez eu esteja errado – dos gregos, aprimoraram um pouco mas depois eles viraram moni.. monoteístas..

R: Hum hum

A: ..então é muito estranho isso porque antes acreditavam-se em vários deuses, aí, passado um tempo, surge o catolicismo..

R: Hum hum

A: ..em Roma..

R: Hum hum

A: ..aí Roma cria o Vaticano e.. entre outras..

R: Toda a instituição né..isso é..

A: Toda a instituição..

R: ..toda a instituição religiosa..

A: ..então pra mim..

R: ..católica

A: .. é um pouco surreal porque se você for ver dois mil anos de de religião ou mesmo – eu não sei quantos anos tem o judaísmo, confesso.. -

R: Cinco mil e tanto

A: Cinco mil e tanto

R: Hum hum

A: Inclusive o catolicismo e e o o islamismo surgiram dessa religião..

R: Hum hum

A: que já era uma religião monoteísta

R: Sim

A: ..existem outras religiões que eram politeístas então.. e outras que adoravam animais então é muito.. é diferente.. que como o mesmo ser humano.. porque atualmente a gente sabe que nem questão de de raça que as pessoas dizem que.. o principalmente, as pessoas que são racistas.. “Ah não, existe uma raça..”.. não existe, é tudo o mesmo gene, tudo a mesma espécie, não é que nem um..

R: Hum hum

A: ..um cachorro que tem raças, variações de..

R: Diferentes né..

A: ..o ser humano é tudo a mesma espécie então como um ser humano no.. ao longo da história, desenvolveu uma certa religião, uma certa crença e um outro desenvolveu uma outra crença então.. é muito estranho porque em tese.. quer dizer que aquilo não..não é universal, ..

R: Entendi

A: ..eu acho que não é universal

Apesar das imprecisões históricas e biológicas de seu discurso, percebe-se que o entrevistado não assimila o fato da passagem do politeísmo ao monoteísmo em um período histórico que ele julga reduzido. Essa passagem fala contra uma universalidade que, esta sim, ratificaria o poder de um deus único

R: E você acredita.. como você acredita nesse fundo de substâncias e.. né da da da concretude do corpo que você tava me falando assim, das substâncias aí..quer dizer você não entende muito bem porque que..

A: O por.. eu assim..

R: ..daonde surgiu essas crenças diferentes né

A: Onde surgiu o.. pensamentos, eu sei que nós seres humanos somsm somos muito mutáveis em pensamento..

R: Hum hum

A: ..o pensamento que eu tinha dois anos atrás, hoje já não é o mesmo, talvez o pensamento que eu tenho, daqui há três anos talvez mude, então nós seres humanos, dependendo do que nós nos apegamos, nós somos muito mutáveis. A força de nossa mente ou como nós convivemos às vezes fazem nós termos certos apegos. Talvez hoje eu fale “Nossa, hoje eu sou ateu”, mas daqui, vamos dizer, 10, 20, 15, acontece algum evento na minha vida e eu começo a acreditar em algum..

R: Hum hum

A: ..algum tipo de deus, alguma entidade..

R: Força

A: Alguma força, então isso é estranho. De alguma certa maneira, eu não sei se o cérebro humano, durante a evolução, foi moldado pra criar alguma proteção, alguma coisa, isso acho que é.. quem sabe futuramente vão existir estudos melhores..

R: Hum hum

A: ..que demonstrem mas hoje eu tenho um pensamento que não existe porque.. primeiro, aquela clássica, que você nunca viu haha..

R: Hum hum

A primeira razão citada para que não creia em um deus é o fato de não vê-lo

A: ..segundo, é.. é estranho porque nós nascemos de células e, de repente, tem uma força oculta assim é..

R: Não cola pra você

A: Não.. não tem muito sentido

R: Hum hum

A: É.. é mais fácil eu acreditar que um extra-terrestre veio e criou nós..

R: Hahaha, entendi

A: ..do que.. do que um deus

R: Entendi

A: Mas ainda assim um extra-terrestre..

R: Porque extra..é ass.. t.. extra-terrestre, quer dizer seria essas figuras assim que a ci.. que a ciência até admite a existência né?

A: Admite a existência talvez porque a galáxia é muito grande

Um “evento” poderia mudar sua crença, mas esse evento inscreve-se na ordem do acaso ou como produto da biologia celular do cérebro, mas não como partindo de uma transcendência. Quando aparece, esta vem sob forma de um extra-terrestre, isto é, como produto ligado à ciência e previsto por ela

R: Hum hum, hum hum

A: Porque até agora ninguém soube como a nossa formação, existem milhares de..

R: Como surgiu o ser humano

A: Co..

R: ..aqui na Terra, você tá falando

A: Na Terra. Como o ser humano conseguiu desenvolver o a característica de raciocínio

R: Hum hum

A: Como os an.. o animal mais inteligente é o ser humano depois dizem que é o golfinho. Golfinho é um dos animais mais inteligentes. Só que como o ser humano conseguiu desenvolver uma capacidade maior do que o ancestral dele que seria o primata?

R: Hum hum

A: Então assim, são coisas que a gente não consegue explicar. Como?..E aí d.. de todos os animais é o.. é o mais in.. é o racio.. é o que raciocina

R: Hum hum

A: Né então..

R: É o mais desenvolvido

A: É o mais desenvolvido só que ele nasceu de um animal, ele veio de uma linhagem de um outro animal haha então é algo assim..aí esse que ele veio de uma linhagem de um animal aí ele..raciocinou agora “Eu tenho algo que me criou, vocês não foram criados, vocês não tem a mesma coisa dos outros animais, digamos né, vocês não tem a mesma condição de seguir a a a minha linhagem”

R: Hum hum

A: Então, estranho né, um leão poderia ser inteligente sei lá

R: E daí a partir daí criar essa.. esse ser que criou os homens, na verdade

A: Que criou essa essa..div.. divinizar isso..

R: Hum hum

A: ..eu não sei como como seria. Então e.. é algo que na minha inf.. concepção, a gente não tem controle e por nós termos medo, não termos certeza do que existe, damos o nome de.. de D'us e existem muitos estudos antigos que hoje se perdem, nós não sabemos por que.. como surgiu, como uma Igreja Católica se se disseminou, como o Islamismo hoje se dissemina, como é surgiu o Judaísmo..

R: Hum hum

A: ..ainda que tenha a história, são um povo perseguido mas como surge realmente..se às vezes a pessoa..existe uma coisa chamada poder de influência..

R: Hum hum

A: ..e o poder de influência pode ser usado para o bem e para o mal..

R: Sim

A: Você tem Hiter Hitler, por exemplo..

R: Hum hum

A: ..usou o poder de influência dele no povo alemão arrasado e criou um inimigo comum..

R: Hum hum

A: ..que pra eles eram o..eram os judeus..

R: Sim

A: Ainda que não fossem, ele criou um inimigo comum e todos.. toda uma nação, que tava arrasada, se manifestou contra isso então o poder de influencia de uma pessoa é muito perigoso..

R: Hum hum

A: Você cria um fato e você acaba con.. ao seu redor a persuadir as pessoas e esse fato é uma aquela mentira que de tão bem contada, de tão bem ideali.. idealizados os fatos, ela se torna uma verdade..

R: Aquela coisa da carapuça serviu né no caso

A: Exato. Coisas que às vezes não aconteceram..

R: Hum hum

A: ..mas acabaram sendo de tal maneira criadas, elaboradas.. mesmo porque um acontecimento – eu não sei Psicologicamente – mas eu sou um advogado..

R: Hum hum

A: ..então às vezes quando eu sei que eu não.. que eu não quero dar uma característica de mentira, antes de conversar com o cliente alguma situação, eu imagino que eu vivenciei aquilo, então todo dia eu crio aquilo pra depois, quando eu for conversar com o cliente, eu consigo passar a aquela informação sem titubear, sem piscar, assim sem fazer piscar ou senão eu f.. o raciocínio parar. Então eu consigo fazer a informação passar um fato que antes não existia, existir

R: Hum hum

A: Então eu penso: “ Será mesmo, se eu consigo fazer isso”..

R: Haha

A: ..e olha que eu eu me considero com uma capacidade mediana, imagina pessoas que poderiam ser mais inteligentes e dominar melhor fatos, conseguir realmente controlar a memória e nunca esquecer aquilo, e como se realmente tivesse vivenciado, na sua insanidade a pessoa viveu aquilo

R: Hum hum

A: Então acho uma coisa..

R: Tá e ela tem a maior capacidade de disseminação dessas idéias então, seria i..

A: Disseminar essas idéias, isso..

R: Entendi

A: ..hoje a gente vê pa.. pela internet, a uma pessoa cria uma comunidade ou mesmo ela criou o facebook, ela conseguiu disseminar uma idéia e que deu certo

R: Hum hum

A: ..então certos seres humanos vão ter maiores influências pelos outros e os outros vão aceitar essa influência então é..

R: Mas isso sempre através do raciocínio?, que você tá..

A: Sempre a partir do raciocínio..

R: Tá

A: ..sempre calculado..

R: Hum hum

A: Talvez às vezes a pessoa tem alguma insanidade mas ainda assim.. ainda na insanidade dela, é um pensamento.. deve ser algum distúrbio mental, feito por algum alguma coisa genética, alguma substância ou..

R: Hum hum

A: ..mas nunca uma.. como as pessoas dizem, uma encarnação, uma incorporação, enfim

R: Nada disso

A: Nada disso

A disseminação das crenças se daria graças a uma habilidade de comunicação e influência humanas e os distúrbios mentais em decorrência de fatores genéticos. Mais uma vez, não há espaço para nenhum tipo de transcendência

R: Tá. Agora, falando assim mais um pouquinho do do assunto mesmo da aqui da da da dissertação que eu tô fazendo, que são as sincronicidades, né,

A: Certo

R: ..as coincidências. Por exemplo, você já passou por alguma experiência assim, dessas que eu tinha te citado lá..

A: Então

R: Por exemplo, né isso aquilo foi um exemplo, a musica ou a u encontrar uma pessoa que você pensou ou sei lá essas coisas assim, não sei se você lembra de alguma

A: Eu eu tenho muitas..algumas situações e.. às vezes eu finj.. eu não sei se eu já vi acontecer, se eu já vi aquela pessoa mas assim.. ou às vezes eu sonho e no dia seguinte alguma coisa acontece nesse sentido, algo parecido do que eu sonhei.. eles dizem que isso até é a tradução de sonhos né

R: Hum hum

A: ..mas assim eu não dou muita haha credibilidade, eu acr..é às vezes acontece porque eu acho que foi o acaso acontecer mas já aconteceu de eu de eu sonhar com uma pessoa que eu queria, eu conheço e no dia.. eu sonhei e no dia seguinte a gente se t trombou

R: Hum hum

A: Então foi.. falei “Pôxa foi coincidência porque tinha sonhado com ela e depois encontrei ela na rua, coisa que não..”

R: Mas você chegou a ficar surpreso?

A: Fiquei surpreso porque havia sonhado haha

R: Hum hum

Ao citar sincronicidades experimentadas por ele, o entrevistado cita em as sincronicidades premonitórias. Ele se diz surpreso com sua ocorrência

A: Mas assim, não sabia explicar o porquê, dei como destino só haha não sei o que.. o que permeia isso mas enfim

R: Mas esse destino que você chama, não é D’us?

A: Não é D’us

R: É engraçado porque é destino, mas não é D’us..é

A: Não é D’us.. não não.. aí que tá , é é o espaço temporal que tá aquém do meu controle, que eu.. eu não sei o que vai acontecer amanhã..

R: Hum hum

A: É então, eu não sei do que vai acontecer daqui a 10 anos, 20, 30. Tá além da da da minha racionalidade. Minha racionalidade, ela funciona no atual.

R: Hum hum

A: Vive o passado que passou

R: Tá

A: Mas sempre pontual

R: Momento presente pra frente assim

O futuro está fora do alcance de sua percepção mas em função de uma racionalidade limitada

A: É, indo pra frente, mas nunca você consegue ter uma previsão de de 15, 20 an.. 30 anos sabe que “amanhã eu vou fazer isso aqui, eu vou encontrar tal pessoa”, isso não. Talvez.. aí eu eu coloco essa questão de nunca relacionar nada a D’us mas é ou destino, ou probabilidade, é a mesma coisa eu jogar uma moeda e ela cai cara e cair coroa, é uma probabilidade

R: Entendi

A: Só que isso aí, eu não sei como como se explica isso mas eu acredito que não seja D’us viu hahaha

R: Entendi. Não é não é.. não pode ser uma intervenção divina

A: Não pode ser uma intervenção divina

Os eventos e o futuro são produtos de acasos, de probabilidades, mas não de uma intervenção divina

R: A.. por mais que a coincidência seja assim.. tipo daquela..inesperada que você nunca imaginou

A: Na.. é..

R: Aí você..

A: ..eu acho que não, não sei, aí é uma questão de como é controlado o espa.. existem estudos né de Einstein sobre..

R: Hum hum

A: ..o espaço, o tempo..eu nunca entrei a fundo mas muitos físicos já têm estudos avançados sobre isso. E muitos já j.. já não acreditavam na figura de D’us como criação porque.. é estranho né porque.. eu, por exemplo sou um esper.. fui espermatozóide dentro de milhões. Por quê eu surgi e o outro não surgiu? Pra mim é um destino, é uma probabilidade que.. de dar certo ou não, a mesma coisa quando acerto, erro e acerto..

R: Hum hum

A: Mas nunca..

R: Não tem uma intencionalidade por trás

A: Não tem. Não tem algo que tá: “Olha, você Fernando, nasceu nesse dia, mas eu tô te controlando, daqui a pouco.. daqui a a cinco dias você vai conhecer essa pessoa, vocês

vão se casar, vão ter um filho X, seu destino tá todo traçado, tem uma linha aqui.. não, isso eu não acredito..

R: Você não acredita nisso

A: Mesmo porque às vezes você pode acabar haha com seu destino de outras maneiras

R: Hum hum

A: É, é..exemplo, a pessoa que se suicida..

R: Hum hum

A: ..tipo hahaha. É talvez ela tinha um destino, ela se suicidou..e às vezes é.. ou ela não se suicidou e..eu também não sei se era o destino dela acontecer isso mas eu nunca acho que tem uma intervenção divina, eu acho que você faz aquilo no momento da sua irracionalidade. São as experiências que você vive. É.. existem crianças que se ela não vivesse na violência ela ia ser diferente. Então se ela tá ali viv.. se eu fosse hoje criado numa região violenta, talvez eu fosse violento..

R: Entendi

O entrevistado cita o suicídio como forma de alterar o destino

A: ..mas como eu fui criado numa região calma eu sou calmo, então isso já definiu o que eu vou ser, o os caminhos que eu trilho pela minha experiência mas nunca dizendo “Olha você vai ser isso” porque se você tira aquela criança da violência e coloca em outro ambiente, ela já.. ela vai mudar o comportamento..

R: Hum hum

A: ..pelos exemplos aprendidos

R: Hum hum. Agora, eu ta..é..por exemplo assim, outro.. exemplos, fora esse do sonho, de coincidências assim que aconteceram na sua vida, você tem, você lembra de algum, você.. que tenha te chamado atenção ou.. ?

A: N..

R: ..Nao é.. de qualquer maneira não é um fenômeno que você presta muita atenção, as coincidências assim

A: É, nunca.. às vezes eu.. aqueles famosos déjà vus né..

R: Hum

A: ..que você fala que você viu aquilo, já viu isso mas não lembra de onde

R: Hum hum

A: Mas nunca..

R: Você não parou pra se questionar assim..

A: Me questionar

R: ..sobre isso

A: Eu tentava na verdade.. eu o máximo que eu cheguei..chegaram a fazer foram perguntar o que que eu sonhava quando criança, que que eu tinha de medos né porque geralmente o seu subconsciente no sonho falam que ele se manifestam o que você vive no seu dia-a-dia né

R: Hum hum

A: Mas eu nunca assim realmente parar pra pra ver as coincidências, não. Às vezes, eu sei que eu já vi uma situação, mas eu não sei explicar o porquê eu vi aquela situação

R: Hum hum, hum hum. Mas, também, caso você vive uma coincidência dessas absurdas assim sei lá, você tá.. é é essas que eu te falei ou até tem outras piores, você pensou naquela pessoa mas em 5 minutos..ou então você ouv.. você pensou numa palavra, alguém já pronuncia essa palavra, isso aí você não presta atenção, não..

A: Não

R: ..passaria batido por você assim

A: Às vezes.. Passaria batido. Talvez porque eu raciocino de forma um pouco mais racional e eu..

O entrevistado diz não dar atenção especial às coincidências e acredita que isso se deva por possuir uma apreensão mais racional da realidade

R: Lógica né

A: Lógica. Eu eu não tenho s.. muitas pessoas são superstivasciosas, eu.. assim se eu dizer que eu não tenho uma superstição..

R: Hahaha

A: ..eu seria mentiroso

R: Você tem alguma?

A: Eu tenho só uma, é..

R: Qual que é?

A: Eu sempre tento entrar no nos lugares com com o pé direito

R: Entendi

A: Essa é a única su superstição que eu tenho, talvez é por eu ter tipo ter desenvolvido um TOC..

R: Hum hum

A: ..é uma coisa que já veio do meu do meu TOC..

R: Entendi

A: ..é a única coisa que eu não consegui manter porque eu sempre tive.. quando eu desenvolvi isso, eu sempre entro com com o pé direito no no lugar. E eu já tinha isso.. no TOC eu já tinha manifestado isso

R: Tá

A: Foi a única co.. questão que de todos os outros que eu consegui me livrar, esse eu não me livro. Esse é uma coisa que eu sempre quando eu vou entrar num lugar e que eu não conheço, é sempre com o pé direito

Em contraposição à mentalidade mais racionalista, ele passa a falar de superstições. Relata ser portador do Transtorno obsessivo-compulsivo e acredita ser a única superstição que possui, entrar nos lugares com o pé direito, um resquício desse transtorno, do qual não conseguiu se livrar

R: Mas já te aconteceu de não entrar com o pé direito?

A: Já aconteceu

R: E aí? Você observou alguma consequência assim?

A: Não, não observei nada..

R: Nada

A: ..de consequência. Talvez.. eu posso até.. uma vez eu eu entrei realmente com num lugar de pé esquerdo e aconteceu algo, ah teve uma briga num lugar

R: Hum hum

A: ..mas uma vez eu também já entrei jde de pé esquerdo e deu certo porque eu me esqueci.. a .. porque eu não me controlei no momento de..

R: Hum hum

A: ..entrar. Tava pensando em outra coisa entrei c co com o pé esquerdo então eu falei aquele dia deu certo e esse outro não mas é uma..

R: Só isso?

A: Só isso. Só que é..acaba sendo não s.. sendo uma superstição. É estranho eu falar: “Olha só, eu não acredito em D’us”, mas acabo tendo uma uma..

R: Hum hum

A: ..pequena superstição..

R: Hum hum

Em determinada ocasião, quando não atendeu à superstição de entrar com o pé direito nos lugares, único resquício de um transtorno obsessivo-compulsivo, o Ateu relata ter observado uma briga ocorrendo no lugar, porém, em outra oportunidade diz ter esquecido de atender à superstição e não ter percebido nenhum fato incomum.

A: ..que e.. eu não tinha e depois quando eu comecei a a ter u vamos s.. os meus problemas, eu eu criei essa. É é muito est.. é t é uma coisa que hoje eu tent.. tento até evitar às vezes de.. Tento não pensar como eu vou entrar. Mas geralmente eu entro com o pé..

R: Direito

A: Direito. Aquele momento eu vou querer entrar com o pé direito

R: Você sempre procura entrar com o pé direito

A: Vou sempre procurar entrar com o pé direito. Às vezes eu eu posso me esquecer dependendo do que eu tô pensando, mas quando eu tô..

R: Consciente

A: Consciente, eu sempre tento entrar num lugar com pé direito. Assim, geralmente, lugares fechados né.. assim, metrô eu posso entrar com o pé esquerdo mas novos lugares, sempre tento entrar com o pé direito. Se eu vou pra um.. se eu tô numa balada, primeiro passo que eu vou dar dentro daquele l lugar, vai ser com o pé direito

R: Você sempre tem essa preocupação

A: Essa preocupação. Principalmente quando o lugar é novo.

R: Hum hum

A superstição que relata tem um cunho obsessivo, maníaco. Procura não obedecê-la, mas muitas vezes não consegue. O entrevistado especifica que a superstição acontece mais acentuadamente quando se trata de lugares novos.

A: Às vezes quando..hoje no trabalho, eu entro com o pé esquerdo, às vezes eu entro com o pé direito. Mas quando eu quero que alguma.. algo aconteça bem, vai ser o pé direito sempre

R: Mas e.. isso é uma crença. Essa é uma crença que você tem, né

A: É, isso

R: Eu não sei no que que você tá acreditando assim

A: No no que que eu tô acreditando né

R: Haha. Não é D'us

A: Não é D'us mas é um.. não seria uma crença, seria uma superstição

R: Uma superstição. Tá.

A: Eu acho que vai dar certo porque.. eu não sei explicar

R: Hum hum

A: O porquê eu acho que aquilo vai dar certo. Só que na verdade, é isso que eu te falo da re.. das pessoas que têm religião, elas têm um pensamento positivo, talvez a.. alguma coisa..

R: Ah, entendi

A: Então quando eu tenho essa minha supers..tição de que eu que eu entrei com o pé direito, me dá segurança..

R: Eu entendi

Agora, o Ateu fala da superstição em termos de esperar que as coisas dêem certo. Diz acreditar que se entrar com o pé direito, será bem sucedido. Retoma o pensamento, que

anteriormente relacionou aos religiosos – e o faz novamente –, de que o pensamento positivo – e, portanto, a fé - traz sucesso e segurança.

A: Então é estranho porque assim eu sei que que isso é ridículo

R: Haha

A: Eu posso entrar com o pé direito ou esquerdo em qualquer lugar e não vai mudar..

R: Hum hum

A: ..porque quem vai mudar vou ser eu..

R: Hum hum

A: ..isso que eu tô te falando só que naquele momento é é.. trata-se de uma mania que eu não consigo até hoje me livrar, eu faço automaticamente

R: Entendi

A: Eu tento controlar, falando “Não, isso é estupidez, você raciocina, não vai mudar sua vida se você entrar com um pé ou com o outro, você pode entrar até quicando no no chão e não irá mudar..

R: Hum hum

A: ..só que é algo que talvez o meu cérebro me condicionou a pensar assim..

R: Entendi

A: ..depois um.. eu não tinha isso, ganhei e hoje é difícil eu tirar isso. Eu tento até fazer controles, faço controle.. controle de respiração mas, enfim, é uma coisa que tá ali dentro, quem sabe um dia seje.. você fala: “Vai existir lobotomia” “Beleza, quero que essa parte aí você..

R: Você..

A: .. você tire..” porque pare..

R: ..da superstição..

A: ..é..

R: Ha

A: ..porque parece que tá programado. Se programou de uma alguma maneira que eu não sei o porquê está ali

R: Ah..haha

O entrevistado retoma as hipóteses orgânicas para, nesse caso, explicar sua superstição, que qualifica como ridícula e obsessiva. Para saná-la, vislumbra a lobotomia.

A:..eu já já até conversei com umas pessoas e elas dizem que é como certas coisas, inclusive.. é .. o ser humano, por exemplo. Cada ser humano tem uma sexualidade diferente..

R: Hum hum

A: ..então as pessoas falam: “Ah, tais seres humanos têm gostam disso e outros gostam daquilo então talvez eu dou isso à minha de entrar com o pé direito como se fosse uma mania, como uma pessoa que.. que segura um talher de uma alguma determinada maneira, como se fosse um.. alguma coisa..

R: Uma característica sua

A: Uma característica minha

Qualifica a superstição de característica pessoal sua

R: Mas você falou que você adquiriu isso

A: Isso, adquiri, eu não tinha quando criança, não tinha quando adolescente

R: E você lembra como você adquiriu?

A: Eu na..

R: Ou não?

A: Eu não lembro porque eu quando eu tive.. eu comecei a ter o princípio de TOC, eu criei muitas manias, então eu tinha mania de querer tomar três banhos por dia

R: Três o quê?

A: Três banhos

R: Ah tá

A: De três, quatro banhos. Às vezes eu não ia pra faculdade, porque falei: “ Tô todo sujo, tenho que tomar banho, agora vou me sujar, não vou sair de de casa..”

R: Entendi

A: Então eu desenvolvi tantas manias, que eu não sei como essa surgiu. Deve ter surgido também dessas..

R: Na esteira dessas outras, surgiu essa superstição

A: ..surgiu essa. Só que as outras, depois que eu fiz o tratamento, depois que eu comecei a fazer não só o tratamento.. o tratamento Psicológico..

R: Hum hum

A: ..é o tratamento na.. no caso Psiquiátrico mas o Psicológico, então eu consegui me livrar porque eu falei: “Olha, isso aqui você não precisa, isso não vai mudar sua vida se..”. Então essas eu fui tirando, essa ficou..

R: Essa ficou

A: D de uma característica menor porque assim eu só faço isso quando eu realmente eu vou entrar no no no mais em um num ambiente que eu não conheço

R: É interessante que as outras manias, elas não eram tão assim é ligadas a uma superstição, né

A: É verdade

R: Mas essa é uma.. é bem é uma coisa que.. bem difundida como uma de superstição, né

A: Isso, ela ficou ela ficou como uma mania supersticiosa..

R: Entendi

A: ..e que eua eua eua como eu te digo eua eu acho engraçado porque eu sei que isso não vai mudar, eu vou entrar com o pé direito ou esquerdo eu v.. na.. não deu..

R: Quer dizer, não vai ter conseqüências

A: Não vai ter conseqüências, mas é uma maneira de eu me sentir seguro. Vai se acontece alguma coisa, vai se.. e..

R: Por via das dúvidas

A: Por via zdas..das dúvidas. Mais ligado a essa questão de probabilidade e sorte. Talvez eu..se eu.. é é aquela pessoa que se ela tivesse trancado a porta.. “Ah, não vou trancar hoje a porta”. Aí foi lá.. e assaltou..

R: Entendi

A superstição adquire aqui a característica de proteção, de conferir segurança

A: ..a ela

R: Entendi

A: Então é uma coisa assim “Ah hoje eu não fiz isso, eu deveria ter feito..”. Agora..

R: Pra precaver, você..

A: Pra precaver acaba.. acaba sendo uma mania supersticiosa mas que não tem a ver realmente com religião porque eu não acredito que que tá ali uma entidade falando: “Não você entrou com o pé direito, hoje eu vou te iluminar porque ..

R: Hum hum

A: ..você fez assim”. Não, isso eu não acredito, é mais uma..

R: Entendi. Entendi. Beleza, eu assim, eu por mim, acho que tá bom porque eu consigo entender a maneira que você vê as as coincidências, que é o que eu tô estudando mesmo.. eu vejo..

A: Certo

R: ..a sua.. sua posição com relação à religião, o a tudo que você me falou, então..

A: É, realmente é é só..é realmente eu não..só minha su.. minha pequena superstição aí hahaha

R: Resquício né

A: Resquício que..

R: É

A: ..realmente não.. essa não não sai. E assim, realmente, como eu te digo, n não real.. não acredito. Eu vejo as pessoas que conversam, acreditam, falam. Eu já fui em sessões espíritas aí o cara falou: “Olha..”, ele me disse: “Ah você tem uma grande espírito tal, você tá com boas intenções..”. E ele falou assim: “Continue assim”. E eu comecei a pensar: “Tá bom, vamos ver se ele está falando a verdade”. Eu eu pensava: “Vou te matar”, sabe, é como se eu tivesse colocado uma energia negativa em mim

R: Hum hum

A: E e tava pensando milhares de besteiras e ele disse que eu tava como uma..com um bom físico, ..

R: Ha

A: ..que eu tava bem encarnado daí eu falei “Olha..

R: Entendi

Aqui o entrevistado confessa ter instrumentalizado pensamentos negativos em uma sessão espírita para observar quais seriam as respostas de seu interlocutor espírita, mas obtém a resposta a resposta contraditória que estava bem encarnado

A: ..n..”. Aí eu olhei assim.. eu não quis ser deselegante, eu só falei: “Tá”, eu aceitei mas.. é algo que realmente n.. eu não.. eu não dou a este fato

R: Você não credita né..

A: Não..

R: ..você não dá a credibilidade

A: A credibilidade. Eu tenho uma amiga no Facebook que ela.. roubaram o carro dela, então ela diz “Ah, D’us roubou meu carro, D’us deixou roubar meu carro porque futuramente eu vou ter outro carro” e aí um dos nossos amigos falou assim: “Então você vai deixar de pagar o plano de saúde porque você confia em D’us?”

R: Hum hum

A: Então assim, eu acho que não é isso, eu já vi pessoas que acreditam em D’us largar algumas coisas, alguns tratamentos.. e morrer

R: Entendi

A: Então quer dizer cadê o D’us ali que ela que ela tanto acreditava? Aí o as pessoas que são religiosas falavam: “Mas faltou fé”. Será? Então, eu não acredito hahaha

Por fim, o entrevistado reafirma sua crença no conhecimento científico da medicina e sua descrença na transcendência. Se existisse, ou fosse bom, D’us não deixaria que roubassem o carro de sua amiga

R: Entendi. Ok. Pra mim assim..

A: Perfeito?

R: ..já tá bom, já tá bom...

A: Ok, então

R: Ok? Vou interromper aqui.. Pronto

3. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é o termo de consentimento livre e esclarecido referente à pesquisa de Mestrado em Psicologia Clínica sob o título “Investigando a Sincronicidade: em direção ao fenômeno do sagrado”. O objetivo principal dessa pesquisa é estudar o fenômeno de Sincronicidade e suas particularidades em diferentes grupos populacionais. A Sincronicidade supõe que as coincidências não são meros produtos do acaso, mas sim manifestações significativas do inconsciente. Além disso, a presente pesquisa trabalha com a hipótese da ligação do fenômeno de Sincronicidade com o registro ontológico e não apenas psicológico do indivíduo. Por um lado, a hipótese a priori é de que a Sincronicidade esteja muito mais presente em nossas vidas do que normalmente supomos. Por outro, ela pode muitas vezes colocar-se de modo complementar ao lado da cientificidade para a organização de diversos aspectos de nossa vida, especialmente a vida psíquica.

Para estudar tal fenômeno, essa pesquisa conta com a realização de entrevistas semi-dirigidas, tendo por foco o estudo de coincidências significativas na vida dos entrevistados. Em alguns dos casos, esses entrevistados são representantes de orientações religiosas, universo onde, supostamente, as coincidências significativas poderiam ocupar um lugar de maior destaque. Nestes casos, a entrevista tem por foco não apenas as coincidências significativas ocorridas na vida pessoal do entrevistado, mas, também, a visão oriunda da orientação religiosa em questão sobre tal fenômeno.

As entrevistas serão gravadas em áudio e transcritas para publicação no corpo da pesquisa, após o que serão arquivadas em local próprio de acordo com as exigências do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para possível uso em futura pesquisa de Doutorado. Para garantir o sigilo, o entrevistado terá seu nome ocultado. Garante-se ainda, ao entrevistado, os direitos de pedir os esclarecimentos que julgue

(Rubrica do pesquisador)

(Rubrica do sujeito de pesquisa)

necessários, em qualquer tempo, deixar a pesquisa a qualquer momento, retirar seu consentimento sem quaisquer consequências, penalizações ou prejuízos.

Concluídas, as entrevistas serão submetidas a uma análise fenomenológica no intuito de destacar os significados comuns que irão, então, possibilitar uma maior caracterização do fenômeno de Sincronicidade. Por tratar-se de uma pesquisa de cunho fenomenológico, busca a experiência “vivida” pelo entrevistado. E o “vivido” não é necessariamente o “sabido” de antemão. Portanto, o benefício maior que pode prover ao entrevistado é justamente a aquisição de novos sentidos e saberes a respeito de si próprio e suas relações com o mundo, sobretudo em relação à temática em foco. A pesquisa fenomenológica permite ainda que alguns desses sentidos sejam construídos durante o momento mesmo da entrevista e confirmados junto com o entrevistado, o que, por um lado, garante a transparência das conclusões que vão sendo elaboradas e, por outro, permite o esclarecimento da própria metodologia utilizada. Esses benefícios do estudo se estendem aos que se interessarem por uma via a mais para o autoconhecimento, tem aplicações diretas na prática clínica, pois abre novas possibilidades para a compreensão dos problemas e das dinâmicas dos pacientes e pode até chegar a futuramente criar novos paradigmas para a organização da vida cotidiana, levando em consideração a ocorrência e a significação das sincronicidades. Tendo isso em vista, a pesquisa não deixa pensar em riscos ou desconfortos ao entrevistado, além daqueles representados por uma análise psicológica de seu relato, sempre, porém, dentro da temática em foco, a qual, por si mesma, não traz

(Rubrica do pesquisador)

(Rubrica do sujeito de pesquisa)

consigo a possibilidade de traumatização, favorecendo, ao contrário, a leveza e o enriquecimento psíquico. Os riscos podem, portanto, ser classificados como mínimos.

A pesquisa não envolverá custos para o entrevistado uma vez que prevê entrevistas de apenas um encontro, com duração aproximada de uma hora, realizado em local fixado pelo entrevistado, conforme sua facilidade e conforto, que não lhe cause prejuízos de qualquer espécie, e ao qual irá dirigir-se o pesquisador.

O entrevistado conta, ainda, com a assistência do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo como primeira opção de atendimento secundário em caso de possível - mas improvável nesta pesquisa - dano à sua saúde em decorrência da entrevista.

Para qualquer necessidade, o pesquisador deixa disponível o endereço e telefone da Secretaria do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, bem como do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo aos quais encontra-se filiado e deve prestar contas dessa pesquisa. Deixa também seus próprios dados para toda e qualquer eventualidade e esclarecimento.

- Secretaria do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo: Av. Professor Mello Moraes, 1721, Bloco F – Térreo - Cidade Universitária – São Paulo – SP.

Tels.: 3091.4910 e 3091.4173.

- Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (CEP-HU/USP): Av. Professor Lineu Prestes, 2565 - Cidade Universitária – São Paulo – SP - CEP: 05508-000 - Tel.: 3091.9457 - Fax: 3091.9452 - E-mail: cep@hu.usp.br

(Rubrica do pesquisador)

(Rubrica do sujeito de pesquisa)

Dados do pesquisador:

Ronny N Cohen – Psicólogo – CRP: 06\28592

e-mail: ronnyncohen@yahoo.com.br

Tel.: 9278.7271

Esclareço que os resultados dessa pesquisa poderão ser publicados, porém sempre com a garantia do anonimato do entrevistado.

O entrevistado fica ciente ainda de que participa de livre e espontânea vontade da pesquisa nos termos expostos acima e de que não arcará com nenhum custo relacionado a ela nem tampouco será remunerado por sua participação.

(Rubrica do pesquisador)

(Rubrica do sujeito de pesquisa)

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

Nome do sujeito de pesquisa:

Número do documento de identidade:

Sexo:

Data de Nascimento:

Endereço:

Telefone:

São Paulo, de de 201 .

Ronny N Cohen

Pesquisador

Entrevistado

(Rubrica do pesquisador)

(Rubrica do sujeito de pesquisa)

4. PARECER SUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA³¹

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Hospital Universitário da Universidade de São Paulo - HU/USP

PROJETO DE PESQUISA

Título: A Sincronicidade como Manifestação do Sagrado

Área Temática:

Pesquisador: Ronny Nathan Cohen

Versão: 1

Instituição: INSTITUTO DE PSICOLOGIA ((USP))

CAAE: 01032712.6.0000.0076

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 51423

Data da Relatoria: 22/06/2012

Apresentação do Projeto:

Projeto realizado por psicólogos com objetivo de avaliar, por meio de entrevistas, pessoas de diferentes credos.

Objetivo da Pesquisa:

Procura de pensamentos comuns frente a heterogeneidade do grupo de sujeitos de pesquisa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Risco mínimo. Benefícios, também.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O pesquisador pretende avaliar desde religiosos até ateus.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termo de consentimento adequado.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

APROVADO

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:

Não

³¹ O trabalho foi renomeado para fins de adequação metodológica

Considerações Finais a critério do CEP:

À semelhança do redator, consideramos o trabalho aprovado.

SAO PAULO, 06 de Julho de 2012

Assinado por:
Maurício Seckler